

ALTA FUSCA

Enrique / Rodriguez

FEVEREIRO · 1959

Segunda Quinzena

Cr\$ 15,00





Elá também aprecia

PARA a família inteira, a qualquer hora do dia ou da noite, a RECORD apresenta um programa novo, gostoso, diferente. Moços e velhos, brotinhos e vovós, todos têm o que ouvir, porque a RECORD ensina, informa e distrai. Por isso é que a RECORD tem o maior público ouvinte do Brasil!

PRB-9

Rádio **Record**
A MAIOR

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

ONDAS MÉDIAS

1.000 kcs
50.000 watts

ONDAS CURTAS

19 — 25 — 31
e 49 metros

**TAXI AÉREO
PARA TODO
O PAÍS
SEMPRE À SUA
DISPOSIÇÃO**

SUPER CESSNA



TAXI AÉREO

**PILOTOS
PROPRIETÁRIOS**

José Afonso Assumpção
Juvenal Cabral Nunes
Aroldo Reis Paiva
Hélcio Reis Paiva

AGÊNCIA Av. Amazonas, 507 — Edif. Dantés — Loja 9-C — Telefone: 4-9662 (de 7 às 22 horas).
A qualquer hora da noite — Tel 2-4689

AEROPORTO DA PAMPULHA

REVISTA DE IDENTIFICAÇÃO

Está circulando mais um excelente número da «Revista de Identificação e Ciências Conexas», editada em Belo Horizonte, sob a competente direção do Sr. Raul Pedreira Passos. Essa nova edição, correspondente ao 2º semestre de 1958, apresenta trabalhos de grande atualidade firmados por consagrados nomes como Nelson Hungria, Leonídio Ribeiro, Roberto Lyra, Newton Marinz Freire, Nicias Continentino, Raul Pedreira Passos e outros, tornando-se um repositório precioso para os estudiosos da matéria.

DR. GLAUCO FERNANDES LEÃO
CLÍNICA DE CRIANÇAS — NUTRIÇÃO

★

Consultório: Rua São Paulo, 893 — Ed. Borges da Costa — 13º andar
Reserva de consultas: fone 2-0295
Belo Horizonte

DR. JOSÉ CHIABI

**Clinica e cirurgia de
OUVIDO, NARIZ E GARGANTA**

Edif. Banco Crédito Real - 13º pav. - Sala 1.302
Rua Espírito Santo, 495 — Telefone: 4-4040

**A VOZ
DO BRASIL**

• Parecia piada; mas não é piada, não, senhores. E' a mais pura verdade, embora triste e lamentável! O Brasil vai importar feijão a produtores estrangeiros! Feijão, sim, senhores. Parecia piada, mas não é...

Ubirajara Martins
GAZETA DE LINS — SP

• Agora, o político é profissional de carreira. Os candidatos derrotados julgam-se no direito de pleitear dos colegas eleitos uma recompensa por sua contribuição à legenda partidária... Todos querem viver à custa do erário público, isto é, do povo. Do povo que trabalha, do povo que produz, do povo burro de carga, que carrega no lombo o peso morto de tantos parasitas.

Mário Newton
FOLHA DO POVO — CAMPOS — RJ

• Empenhamo-nos em viver de tal modo que até o agente funerário sinta a nossa morte.

Paulo Mendes Campos
DIÁRIO DA TARDE — BELO HORIZONTE

• Há cinqüenta anos atrás, por menos que as novas gerações acreditam, um fio de barba valia como um documento, e um documento tinha valor. Aos dezesseis anos, o rapaz pedia ao pai licença para fazer a barba e não para comprar uma Lambretta. Como hoje, quem mandava em casa era o chefe de família, com a diferença que, então, todo o mundo obedecia. As festas eram bem iluminadas. Para ser eleito deputado era preciso ter, ou pelo menos fingir dignidade. As mulheres, quando casavam, morriam para o mundo. Quem não trabalhava era dito malandro, e não «play-boy». E uma única espôsa durava, em geral, a vida inteira.

Emmanuel Vão Gôgo
O CRUZEIRO — DF

• O círculo vicioso é mesmo o diabo. Quem nêle cai dificilmente se desvincilará dêle. Foi decretado o novo salário mínimo e, antes mesmo de começar a ser pago, a inefável COFAP, ao que noticiam os jornais, já «descongelou» o preço do arroz e do feijão... Que significa isso? Significa simplesmente, que aquilo que é dado com a mão direita é logo subtraído com a esquerda.

DIÁRIO MERCANTIL — JUIZ DE FORA — MG

• Essa história de congelamento de preços é mesmo digna de nota. Não vai aqui nenhuma crítica, em particular, a quem quer que seja; mas, a verdade é que a coisa anda mais frouxa do que chincha em barriga de égua, conforme diz o nosso caboclo. Vai mais ou menos assim: a COFAP mandou dizer para a COMAP, por intermédio da COAP, que ela, a COFAP não permite que a COMAP desrespeite a COAP. A COMAP, que fica tóda atarantada por não atingir a quem dar obediência, nada faz. E, enquanto as «comadres» não se entendem e não dispõem de força — porque as «fôrças» também querem aumento de vencimentos! — o povo prossegue sofrendo...

Júpiter
O NACIONAL — PASSO FUNDO — RS

• Como todos sabem, há um incitamento geral à inatividade neste jovem País que, na opinião também geral, aspira ao desenvolvimento. Os funcionários civis com mais de trinta e cinco anos são aposentados no padrão superior, e os funcionários militares são reformados com vencimentos mais altos. Fica assim estabelecido o princípio da superioridade da inércia sobre o trabalho, e ficam, assim, os militares em posição especialmente favorecida quando trocam a farda pelo pijama.

Gustavo Corção
O ESTADO DE SÃO PAULO

• Como se esperava, o Atlético deu um couro no América. Pelo que se vê, o América parece motociclista de praça de Belo Horizonte: vive apanhando! Efetivamente, os motoristas apanharam nas urnas, quando lançaram a candidatura do Sr. Davidson Piamenta da Rocha à Prefeitura da Capital, e agora apanharam do Governo, no caso da greve. Aliás, os profissionais do volante só levaram a pior, no caso da greve, porque mostraram o seu lado negativo nas urnas. Se Davidson houvesse vencido a eleição, a estas horas o Governo estaria metendo o pau no povo, a favor dos motoristas.

Boquirotto
DIÁRIO DE MINAS — BELO HORIZONTE

• O orçamento é o espelho da Administração e por isso, entre nós, ele reflete o vazio. Nada se parece a um plano que aglutina as verbas esparsas, coordene a Despesa num todo coerente. Em vez de revelar limpidamente uma idéia do Governo, uma intenção do Estado, as contas do País exprimem o desnorteio de um navio sem timoneiro. Lançadas dessa forma, as verbas são como as nossas chuvas de verão, que mais destroem que fecundam.

José Arthur Rios
O ESTADO — FORTALEZA — CE

• Fala-se muito em fazer turismo no Brasil, como indústria necessária a trazer-nos divisas estrangeiras. No entanto, fala-se só. E enquanto isso, os brasileiros vão gastando nossas parcias reservas de divisas, fazendo turismo no exterior. De acordo com estatísticas oficiais italianas, entraram naquele País, em 1956, 31.229 brasileiros e, em 1957, 35.420. Dos países americanos, o Brasil está em segundo lugar, depois dos Estados Unidos, na remessa de turistas para a Itália.

J. Araújo Cota
O DIÁRIO — BELO HORIZONTE

• A verdade é que já se foi o tempo em que a alegria era uma das nossas características. A gente tinha tudo e marchava satisfeita para o trabalho. Francamente, a não ser Juscelino, que às vezes se deixa fotografar sorrindo, ninguém mais se mostra alegre nesta grande Nação. A tristeza, esta sim, generaliza-se e não é para menos.

All Right
DIARIO DA TARDE — CURITIBA — PR

• O Brasil, País «essencialmente agrícola», já andou importando batatas da Holanda e cebolas do Egito. Agora, vamos receber dos Estados Unidos 40 mil toneladas de milho e feijão! Nestas alturas, por onde andará a apregoada meta «alimentação» do Governo? E, como já fazem importação de borracha da Ásia, não demorará muito e a África vender-nosá o seu café...

FOLHA NOVA — CARMO DE MINAS



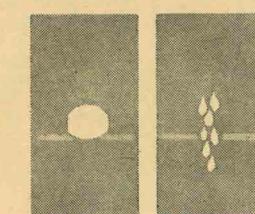
Penetra... suavizando e restaurando.

Agora, com lanolina UMEDECIDA

Restaura a umidade interna necessária à pele e os preciosos óleos suavizadores

Riquíssimo em lanolina homogeneizada *umedecida*, o Creme S Pond's para Pele Sêca dá à pele não apenas óleo e a umidade de que ela necessita, mas também aquele frescor perdido. A pele perde, cada dia e cada ano, uma parte dos óleos naturais suavizadores e de sua umidade interior. E entre os 25 e os 40 anos, essa perda pode ser até de 20%. O Creme S Pond's para Pele Sêca penetra profundamente, impedindo o ressecamento, suavizando, devolvendo-lhe aquela aparência de frescor, orgulho dos seus 20 anos!

Conheça, você também, os maravilhosos resultados do Creme S Pond's para Pele Sêca, esta noite mesmo. E compreenderá porque as mulheres mais lindas do mundo preferem Pond's.

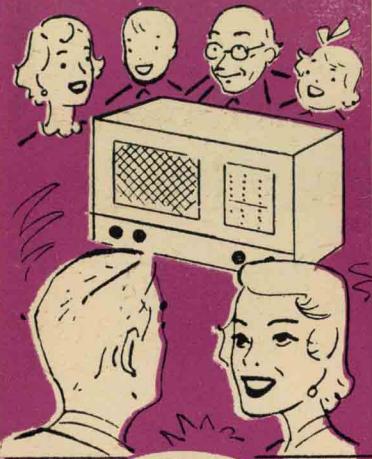


A lanolina comum penetra lentamente nos poros. A lanolina ume-decida penetra instantaneamente, de fato enriquece a cutis.

CREME S POND'S PARA PELE SÊCA

O que o orvalho faz pela rosa, o Creme S Pond's faz por sua pele.

Companheiras DE TODOS OS MOMENTOS



- Bons programas
- Melhores locutores
- A melhor música nos céus de Minas



rádio
MINAS

rádio
PAMPULHA

Direção de
RAMOS DE CARVALHO

Dep. Comercial
Edifício Acaiaca • 14º andar
Salas 1420/21. Fone: 2-9711
Belo Horizonte

CARTAS À REDAÇÃO

Unindo os Refratários à Guerra

COMO a liberdade de enviar-lhes uma crônica publicada no dia 1º de junho no «Correio da Manhã», conceituado jornal conservador que se edita no Rio de Janeiro. Gostaríamos muito que a sua prestigiosa revista abrisse espaço para transcrever essa notável crônica sobre as atividades da nossa Associação Internacional dos Refratários à Guerra, citando

• A crônica a que se refere o Secretário Geral da "War Resister's International" destaca o valor do movimento, que "se dirige a homens, não a massas, e se baseia na força do indivíduo para resistir, e ao mesmo tempo procura razer com que ninguém tenha de resistir isoladamente à pressão guerreira". Prossegue esclarecendo que a "War Resister's" procura defendê-los e assisti-los, o que já fez na França, na Bélgica, na Itália, na Grécia e em Israel, acrescentando: "Enquanto isso, dirige apelos à razão e sugere soluções sem bomba atômica, sem terror e sem ódio, para os grandes desentendimentos do nosso tempo". Eis a declaração básica de War Resister's International, datada de 1921 e ainda em vigor: "A guerra é um crime contra a humanidade. Estamos decididos a negar apoio a qualquer espécie de guerra e a trabalhar pela abolição de todas as causas da guerra".

A Imprensa Brasileira em Barcelona

TENHO o grato prazer de informar a essa Redação de que, no dia 13 de novembro último, inaugurei, nesta cidade, a Exposição de Jornais e Revistas do Brasil. E, assim, com imensa satisfação que levo ao seu conhecimento o extraordinário êxito da referida Exposição a qual deu a conhecer o nível atual da atividade jornalística e os progressos da indústria gráfica no Brasil. E mais: proporcionou às autoridades e ao

numeroso público que a visitaram a oportunidade de entrar em contacto com as últimas realizações nos mais diversos setores da vida brasileira.

Cabe-me, agora, agradecer a valiosa colaboração dessa Revista à minha iniciativa no caráter de Cônslil Geral em Barcelona.

MINISTRO ALTAMIR DE MOURA
— CÔNSUL BRASILEIRO EM BARCELONA — ESPANHA.

Leitor Promove Esta Revista em Ribeirão Preto

TENHO a satisfação de passar às suas mãos um recorte do jornal «O Diário», desta cidade, contendo um artigo que escrevi sobre essa excelente revista. Quei-

ram receber minhas calorosas felicitações e os meus votos de constante progresso.

ADHEMAR PEDRO DE SOUZA —
RIBEIRÃO PRETO — SP

• O Sr. Adhemar Pedro de Souza é estabelecido com escritório de publicidade, à Rua Amador Bueno, 840, naquela importante cidade paulista. Ficamos gratos pela divulgação do seu generoso artigo, cuja leitura muito nos desvaneceu.

Repercute Bem a Confraternização Racial

SOU dos que consideram o Brasil um país seguramente destinado a um porvir grandioso, sobretudo por dois ângulos importantes em que se manifesta o sentimento de tolerância de seu povo: religião e raça. E' uma felicidade que entre nós não consiga medrar a intolerância religiosa e nem a intolerância racial, fatores de desunião que têm arrastado à infelicidade muitas na-

ções. Por isso mesmo, é com satisfação que encontrei no número que essa Revista lançou na primeira quinzena de janeiro corrente, a reportagem «Flôres de Chocolate, Numa Festa Multicor», colhida em Poços de Caldas. Uma bela festa e um belo exemplo de confraternização racial, que merece o nosso mais vivo aplauso. **JOSE' ROBERTO V. DE MOURA** — JUIZ DE FORA — MG

A OPINIÃO DO LEITOR

ACHO que ALTEROSA é uma revista excelente, das melhores que conheço, mas implique com o corte dos artigos que continuam no fim da revista, cortes que deveriam ser evitados.

JOSE' CRETTI —
JACAREZINHO — PR

APROVEITO a oportunidade para felicitá-los pela feição de ALTEROSA, que está maravilhosamente bem.

VALDOMIRO F. ROOS — PÓRTO
ALEGRE — RS

CONSIDERO ALTEROSA uma revista completa. Acho apenas que, por ser uma revista lida em todo o Brasil, não deveria tratar tanto de assuntos mineiros.

DEJANIRA GARCIA DE ANDRADE —
PÓRTO ALEGRE — RS

SOU de opinião que ALTEROSA deveria publicar na capa somente fotografias de Belo Horizonte e outras cidades mineiras.

NORMA LÚCIA M. ROCHA —
BELO HORIZONTE — MG

O FORMATO atual de ALTEROSA é pouco atrativo. Não sendo revista de bolso, porque não aumentá-la?

NELSON MUNHOZ —
CURITIBA — PR

SERIA preferível que modificassem o formato da revista, que poderia sair no tamanho de «Sessões».

HERNANI RODRIGUES GIANI —
SACRAMENTO — MG

CONSIDERO ALTEROSA uma revista perfeita em todos os pontos. Um grande e útil divertimento.

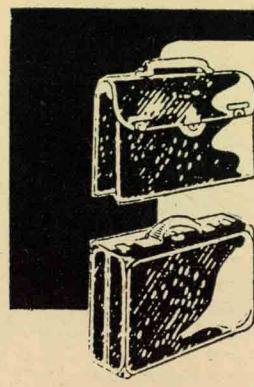
ADELÇO DE MOURA BARROS —
CAMPINAS — GO

ESSA revista tem de tudo um pouco, o que a torna uma das mais modernas e interessantes que conheço.

IRACY BATISTA —
MONTES CLAROS — MG

SUGIRO que ALTEROSA empreenda uma séria campanha contra os vícios e suas consequências. Quando teremos essa esplêndida revista semanalmente? Gostaria que ela chegasse a Bauru todos os sábados.

JOÃO B. PIRES CORRÉA —
BAURU — SP



ADQUIRA sua pasta
ADQUIRA sua mala
ARTIGOS PARA VIAGEM

CASAS Tupinambás

Rua Tupinambás, 648 — Fone: 2-5350
 Filial — Rua Tamoios, 36 — Fone: 4-7466 — B. Horizonte

No Pico da Existência

A idade compreendida entre os 40 e os 60 anos é interpretada e aceita de modo diferente para muitas pessoas. Para umas, ela constitui o cume da existência, de onde se contemplam as grandes realizações da vida. Entretanto, para outras, não passa de um amontoado de anos enfadonhos e cansativos. Qual seria o motivo dessa divergência de sentimentos, diante de um mesmo fato?

Certamente alguém dirá que é devida às diferentes classes sociais, motivadas pelos maiores ou menores recursos de cada um, mas não é esta a opinião do Dr. Bernice Neugarten, da Universidade de Chicago, que entrevistou cerca de 700 famílias, pertencentes aos diferentes níveis, tendo encontrado pessoas que se enquadraram no primeiro grupo sem disporem de maiores recursos, e outras, afortunadas, pertencentes ao segundo.

Ora, enxergar essa etapa da vida com bons olhos depende exclusivamente da maneira como se viveu até tal idade e da disposição física e mental, baseada numa consciência tranquila de que se «combateu o bom combate».



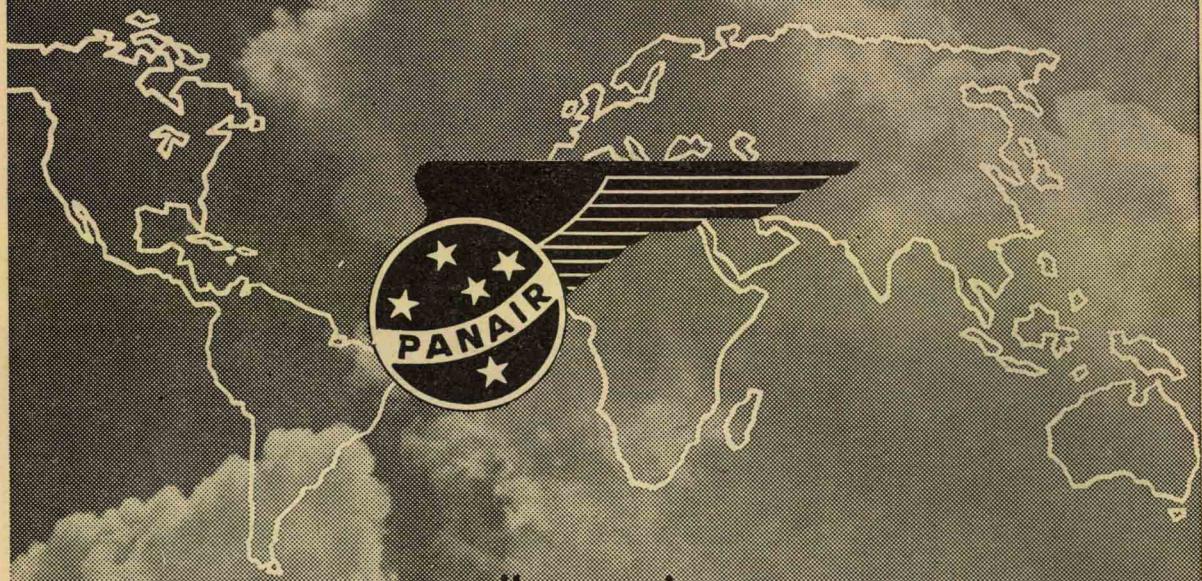
O CAMPEÃO DA AVENIDA o «Campeão» das Sortes Grandes, vendeu, em 31 de janeiro, em seus balcões, a Sorte Grande da Mineira e as aproximações

23.268 com 2 MILHÕES de cruzeiros
 26.082 com 1 MILHÃO de cruzeiros

2.326 com 100.000 cruzeiros
 23.267 com 50 Mil — 23.269 com 50 Mil
 Sortes Grandes? CAMPEÃO DA AVENIDA E... NÃO SE DISCUTE.

Avenida, 770 — Avenida, 612

**pelos céus de
quatro continentes...**



*as melhores viagens para
o mundo inteiro em conexão
com os horários da*



PANAIR DO BRASIL

REV. PROPAGANDA FAB

SATÉLITES e TELEGUÍADOS

GIBSON LESSA

HAVERA' UM MEIO de ganhar na certa em jogos de azar?

— Claro, a Sorte é uma ciência, está sujeita a leis e pode ser controlada — proclama Mrs. Edith Earle, viúva londrina, de 84 anos, que há 22 freqüenta Monte Carlo.

Ela não perde. Só ganha. E diz:

— O azar não existe. Não há imponderáveis. Ganha quem quer, isto é, quem pode. Eu posso. Meu sistema de ganhar é infalível. Foi-me transmitido pelo meu defunto marido que, por sinal, em vida, foi um grande matemático. Sei que já poderia ter estourado a banca de Monte Carlo. Mas nunca tive essa intenção. Contento-me em ganhar o suficiente para todos os anos tirar umas boas férias, comprar um carro novo ou uma nova casa.

A velhinha é risonha e despachada:

— As vêzes, acontece que algum amigo me procura: está precisando de dinheiro. Pulo no meu belo carro de mil libras, emboco para a Riviera e pronto, está resolvido o problema do amigo. Não sou ambiciosa. Satisfago-me geralmente em ganhar 150 libras por dia. Houve duas vêzes em que, numa só noite, ganhei mil libras. Mas, foi sem querer... distraí-me e acabei ganhando mais do que havia programado...

A viúva, como é lógico, vive assediada, oferecendo-lhe fortunas para que ela revele o seu segredo de ganhar na certa.

— Não, o segredo nunca o revelarei. Morrerá comigo. Não quero fazer a desgraça de ninguém. O jôgo é uma coisa horrorosa, um «invento do demônio» como já diziam os egípcios.

E Madame encerra o assunto, sorrindo:

— Eu, aliás, não jogo. Jogar é arriscar, e eu não arrisco. Jogo sempre na certa, o que é muito diferente...

TEM TODA RAZÃO, o colunista Jair Silva: «E' melhor e mais seguro viver nas nuvens, a bordo de um avião, do que atravessar a noite em cima de uma cama, o veículo traíçoeiro de que muita gente ainda não desconfia».

MORRER (VA' LA') NÃO TEM REMÉDIO, e o remédio é conformar-se. Mas envelhecer, enrugar, murchar, ficar sequinho e ainda por cima caduco em plena vida, cercado de gente e de coisas vígorosas por todos os lados, isto é que é o diabo.

E não há esperança?

Esperança sempre houve. O que não tem havido é remédio. Mas vai haver. Sábios romenos afirmam ter descoberto, afinal, a substância mágica. Nada de soros ou elixires. Simplesmente, uma vitamina. Deram-lhe o nome **H3**. A coisa agora é tão séria (40 anos de pesquisas com 100% de resultados positivos) que ganhou o beneplácito do Instituto de Gerontologia de Bucarest, o que levou o governo da Romênia a determinar a instalação imediata de um laboratório destinado a produzir, oficialmente, vitamina **H3** em vasta escala. Dizem os sábios e o governo romeno que a **H3** é infalível no processo de evitar a velhice, e que a coisa agora é pra valer.

O RIO ANDA PRECISANDO é de um prefeito-suicida, exclamou o prefeito Sá Freire Alvim, de um prefeito que tenha a coragem de morrer, gloriosamente, divulgando os nomes dos funcionários da Prefeitura que ganham sem trabalhar, **funcionários-teleguiados**, que funcionam à longa distância...

A DITADURA EM PORTUGAL está por um fio, e, ao que parece, um fio bem delgado.

«O velho Salazar ainda não atinou com essa verdade — diz Macedo Soares no **Diário Carioca**. — Trinta anos de reinado ilegítimo, apoiado na submissão militar, é fenômeno que as condições materiais e intelectuais da existência moderna já não podem tolerar».

E conclui, com lucidez histórica:

«Um excelente governo marcado pelo tempo acaba sendo, na verdade, intolerável. Vejamos o caso da Rainha Victoria, da Inglaterra. Magnifica soberana, entretanto, quando desencarnou, ouviu-se por todo o Império um bufo de alívio. O Papa Leão XIII, no seu longo pontificado, havia afinal esgotado a paciência dos católicos. Grande homem, grande chefe da Igreja, durou entretanto demais, com sua famulagem eclesiástica, seus parasitas, sua roda de amigos, sempre os mesmos, que não raro aproveitavam as fraquezas humanas do Santo Padre para tirarem proveitos e benefícios».

«E' TRISTE SER ESTATUA AQUI NO RIO»...

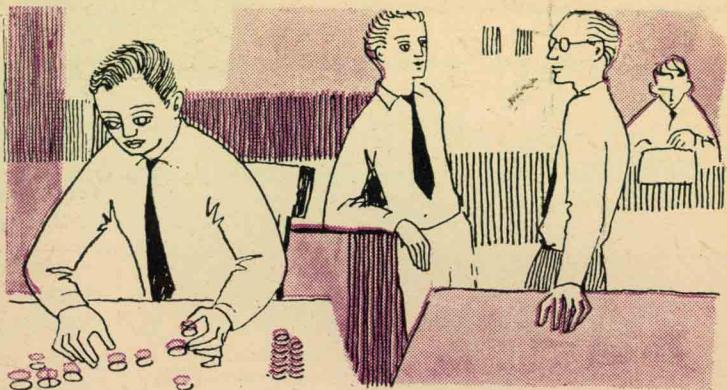
— diz o Sr. Mauro Viegas, diretor do Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura do Distrito Federal. «Os ladrões roubam o bronze dos monumentos, arrancam placas e derretêm tudo para vender. Existem no Rio, aproximadamente, 245 bustos, 121 estátuas, 20 estatuetas e 6 monumentos. Das estátuas, há umas que só têm o tronco: os braços e a cabeça foram carregados. Da estátua de Irineu Marinho, no Passeio Público, os larápios surripiaram uma caneta de bronze e nas diversas praças estão tirando o pince-nez de todos os bustos que usam pince-nez. Não, não vale a pena, é muito triste ser estátua no Rio de Janeiro» — conclui o Sr. Mauro Viegas.

«SOU CONTRA AS ESTATUAS» — proclama o Deputado Campos Vergal, e ajunta: «Até as aves do céu são irreverentes com elas».

ANA MAGNANI, despeitada, ante a plástica dos brotos do moderno cinema italiano: «O talento dessas meninas não sobe à cabeça, fica encalhado no busto».

DANIELLE DARRIEUX, compreensiva e quarentona: «O que me irrita na nova geração é que eu não pertenço mais à nova geração...»

«NAS TARDES DA FAZENDA» — canta o poeta Vinícius de Moraes — há muito azul demais...»



aventura do cotidiano

FERNANDO SABINO

(Extraída de «Manchete»)

NUMA DEPENDÊNCIA da Casa da Moeda dois funcionários conversavam.

— O homem foi nomeado — disse um deles, o mais moço.

— Já sei. Eu vi a nomeação — limitou-se o mais velho, espreguiçando-se atrás de sua mesa.

Um rapaz entrou e ficou à espera.

— O senhor não vai fazer nada? — tornou o outro.

— Eu? Fazer o quê? — e o velho deixou escapar um sorriso: — Minha vontade era cruzar os braços e nunca mais trabalhar.

— No entanto, é uma função subalterna.

— Subalterna... Onde é que você já viu função subalterna a vinte e quatro mil por mês?

— Pois é isso que eu não entendo — o outro insistiu: — Não sei como esse cargo acabou dando tanto.

O rapaz que chegara fêz menção de se dirigir a eles, mas se conteve, e continuou à espera.

— Eu sei — afirmou o velho, sacudindo a cabeça muitas vezes. — Pois se não sei! Acompanhei o caso todo. Você ainda nem era daqui. Foi um desses processos de equiparação, comprehende? Uma dessas coisas...

— Quem será que foi nomeado?

— Ora, um desses pilantras aí, parente de político... E' capaz de nem aparecer por aqui.

— Como não? — o outro retrucou, veemente: — Ele tem de vir tomar posse!

O rapaz se adiantou afinal:

— Com licença... Acho que é de mim que os senhores estão falando. Eu vim tomar posse de um negócio aí...

O funcionário mais moço se confundiu, acabou voltando-lhe as costas, foi cuidar de sua obrigação. O mais velho, porém, imperturbável, examinou o recém-chegado curiosamente: era um jovem alto, bem vestido, rosto quase imberbe, não teria mais que uns vinte anos. Sacudiu a cabeça em sinal de aprovação:

— O senhor é feliz, hem moço? Vai ser de sorte no inferno...

— Como assim? — protestou o jovem, como se finalmente farejasse algo de ofensivo na atitude do funcionário.

— E' isso mesmo — o outro confirmou, com seu gesto peculiar de sacudir a cabeça para dar expressão às palavras, e acrescentou, sem amargura: — O senhor é um moço de sorte. Foi nomeado nem sabe para o que e veio tomar posse. Pois eu estou aqui há vinte e cinco anos, tinha o direito de pleitear esse lugar, precisava dêle como o diabo. Tenho doze filhos, o senhor pode imaginar. Enfim...

Levantou-se com um suspiro, pediu ao outro que o acompanhasse:

— O senhor veio tomar posse. Pois muito bem, vamos cuidar disso.

O rapaz seguiu-o, tentando aparentar desenvoltura, mas na realidade constrangido e pouco à vontade.

— Não repare não, moço: o senhor ganha bem, mas a função tem que ser esta mesmo, que é que eu hei de fazer?

Deram-lhe a função que lhe cabia: soprar moedas novas que se despejavam sobre uma mesa, depois espalhá-las, separando as irregulares. Durante dois dias o rapaz soprou como pôde, ficou ali, entretido com as moedinhas. No terceiro, porém, o que chegou em seu lugar foi uma requisição: havia sido posto à disposição de um gabinete qualquer, onde nunca teria que aparecer. * * *

Há assuntos particulares que positivamente transcendem o limitado círculo de nossas preocupações individuais, para invadir órbita mais ampla de interesse público. Assim entendeu o senhor diretor, quando a moça que trabalha sob suas ordens numa repartição lhe comunicou que teria de faltar ao serviço no sábado, para tratar de um assunto particular.

— Não tem dúvida, está dispensada — aquiesceu ele, e acrescentou, jovial: — Este assunto particular seu... é praia, ou piquenique?

— Piquenique — informou ela, muito séria.

Senhora,

este livro lhe proporcionará
uma das experiências mais
felizes da vida cotidiana!

Saber costurar bem não nos vem do raciocínio, mas do verdadeiro trabalho de aprendizagem. O *Livro de Costura Singer* lhe ensinará como conseguir realizar seus sonhos em costura, dando-lhe sugestões, idéias e exemplos. Ele lhe trará muitas horas de alegria e muitos cruzeiros de economia; poderá, também, tornar sua família e seu lar os mais bem vestidos da vizinhança.



LIVRO DE COSTURA **SINGER**

por Mary Brooks Picken

Tradução de
OLGA BIAR LAINO

aprenda com o
Livro de Costura SINGER:

- todos os tipos de costura, arremates e bordados
- decoração de interiores, confecção de cortinas e capas para estofados
- ornamento de mesas, armários e tapetes
- monogramas e aplicações
- conhecimento de fazendas e suas diferentes aplicações
- côres e sugestões de acordo com seu mequim
- moldes para todos os fins e seu reajuste
- cuidados com a máquina de costura



volume em grande
formato, 280 págs.,
papel de primeira,
encadernado e com
16 páginas a côres,

\$ 300,

atendemos pedidos pelo
Reembolso Postal

**LIVRARIA
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA**

Rua 15 de Novembro, 144 — SÃO PAULO

Rua 7 de Setembro, 97 — RIO DE JANEIRO

Rua Chile, 23 — SALVADOR

RECENTEMENTE, num discurso feito em Taipé, Formosa, o presidente da China Nacionalista, generalíssimo Chiang-Kai-Chek, anunciou oficialmente o nome do homem que deverá sucedê-lo no Governo da China Nacionalista. Ao meio de um discurso proferido perante mil e setecentos membros da Assembléia de Recuperação do Continente, Chiang-Kai-Chek anunciou que, de acordo com a Constituição de 1947, a qual estipula o limite de dois térmos para a permanência no poder de um governante, ele não pretendia continuar no cargo. O término ou mandato referido abrange seis anos cada.

PANORAMA DO MUNDO

CHIANG-KAI-CHEK APONTA O SEU SUBSTITUTO

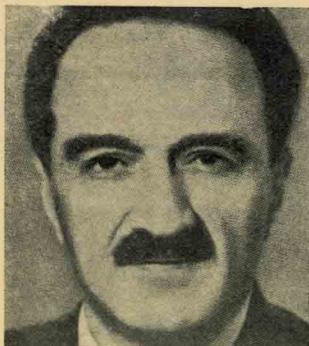
Chiang-Kai-Chek.

PERU: SUBMARINOS VIRAM ESCÂNDALO

EM 1955, o Peru surpreendeu o mundo com uma estranha transação comercial. Enquanto a fome se instalava trágicamente para cerca de um milhão de lavradores que viviam nas geladas terras altas do sul do País, o governo peruano encomendava da «Electric Boat Division», americana, dois modernos submarinos, cujo custo se elevava a 15,7 milhões de dólares. Essa vultosa operação surpreendeu a muitos, tanto mais que, ao lado da aparente inutilidade de tais armamentos, a serviço de países sul-americanos, a soma despendida em

favor das vítimas da escassez de chuvas ficava muito aquém daquela empregada na compra dos submersíveis: em favor das vítimas da carestia, foram distribuídos viveres no valor de 10 milhões de dólares. Perguntava-se: que necessidade tem o Peru, cujo principal interesse marítimo está na pesca do atum, de dois modernos submarinos?

Controvérsia semelhante foi suscitada no Brasil, recentemente, quando, contrariando a opinião de muitos brasileiros de que o momento era inóportuno e a



Anastas Mikoyan e o milionário Cyrus Eaton, amigo de Khrushchev.



MIKOYAN, KHRUSHCHEV E O CAPITALISTA

DURANTE a sua permanência nos Estados Unidos o vice-presidente do Conselho Soviético manteve importantes conversações com altas personalidades americanas e realizou inúmeras visitas que, apesar do ceticismo de alguns, só poderão resultar num salutar incremento da paz mundial. No espaço de uma semana, Anastas Mikoyan circulou através de toda a Washington oficial e não oficial, comparecendo a coquetéis, jantares e visitas informais em Cleveland, Detroit, Chicago, São Francisco e Los Angeles. De Adlai Stevenson passando por Richard Nixon, Henry Ford II, John Foster Dulles, a Eisenhower, e Harold Stassen, Mikoyan conferenciou com as personalidades mais significativas tanto do Governo como da indústria e comércio americanos. Além disso, o homem nº 2 do Kremlin pôde ser visto fazendo compras num supermercado, inspecionando lojas, oferecendo doces às crianças, cumprimentando pessoas numa exposição de automóveis, ou examinando novos modelos de máquinas.



Vestindo um vistoso uniforme bege, ornado com faixas, conforme se usa entre os generais que galgaram o poder político, Chiang-Kai-Chek, atualmente com setenta e um anos de idade, sorria generosamente enquanto falava. Dirigindo-se à Assembléia, o homem que vem guiando os destinos da República da China há mais de 30 anos consecutivos, olhava raramente para o pequeno pedaço de papel que trazia nas mãos e onde estavam escritas algumas notas. Elegante e desempenado no palanque oficial, de quando em vez ele se inclinava a fim de tomar um pouco d'água de um copo.

A princípio, a assistência re-

cebeu em silêncio as palavras do presidente; qualquer manifestação poderia parecer falta de apreço. No entanto, quando Chiang-Kai-Chek explicou que «uma perfeita fidelidade à Constituição é uma de nossas armas na guerra contra os comunistas», todo o auditório, na maioria representado por componentes da Assembléia Nacional, rompeu em entusiásticos aplausos.

Recorda-se que, no ano passado, Chiang-Kai-Chek havia já feito menção do nome daquele que o substituirá no Governo. Tratase do seu velho camarada de armas, e vice-presidente, Cheng-Cheng.

realidade econômica nacional não o permitia, adquirimos um porta-aviões que deu muito pano para mangas. A exemplo de nosso País, as autoridades navais peruanas declararam: «Temos uma linha de costa muito extensa para defender».

Mas o caso do Peru não parou aí. E, agora, quando se noticiou que o País, que ainda devia 13 milhões pelo par de submarinos, solicitara uma ajuda especial do Fundo de Segurança Mútua e do Banco de Exportação e Importação, de Washington, o assunto

veio novamente à tona, servindo para que a imprensa peruana descobrisse nêle um grande escândalo. Fala-se, por exemplo, com base em provas, que, durante o último período governamental, os Estados Unidos haviam oferecido ao Peru dois pesados cruzadores, na base de troca, ao preço de 2.000.000 de dólares cada. Mas, o vice-almirante Roque Saldias, então Ministro da Marinha, recusara a proposta, preferindo, ao invés disso, os dois submarinos. Por que o Ministro da Marinha preferiu os submarinos? — perguntam os inconformados com o

negócio. E são aquelas mesmas vozes que respondem: porque o sobrinho do ministro Saldias era agente, no Peru, da «Electric Boat», e apareceu para receber a sua comissãozinha.

Entretanto, o que interessa é que o Departamento da Defesa dos Estados Unidos, finalmente compreendendo que seria vantajoso, para seu País, a permanência de submarinos na costa ocidental da América do Sul, apelou para o Fundo de Segurança Mútua, concedendo o empréstimo pedido pelo Peru.

Mas, entre os inúmeros atos oficiais a que o vice-primeiro ministro soviético compareceu, uma visita tôda especial estava reservada em sua lista, para o senhor Cyrus Eaton. Quando o camponês mais bem sucedido do mundo, Nikita Khrushchev, fala sobre este americano ele sorri. E vice-versa. Cumprimentando Eaton, Mikoyan disse: «Quando o senhor Khrushchev falou acerca de você ele estava sorrindo».

Já no crepúsculo da existência, pois conta atualmente setenta e cinco anos de idade, Cyrus Eaton é o protótipo do capitalista norte-americano. Alto e magro, mostrando gélidos olhos na cara branca, ele se veste como um barão e vive em esplendor senhorial nas suas vastas fazendas situadas em Ohio e Nova Escócia. Sua fortuna pessoal está estimada em uns 100 milhões de dólares (cerca de 15 bilhões de cruzeiros) e sua influência na economia dos Estados Unidos estende-se sobre as indústrias do ferro, aço, estradas de ferro, exportação, carvão e tintas.

Filho de um fazendeiro da Nova

Escócia, Eaton primeiramente havia pensado em se tornar ministro protestante, mas logo mudou de idéia ao fazer uma visita a seu tio, que era pastor de uma das igrejas de Cleveland. Um dos freqüentadores daquela igreja era o magnata da indústria petrolífera (Standard Oil) John D. Rockefeller, que ofereceu ao jovem de dezessete anos um empréstimo num de seus escritórios situado fora do Estado de Cleveland. Mais tarde ele arranjou para Eaton uma nova colocação numa empresa de obras públicas. Ele aprendeu o ofício tão bem que, poucos anos mais tarde, foi capaz de construir uma usina de fôrça no Canadá. Depois de algumas associações e algumas compras, ele rapidamente passou a dirigir uma série de empreendimentos em que 2 bilhões de dólares foram investidos. Daí para cá a carreira de Eaton foi cada vez mais vitoriosa.

Entretanto, este homem tão bem sucedido no sistema capitalista de vida é um grande amigo de Khrushchev, e tem sido notado últimamente por suas opiniões

tão paradoxais num elemento norte-americano. Por exemplo, na opinião de Eaton, o Secretário de Estado John Foster Dulles, nas suas andanças pelo mundo, anda apenas pregando «um insano fanatismo». Considera também o rearmamento da Alemanha Ocidental como «o primeiro passo para a conflagração». E quanto ao reconhecimento da China Vermelha, acha que é «uma pura questão de senso comum». Considera a posição tomada pelos Estados Unidos com relação à Hungria como «a mais grossa hipocrisia». Além disso, Cyrus Eaton declarou recentemente: «Uma truculenta trindade de políticos, generais e jornalistas estão impiedosamente conduzindo-nos para a guerra... Os únicos a considerar que o comunismo é uma ameaça são os rapazes que trabalham no FBI».

Talvez muitos não dêem crédito a estas palavras de Eaton, mas, depois de conhecê-las, todos saberão porque entre este magnata e o todo-poderoso Khrushchev existe uma amizade tão sólida.

A MORTE TIRAVA FOTOGRAFIAS

Judy Ann Dull, uma das vítimas de Glatman.



NOS Estados Unidos, Harvey Glatman que, de dia, era simples consertador de aparelhos de televisão, transformava-se, à noite, num autêntico monstro. Isso foi constatado quando, em outubro último, um modelo de 28 anos, atraído, como as anteriores vítimas de Glatman, para um local ermo, conseguiu livrar-se de seu perseguidor, depois de subjugá-lo com a sua própria arma. Com o revólver apontado em direção a seu peito, Glatman foi obrigado a ficar imóvel até que as autoridades da polícia rodoviária apare-

PANORAMA DO mundo

CAMINHANDO distraídamente para casa, ao cair da tarde, depois de um duro dia de trabalho, o operário Noboru Kawamura, de trinta anos de idade, residente na pequena cidade japonesa de Hikari, passou por um grupo de alegres moças. Prestando mais atenção, Kawamura pôde ver que as moças se aglomeravam em volta de um adivinho velho e barbudo que lhes estava lendo as mãos. Levado pela curiosidade, Kawamura aproximou-se do velho, pagou o serviço e aguardou a vez de ser chamado.

O que desejava Kawamura do feiticeiro era saber qual a causa da incrível má sorte que o vinha perseguindo desde o dia do nascimento; e queixou-se: «Meus pais faleceram quando eu ainda era criança; não tenho parentes vivos; jamais encontrei uma moça que quisesse casar comigo; sou perseguido impiedosamente, embora não saiba qual tenha sido o meu crime». E o homem chorou ainda outras mágoas: quando arranjava um emprêgo, ou a companhia falia ou ele próprio era demitido; se tentava ser vendedor ambulante, ninguém comprava os seus pentes ou outros artigos menores; havia fracassado completamente como vendedor de batatas fritas. E se outras pessoas apanhavam frio, mesmo que fossem desconhecidas de Kawamura, ele era o primeiro a ficar resfriado, começando imediatamente a espirrar. Se ocorria um tufão, dilúvio, incêndio ou coisa parecida, as parcas propriedades de

Kawamura eram as primeiras a ser consumidas. «Que diabo, por que tudo isso acontece justamente comigo?» — protestou ele.

Depois de estudar detidamente a palma da mão de Kawamura, o adivinho tomou um ar de gravidade e disse: «Você é, na verdade, azarado. Mas eu posso lhe mostrar o meio de acabar com todas essas dificuldades. Vá até o campo que fica do outro lado de sua casa. Lá você encontrará uma sepultura abandonada, túmulo de um antigo samurai. O espírito do samurai está irado e está tirando vinagaria da pessoa que se encontra mais próxima, que, por coincidência, é você. Torna-se necessário que o apazigüe».

Nervosamente, Kawamura sugeriu que talvez fosse mais fácil transportar a sepultura para um local mais afastado.

«Isso não, isso não!» — berrou o adivinho. — «Pior ainda. Se o espírito do samurai desconfiar que você fêz pouco caso do seu cadáver, então é que ele o perseguirá pelo resto da vida». Dito isso, o feiticeiro deu conselhos a Kawamura para limpar a terra e o mato que haviam tomado conta do túmulo, que, com o correr dos anos, se encontrava já a muitos palmos de profundidade, acrescentando: «depois, queime incenso na frente dele, e ore. Isso consolará o samurai».

Voltando às pressas para o seu quarto, situado numa casa de cômodos dos arrabaldes da cidade, Kawamura contou emocionado pa-

ra os outros locatários seus conhecidos o que acabava de aprender. Todos eles recordavam-se bem de que, nos arredores da casa, existia, de fato, um túmulo, mas, tão profundamente enterrado no solo que apenas a pontinha superior podia ser notada. Ninguém sabia de quem era o cadáver. Tudo foi encontrado lá onde sempre estivera.

Entretanto, Kawamura não perdeu tempo, e pôs mãos à obra. Na manhã seguinte, vestido com seus costumeiros farrapos, o cabelo grande amarrado com um lenço, o japonês infeliz tomou um enxadão emprestado e deitou a cavar a terra. Passantes pararam para observar o trabalho, zombar, e animar o homem, enquanto ele escavava durante toda a manhã. O trabalho era muito maior do que esperava. Mas, aproximadamente ao meio-dia, já havia feito um buraco bem profundo ao lado da sepultura, tendo descoberto uma das faces da tumba — uma lage maciça de 30 centímetros de espessura por 1 metro e tanto de comprimento. Provavelmente para fazer uma pausa no serviço, o homem começou a subir para fora do buraco e foi aí, devido à trepidação ou outra causa qualquer, que a enorme pedra tumular moveu-se para frente e desabou por cima do pobre Kawamura. O que o adivinho profetizara se havia, com efeito, realizado. Pelo menos, a má sorte de Kawamura chegara ao fim: ele estava morto.

cessem e tomassem as devidas providências.

Depois dessa prisão accidental, Harvey Glatman, um ex-sentenciado que nas horas vagas fazia-se de fotógrafo amador, não vacilou em declarar para as autoridades que havia estrangulado três outras mulheres. Além disso, guiou a polícia até o local onde se encontravam os corpos decompostos de duas delas, deixados em certo ponto do deserto situado a sudeste de Los Angeles.

No processo do estranho fotógrafo, realizado na cidade de San Diego, na Califórnia, figuravam,

entre as provas, vinte e duas fotografias bem envernizadas, apresentando certa originalidade de composição e que constituíam um fenômeno sem precedentes nos anais do crime. Glatman voluntariamente oferecera as vinte e duas fotografias à polícia, explicando orgulhosamente todos os detalhes de sua técnica para obter boas chapas, indicando marca de filmes, luminosidade, etc. Eram estudos que tinham por motivo três mulheres, amarradas com cordas que passavam nos tornozelos, nos joelhos e nos braços.

Essas mulheres tinham sido fotografadas pelo próprio assassino, poucos minutos antes de terem sido estranguladas.

Agora, não faz muitos dias, Harvey Glatman, depois de se confessar culpado, dispensou o júri popular. O juiz John Hewicker, homem severo e de aparência grave, estudou as fotografias e outras provas apresentadas, para finalmente condenar o fotógrafo à câmara de gás de San Quentin. Em sua sentença, disse o magistrado: «Há alguns crimes tão revoltantes que a única punição adequada é a pena de morte».

Fidel Castro



FIDELE Castro, que viveu uma verdadeira epopeia na sua luta contra a tirania, entrou em Havana, ostentando um largo sorriso de conquistador. E depois de atravessar a cidade de fora a fora, sob gritos e vivas da multidão, chegou ao Campo Columba, antigo baluarte do exército de Batista, onde lhe foram prestadas várias homenagens.

O grande chefe rebelde saboreou detidamente cada momento de sua marcha da vitória. Aliás, ele já havia preparado o drama detalhadamente, tendo se demorado cinco dias na estrada localizada a leste de Santiago, para depois seguir para Havana. Com uma coluna de 6.000 homens, movimentando-se em tanques capturados, jeeps, carros blindados, caminhões e ônibus, Castro, finalmente, empreendeu a sua última caminhada, atraindo multidões de curiosos. Sua popularidade era grande e ele parecia incansável. «Como entraremos em Havana?», perguntava e respondia ao mesmo tempo, «Deixe-me ver, iremos ao longo de Malecon e depois dobraremos a avenida que é chamada... não sei o que?» A multidão rugia: «General Batista, avenida General Batista».

Quando Fidel Castro atingiu os subúrbios de Havana, todas as fábricas e lojas se encontravam fechadas e as ruas, sacadas e terraços estavam superlotadas com uma estrepitosa massa humana. Tanques limpavam o caminho pa-

CUBA: DEMOCRACIA DIFÍCIL

ra o jipe de Fidel poder passar livremente. Rebeldes, ostentando fuzis e outras armas, abriam caminho através da multidão, a fim de que o chefe revolucionário continuasse em sua caminhada para o palácio, onde iria receber um grande abraço de seu amigo, o presidente Manuel Urrutia. «Nunca gostei deste palácio», disse Castro à multidão que se aglomerava nas proximidades, «e sei que vocês também não, mas talvez o novo Governo mude os nossos sentimentos». Mais tarde, em Campo Columba, onde 30.000 pessoas o aguardavam, Fidel Castro falou com uma voz firme e sonora, prometendo «paz e liberdade, paz e justiça, paz e direitos individuais». Nesse momento, uma pomba branca, saída da multidão, pousou no ombro direito de Fidel. Finalmente, depois de quase duas noites completamente indormidas, o líder se instalou no hotel Havana Hilton, não se esquecendo, porém, de colocar o fuzil bem próximo à sua cabeceira.

Entre os barbudos soldados que marchavam orgulhosamente para Havana, no dia da chegada vitoriosa, destacavam-se vivamente grupos de moças vestidas de fardas e armadas com fuzis. Eram as mulheres da revolução. Posteriormente, Fidel Castro teve uma palavra de gratidão para «o valor das mulheres cubanas, no envio, na recepção e no contrabando de munições e mensagens». Cércas de 800 mulheres auxiliaram a luta contra as tropas de Batista e entre essas sobressaiu Célia Sanchez, uma morena de 30 anos. Secretária de Castro, e espécie de sua gerente, era ela a

pessoa mais importante no quartel general, depois do chefe. Outra mulher digna de nota, e que prestou relevantes serviços à causa da revolução é Haydée Santa Maria, de 31 anos, agora esposa do Ministro da Educação, Armando Hart. Haydée havia aderido à revolução, depois que os carcereiros de Batista assassinaram seu irmão e seu noivo rebeldes.

No entanto, aquêles que esperavam se instalasse em Cuba um Governo deveras democrático têm tido motivos para se mostrar apreensivos diante do clima de incerteza reinante no País. Antes que uma perfeita paz sobreviesse, os rebeldes decidiram realizar, com as próprias mãos, uma onda de vinganças contra os vencidos. Cércas de vinte e oito oficiais inferiores de Batista, deixados no País por seus superiores, que fugiam, foram condenados por tribunais precários e, em seguida, fuzilados. Outros nove oficiais foram executados sumariamente, sem benefício de julgamento de espécie alguma. Entre as vítimas mais importantes, encontravam-se o Chefe da Polícia Marítima de Santiago, Alejandro Garcia Olayón, e o Chefe de Polícia de Santa Clara, Cornélio Rojas. As execuções eram, a princípio, franqueadas ao público, mas depois que nada menos de 3.000 pessoas acorreram para assistir a uma delas, as autoridades revolucionárias decidiram barrar os espectadores, permitindo, entretanto, que os cadáveres fossem examinados por quem quer que fosse. Admite-se que o número de pessoas executadas pelos revolucionários cubanos tenha várias centenas.

mudei para Quink -
... e agora minha
caneta velha
escreve
como nova!



Parker Quink é a única tinta que contém solv-x, o ingrediente exclusivo que limpa e protege a caneta à medida que escreve. Mude V. também para Parker Quink, seja qual for a idade ou a marca da sua caneta.



PREÇOS : 59 cm3 - Cr\$ 25,00
473 cm3 - Cr\$ 100,00
946 cm3 - Cr\$ 170,00

Distr. exclusivos para todo o Brasil:

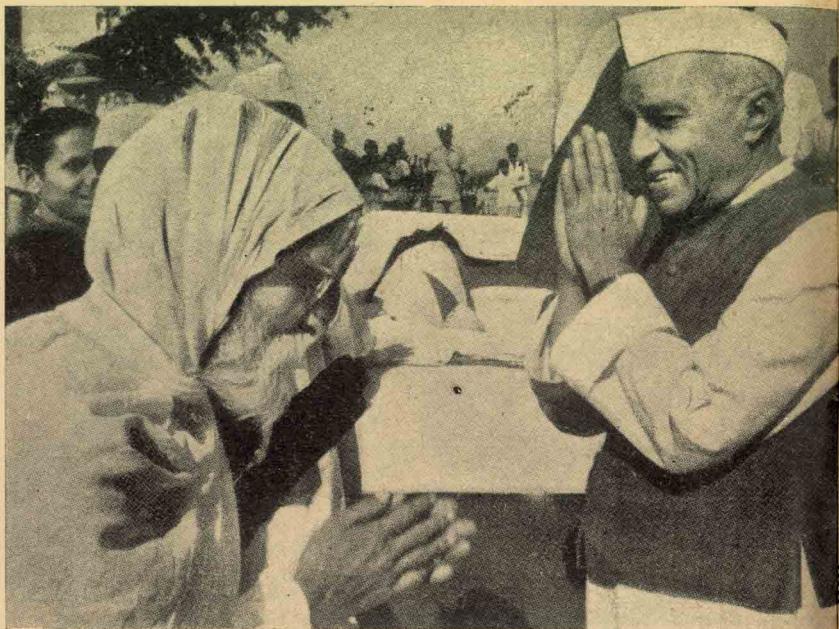
COSTA PORTELA
INDÚSTRIA E COM^o S. A.
Av. Pres. Vargas, 435 - 8.º andar - Rio
Sub-Agente em Minas Gerais

JOSÉ HARRY LEITE

Rua dos Caetés, 652-1.º

Belo Horizonte

STB - 1019



Vinoba Bhave e Jawaharlal Nehru.

NÃO faz muitos dias, o primeiro-ministro da Índia, Jawaharlal Nehru, saía de seu palácio de Nova Delhi, no seu moderno «Viscount» particular, com destino à cidade de Ahmedabad, situada cerca de 750 quilômetros ao sul da capital. Para atingir a aldeia de Gangad, onde tinha uma missão a cumprir, Nehru viajou ainda cerca de 60 quilômetros num Chevrolet vermelho e creme que o deixou à porta de uma escola, talvez a única da localidade.

Essa visita do primeiro-ministro hindu, feita a uma localidade tão obscura como é na realidade a aldeia de Gangad, era aparentemente insignificante, mas nem por isso deixava de ter uma satisfatória explicação. Lá vivia Vinoba Bhave, um pobre homem de faces cavadas, mostrando um delgado bigode branco e uma barba descuidada. Durante dois dias o primeiro-ministro e o santo homem de sessenta e três anos estiveram conferenciando. Juntos fizeram discursos para a multidão e juntos estudaram os diversos problemas que afligem o povo de seu País. Nehru necessitava da ajuda de Bhave a fim de encontrar um meio de fazer com que a Índia aumente a sua produção de alimentos, e melhore o seu padrão de vida, sem precisar usar a coação e brutalidade pregadas pela China Vermelha.

Recorda-se que, há seis anos atrás, Vinoba Bhave e seus sectá-

rios lançaram-se à tarefa de conseguir dos latifundiários hindus grandes porções de terra, a fim de franqueá-las ao trabalho dos pobres e desfavorecidos. E muita coisa nesse sentido foi obtida pelo simples processo de «roubar com amor», segundo explica um dos discípulos de Bhave: «Se numa aldeia encontramos dois proprietários que recusam, nós não os forçamos. Algum dia a luz brilhará em seus corações. Mas, até que isso aconteça, daremos até a nossa vida para proteger-lhes a propriedade».

Vinoba Bhave logrou, até agora, convencer e persuadir muitos proprietários ricos a oferecerem doações de terras, mas muitas delas têm se mostrado estéreis e imprestáveis para a agricultura. Outras estão envolvidas em questões de escrituras e litígios. Não obstante estes contratemplos e apesar de a miséria não haver sido extirpada do País, Vinoba conquistou os corações de milhares de camponeses simples e desamparados.

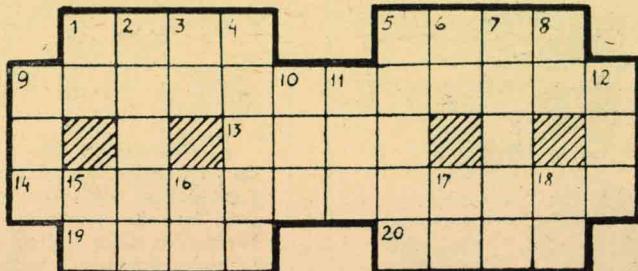
Nehru, que compreendeu o valor do trabalho de Vinoba e que tem visto a industrialização almejada por seu Governo ser prometida pela grande pobreza disseminada no País, foi a Gangad para patenteiar o seu inteiro apoio aos planos idealizados pelo velho. Esses planos se denominam respectivamente Bhoodan (presen-tes de terras) e Gramdam (es-

ÍNDIA
TERRA
PARA
TODOS

pécie de caixa de assistência). Vinoba Bhave defende as suas idéias em termos matemáticos. Assim, diz ele aos ouvintes que o povo representa 1, e o Governo 0. E conclui: «Separadamente esses números não podem significar grande coisa, mas, colocados um ao lado do outro elas representarão 10. Assim o esforço da Índia será dez vezes maior se Governo e povo estiverem unidos».

Durante a sua permanência na aldeia de Gangad, Nehru falou ao povo: «O problema da terra — disse ele — é o maior problema por nós enfrentado. Vinoba disse que os proprietários exclusivos de terras devem acabar e ele está com a razão. A terra pertence a todos a comunidade. Mas, mesmo isto ainda não é o bastante. A comunidade deve ter a devida organização para se desenvolver». Além disso, exortou os camponeiros a trabalharem mais, porque «as grandes nações, como os Estados Unidos e a Rússia, progrediram à custa do trabalho de seu povo».

Depois das conversações mantidas em Gangad, Nehru retornou para Nova Delhi em seu «Viscount». Enquanto isso, Vinoba Bhave deixava a escola onde residia, iniciando uma longa caminhada. Seu destino: todos a Índia. Sua idéia fixa: pregar um comunismo caracterizado muito pelo amor e nada pela violência.



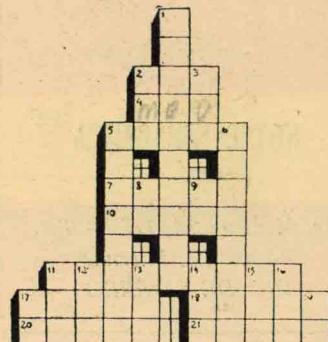
PARA VETERANOS

Horizontais: — 1) Infausto, tenebroso; 5) Rebanho de gado miúdo; 9) Que se deixa atravessar pela luz; 13) Mulher manhosa (prov. port.); 14) Contradições, desarmonias; 19) Deus do Vento; 20) Benigno, adorável.

Verticais: — 1) Atmosfera; 2) Casca de linho; 3) Sigla do Rio Grande do Norte; 4) Relativo ao osso; 5) Dinheiro (fig.); 6) Nota musical; 7) Afinal; 8) Encanto pessoal; 9) Prefixo, significa «três»; 10) Colocar; 11) Também; 12) Aqui está; 15) Símbolo químico do Neônio; 16) Sufixo, significa «serventia»; 17) Símbolo químico do «Cloro»; 18) Contração.

PALAVRAS
CRUZADAS

M. MITRAUD



PARA CALOUROS

Horizontais: — 2) Mau cheiro; 4) Possuir; 5) Elemento fecundante das flores; 7) Belo, formoso; 10) Letra grega correspondente ao nosso «i» (pl.); 11) Passar, andar; 17) Instrumento musical de cordas e teclado; 18) Irmã do papai; 20) Rente (pl.); 21) Nome de uma planta.

Verticais: — 1) Que são muito bons; 2) Ação; 3) Unidade das medidas agrárias; 5) Ave palmípede aquática; 6) Nome de uma flor; 8) Filha de Inaco; 9) Contração da preposição «de» com artigo; 11) Irmã de minha mãe; 12) Dignatário etíope; 13) Pronome pessoal do caso reto; 14) Pedra, em tupi-guarani; 15) Frutade-conde; 16) Gracejar, escarnecer; 17) Sigla automobilística do Paraná; 19) Contração da preposição «a» com artigo.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

Para Veteranos

Horizontais: — uno, indra, ati, ipu, bafagem, roleira, eco, nas, armar, oil.

Verticais: — unifloro, nd, original, itaoca, aperar, abre, umas, ae, mi.

Para Calouros

Horizontais: — caravana, amolar, bolar, pp, ar, círio, croata, apressar.

Verticais: — cabana, amor, rol, alacre, vários, ar, arpoar, pita, ras, cr.



Apartamentos completos com telefones. Próximo ao centro da cidade. Pessoal selecionado e lavanderia própria.

HOTEL BRAGANÇA

Av. Mem de Sá, 117 — Tel. 22-7600 (R. Interna).
RIO DE JANEIRO

DR. J. MANSO PEREIRA

Docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil.

Úlceras do estômago — Obesidade e magreza — Crianças fisicamente retardadas — Diabete — Alergia clínica.

Consultório : Rua Ouvidor, 169 - 8º andar - Sala 809 - Fone 23-6230
RIO DE JANEIRO

CLÍNICA HOMEOPÁTICA

Dr. J. Schembri

Adultos e Crianças



Av. Afonso Pena, 526 — Edifício Mariana, 8º andar — Das 15 às 18 horas — Fone 4-1791 — Residência : 4-5965.

Os Mistérios do Resfriado

APESAR de não ser um acontecimento de grande significado patológico, o resfriado apresenta **inconvenientes bastante perturbadores**, seja por causa da sua duração, às vezes longa, seja pelo fato de incomodar não só durante o dia, com o estilar constante do nariz (obrigando ao uso continuado do lenço), mas também durante a noite, quando impede uma respiração normal.

O **agente específico do resfriado** tem sido objeto de estudos e de pesquisas por parte de vários virulogistas, entre os quais se destaca o Dr. Andrewes, do Harward Hospital, na Inglaterra. Aí, o célebre cientista, que dividiu com os Drs. Smith e Laidlaw os méritos da descoberta do primeiro vírus da gripe, organizou o quartel general das suas pesquisas, que são feitas diretamente no elemento humano, sendo muitos os voluntários que se apresentam para as suas experiências.

Inicialmente, esses voluntários são submetidos a um exame clínico e radiográfico, seguido de **três dias** de espera, tempo necessário para a explosão de um resfriado eventualmente incubado. Estabelecida a ausência de um contágio espontâneo, e, se não se percebe indício algum de resfriado, o médico instila algumas gôticas de uma solução que é obtida pela diluição, em um líquido, de secreções nasais provenientes de pessoas gripadas, previamente filtradas. Aí começa a observação sobre a chegada do resfriado e sobre a modalidade do seu curso.

Após um sem-número de observações, o cientista tem elementos bastantes para demonstrar que, nas secreções nasais dos pacientes, está um **vírus responsável pelo resfriado e pelo seu contágio**. Sem tal vírus, nenhum resfriado é digno desse nome. Muitas pessoas acham que o frio é o único responsável pelo resfriado, mas esta não é uma suposição verdadeira, pois, enquanto pessoas da cidade, a uma temperatura normal, estão a espirrar constantemente e a padecer de resfriado com toda a sua comitiva — dores de cabeça, estados febris, etc. — nas regiões polares e no cume dos Alpes, nenhum explorador ou alpinista é acometido desse mal, não obstante ser intenso o frio nessas paragens. A verdade é que, nessas regiões, não existe o reservatório de vírus, como nas cidades. Melhor será então considerar o frio, não como a causa primeira, mas como um coadjuvante, pois deve-se levar em consideração que também durante o verão, se corre o risco de apanhar um resfriado. Entretanto, observa-se **maior incidência** de resfriados durante as **quedas de temperatura**, particularmente nas passagens de estações, sobretudo quando à descida da temperatura se associa um notável grau de **umidade atmosférica**. Muitas observações clínicas e pesquisas experimentais têm provado que, de fato, as **estações exercem influência** no terreno de ataque dos germens. Também atua de modo preponderante o **sistema nervoso vegetativo**, pois as pessoas mais predispostas aos resfriados são justamente aquelas que padecem de acentuada **debilidade nervosa**. Por outro lado, as **insuficiências hormônias ou vitamínicas** também têm grandes possibilidades de abrir caminho para esse mal.

Cápsulas

* **Em virtude** de a terapia antibiótica poder provocar no intestino uma série de alterações, estudiosos italianos acabam de descobrir o Profiotte, um medicamento capaz de proteger o organismo contra as ações colaterais dos antibióticos. * **A descalcificação óssea** é um sintoma que pode dar origem a numerosas doenças; entretanto, mais freqüentemente, ela indica um simples enfraquecimento do organismo, que cederá rapidamente a um tratamento com cálcio e vitaminas C e D associados. **Con-** tudo é bom que se submeta o paciente a um exame médico geral.

EM noites assim de vento e de frio... quando tôdas as portas estão fechadas, é docemente consolador pensar que cada casa é um lar e que em cada lar existe o amor. Sejam o amado e amada entregues um ao outro; seja a mamãe que adormeceu embalando o filhinho; sejam dois irmãozinhos, abraçados no escuro, tecendo imagens de longos fantasmas, que saem saudindo a cabeleira, em noites assim de vento e de frio.

Mas, ao mesmo tempo que é bom pensar que cada casa é um lar; é triste, é mesmo muito doloroso saber que muitos não têm casa e muitos não têm um amor.

O homem é simples, o homem é primitivo em suas necessidades... Ele quer o essencial: um amor e um lugar onde abrigar este amor, onde cuidar deste amor. O resto é resto... (Valderez Alvares Freitas).

DE Mario Newton Filho — A tarde tombava quieta e morna sobre as casas, sobre os campos, penumbrando as almas. Mas seu vulto assomou no horizonte, chamando o sol que já se despedia... Tua presença fez parar o tempo, realargando o espaço. Teus gestos assumiram o comando dos ventos, musicando o silêncio. Teus pés fecundaram a terra, esmagando sombras. No teu olhar em fogo um anjo bom sorria... Pássaros se aninharam no teu seio. A noite cresceu em teus cabelos e tuas mãos colheram lua e estrelas...

QUE íntima força me eleva, como se fosse eu uma torre de pedra tóscia como um sino de prata, no alto! Olha! quantas estrelas! São tantas que chegam a entontecer! Dir-se-ia que o céu é um mundo de crianças; que está rezando para a terra um ardente rosário de inefável amor.

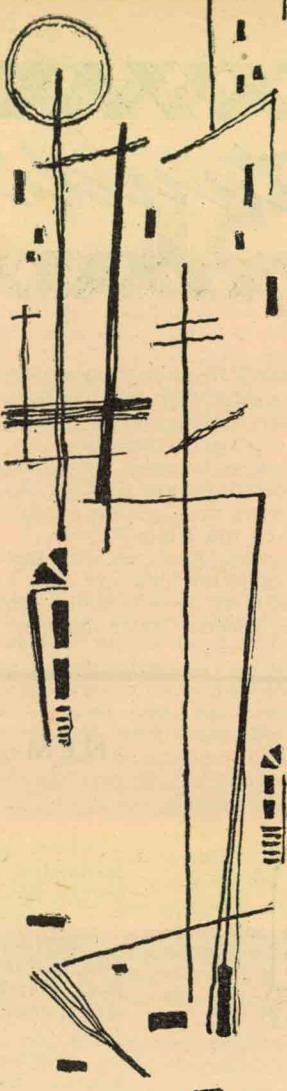
Platero! Platero! Daria toda a minha vida, e desejaria que desses a tua também, pela pureza desta noite de janeiro — solitária, altiva e clara. (Juan Ramón Jiménez).

DE Renata Pallottini — Noite vem pela janela, noite entra nos meus olhos, noite conta as tuas queixas, noite traz o teu perdão. E quando vai, noite leva, dos meus olhos o teu pranto, da minha garganta as queixas que o teu perdão apagou, dos meus ouvidos o grito que a própria noite gritou.

Noite — livro encantador onde os anjos da poesia vão lendo, em letras de luz um lindo nome — Maria.

Paulo Freitas

DE Oliveira e Silva — Ontem, passei uma hora, mudamente, diante do fulgorante céu noturno. As estrelas, jamais, me pareceram tão belas. E' que meus olhos tinham lágrimas...



FUGA

LEONOR TELLES

"Uma sensação de corolas fechadas... como se a noite tivesse pousado a mão nos seus corações — e que se fecharam e agora repousam em paz como flores adormecidas..."

MONJA pálida, no claustro azul do infinito, a Lua caminha, silenciosa e triste, tecendo fios de lâ de extrema alvura e derramando talco de luz sobre o mar afliito...

Desliza, serenamente, sobre as glauas águas uma barquinha apressada. A peneira do Espaço sessa a fria garoa, que é silente, que não passa e que vai caindo à-toa...

Sórór dindinha Lua, pálida e silente, no céu flutua...

Ruído de garoa no silêncio da noite... flocos de Luz esgarçando a avenida... gélida brisa passando, num açoite, enche de Mistério e Mêdo as almas sem vida...

Noite fria toda cheia de rumor de garoa... No Templo imenso do Céu, sórór dindinha Lua !...

Escorrendo pelo corpo molhado da Noite, o vento passa, enchendo a êrma rua, de uma sinfonia dulciorosa e boa que um violino derrama pela madrugada, à-toa...

Dentro da noite, a garoa... nas coisas, os reflexos de sórór dindinha Lua... Depois... minha saudade e essa saudade tua... (M. Ribeiro Costa).

DE Manoel Moreyra — Deixa que a Noite silente tome em seus braços de treva teu espírito cansado para, em silêncio, o embalar.

Que a doce Noite o acalente com carinhos de Mãe-Preta, e o ponha em berço de estrelas, com cortinados de luar, para que ele — criança enferma — fique em repouso, a sonhar...

DE Rubén Dario, tradução de Manoel Moreyra — Todo aquél que, numa vigília constante, o coração da noite auscultando, haja ouvido o fechar de uma porta, o ressoar distante de um carro, um eco vago, um ligeiro ruído: nesses momentos de silêncio misterioso quando, sua prisão deixando, os olvidados surgem, na hora dos mortos, na hora do repouso, — compreenderá meus versos tão amargados!

Nêles eu verto, qual numa urna, minhas dores de remotas lembranças, trágicas, funestas; e as nostalgias de minh'alma, ébria de flores; e a luta dêste coração, triste, sem festas. E o pesar de não ser o que eu teria sido; a perda desse reino que seria meu; o pensar que podia não haver nascido; e o Sonho que, na vida, comigo nasceu! Tudo isto vem em meio ao silêncio profundo da noite, em que se envolve a terrena ilusão. E um eco sinto, então, do coração do mundo penetrar, comoveu meu próprio coração...

DE Newton Rossi — Pelo céu noturno, a luz vela o sono da cidade... Um homem triste, na ruva, varre restos de saudade.



mitandinha



QUANDO SOBRAM DÓLARES

SÓCIOS num mesmo negócio, Sam e Al viviam fazendo tudo para sobressair um ao outro. Se um comprava um terno de 150 dólares, o outro ia ao alfaiate e encomendava um de 200. Se um comprava um Cadillac, o outro importava um Rolls Royce.

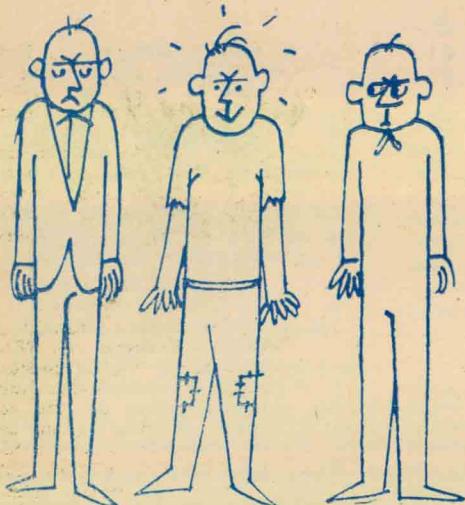
Um dia, Sam mandou instalar um rádio-telefone em seu automóvel e Al, quando soube daquilo, ficou furioso, tratando logo de

instalar outro no seu. Pronto o serviço, fêz êle uma ligação para o sócio.

— Quem fala aqui é o Al. Estou telefonando para o seu carro do meu carro...

Então, cheio de orgulho, Samuel respondeu:

— Espere um minutinho, sim? Tenho de atender a um chamado na outra linha.



NEM TUDO QUE RELUZ...

UMA senhora, que estava precisando de um jardineiro, pôs um anúncio no jornal e, no dia seguinte, apareceram dois candidatos ao emprêgo, ambos apresentando boas qualidades.

Enquanto ela os entrevistava, notou que sua mãe, escondida atrás da porta, fazia-lhe sinais para que ela escolhesse o mais mal vestido. Mesmo sem compreender a razão de tal preferência, admitiu-o.

Quando se viu a sós com a mãe, perguntou-lhe a razão de tal procedimento, dizendo que o outro, além de estar bem arrumado, tinha uma aparência muito melhor. A mãe respondeu-lhe sem rodeios:

— Minha filha, quando você fôr escolher um homem para trabalhar no jardim, julgue-o pelas suas calças. Se elas estiverem remendadas nos joelhos, não vacile em contratá-lo. Mas se o remendo fôr nos fundilhos, é melhor dispensá-lo.

ABSTRAÇÃO IMPOSSIVEL

PREOCUPADA com a filhinha que não era capaz de fazer nenhuma conta sem «contar nos dedos», a mãe descobriu uma fórmula para auxiliá-la. E bem que a fórmula ia dando certo, mas...

Foi assim:

— Filhinha, você deve fechar os olhos e fazer de conta que está vendendo um quadro-negro, está bem?

— Tá bem, mamãe.

— E agora, é só escrever o problema no quadro e procurar resolvê-lo.

De olhos ainda fechados, a garota não resolveu coisa alguma, e então, a mãe voltou a perguntar:

— Então, achou o resultado?

— Ora, mamãe; ver o quadro é muito fácil, mas eu não consigo é encontrar o giz.

A CIVILIZAÇÃO - dizia Bernard Shaw - É UMA COISA QUE SE DISSOLVE FÁCILMENTE NO ÁLCOOL

NOSSAS CRIANÇAS

UM pai levou seu filhinho de 6 anos para assistir a um concerto, pensando que ele fosse gostar. A princípio o garoto ficou atento, mas, depois, sentiu-se cansado e pediu ao pai para irem embora. Insistindo este em ficar mais um pouco, o menino concordou, mas nesta altura o violoncelo iniciou o seu solo. Foi então que o garotinho virou-se para o pai e disse baixinho:

— Papai, será que a gente vai poder ir embora quando aquele homem acabar de serrar aquela caixa grande?

—oOo—

AS duas crianças estavam brincando de tirar sorte com o osso da galinha. A mais velha explicava ao irmãozinho de três anos:

— Olha, o jôgo é assim: primeiro desejamos alguma coisa e depois partimos o osso. Quem ficar com a maior parte terá o seu desejo realizado, entendeu?

— Entendi sim — disse o garoto — e até já pensei o que eu quero.

Trac.

— Oh! ganhei — gritou o menino jubiloso.

— E o que foi que você desejou? — perguntou a menina, infringindo as regras do jôgo.

— Ora, eu desejei ficar com a maior parte, uai!

A BRIGA

começa assim:
A mãe de duas garotas diz a uma delas: «Lúcia, vou dar-lhe um pedaço de bôlo, mas dê a metade a sua irmã, sim?...»

Ou assim: «Comprei um vestido novo para cada uma. São iguaizinhos. Só que o seu, Lúcia, é verde, e o de Lígia é côn-de-rosa...»

Ou ainda: «Não sei quem desarrumou a sala de visitas, mas quero que uma de vocês vá arrumá-la imediatamente...»

Ou então: «Esta piscina tem espaço suficiente para vocês duas...»

—oOo—

A FIM de não atrapalhar o jantar, a mãe do Juquinha deu-lhe sómente um pedacinho de bôlo. O menino, depois de olhar para aquela insignificância, exclamou:

— Mamãe, como eu gostaria, se a senhora me desse mais bôlo...

— Não me peça mais bôlo, menino — gritou a mãe.

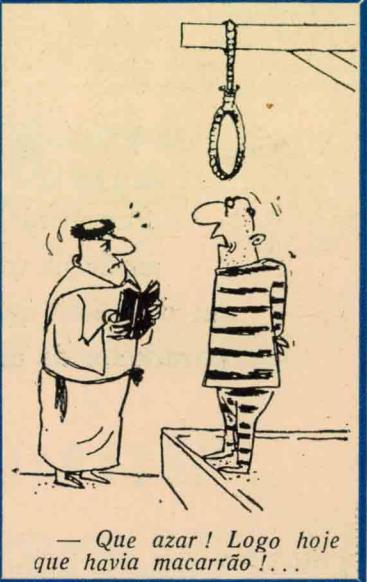
— Ora, mamãe, eu não estava pedindo, estava apenas desejando...

—oOo—

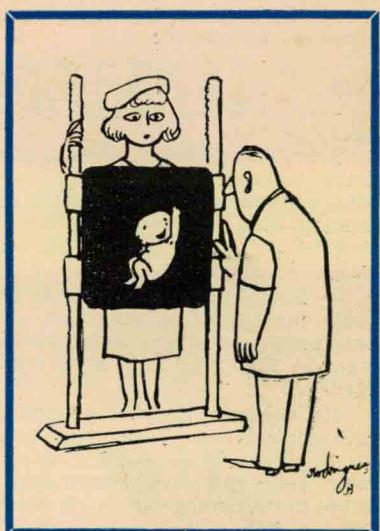
A GAROTINHA de oito anos explica à de seis que sua mãe se encontra no hospital e que é ela quem a está substituindo em casa.

— Neste caso — diz a mais nova — quanto são oito vêzes nove?

— Ora — responde a «dona da casa» — você não vê que eu estou ocupada? Pergunte ao seu pai.



— Que azar! Logo hoje que havia macarrão!



O HOMEM, ESSE DESCONHECIDO

O HOMEM estava habituado a dar esmolas a um mendigo, todos os dias, e ficou muito admirado, ao vê-lo num elegante conversível, encostado no passeio, com o chapéu estendido.

— Que é isto, homem? — perguntou. — Você mendigando de automóvel?

— Pois é pro senhor ver — respondeu o pedinte. — Eu ganhei este carro numa rifa, e agora estou esmolando para comprar gasolina.

—oOo—

A FAMÍLIA de pães-duros discutia, no quarto do avô agonizante, se o seu sepultamento seria de primeira, de segunda ou de terceira classe. Depois de muito ponderar, chegaram a uma conclusão: o enterro seria mesmo de terceira. Foi então que ouvi-

ram a voz sumida, mas sarcástica do moribundo:

— Se quiserem, eu posso ir a pé mesmo.

—oOo—

O GENERAL era um sujeito terrível. Um dia, durante uma revista, ele ouviu um soldado espirrar.

— Quem fêz isto? — perguntou.

Ninguém respondeu.

— Que seja fuzilada a primeira linha! — ordenou o general.

E, como o culpado não se apresentasse, mandou fuzilar a segunda e depois a terceira fileira. Então, uma vozinha tímida se fêz ouvir:

— Fui eu, senhor General.

— Ah! — disse o general. — Está muito bem. À sua saúde! Ainda bem que você falou em tempo.



Permitirá a psicologia moderna que se resolva um dos mais perturbadores paradoxos da maternidade?

AS HORAS MISTERIOSAS APÓS O PARTO

TRÊS dias após meu parto, encontrou-me meu marido a chorar no lindo quarto cheio de flores onde me achava confortavelmente instalada. O bebê estava a meu lado no seu berço, tranquilamente adormecido.

— Que é que há? — perguntou Marcos estupefato. — Por que estás chorando?

— Não sei — respondi, soluçando a mais não poder.

Sentou-se na minha cama e pousei minha cabeça no seu ombro. Sentia-me abandonada e infeliz. Procurou consolar-me, perguntou-me se não me estavam tratando bem, se queria que me levasse para casa. Protestei: "Toda a gente aqui é muito gentil para comigo".

— Então, pensa que voltarás em breve para casa e seca tuas lágrimas, meu bem — concluiu ele. Ria gentilmente, um pouco sossegado. Tinha vontade de tornar-se útil, mas não compreendia nada do meu peso.

Na verdade, nem eu mesma o compreendia. O parto correrá bem. Tinham-me anestesiado e eu não sofrera dores. Minha filha era um belo bebê de 7 libras. Tudo corria tão bem quanto possível e sentia-me um tanto envergonhada em receber o médico, com lágrimas nos olhos, quando passava ele, à noite, para a visita. A fim de fazer-me perdoar, esforçava-me por sorrir, assegurando-lhe que me sentia perfeitamente bem.

Faz isto três anos. E vim a saber depois, que a maior parte das mulheres conhecem, pelo menos uma vez, essa súbita depressão da qual, na época, mal ousava falar, com medo de passar por uma doente ou por um monstro. Durante aquelas dias, tradicionalmente reservados às primeiras alegrias da maternidade, descobri que milhares de jovens mães, aparentemente cumuladas, festejadas, mimadas, vertem como eu, em segredo, lágrimas tanto mais amargas quanto não podem mesmo elas dar um nome à sua confusão. E psiquiatras confessam que cerca de 10% de todas as mulheres tratadas de crises psicológicas, foram-lhe confidadas em seguida a um parto.

O dar à luz um filho é, pois, capaz, só por si, de perturbar o equilíbrio de uma mulher, pelo menos de maneira passageira? Médicos americanos impressionados pela freqüência desses desesperos incompreensíveis, fizeram a si mesmos a pergunta. "Não tem nada demais", respondia o Dr. Frank Mac Gowan, depois de ter estudado sistematicamente uma centena de casos particularmente dolorosos. Verificou, com efeito, que todas aquelas doentes já haviam apresentado antes

sinais de desequilíbrio que inquietavam os seus íntimos. Várias tinham sofrido graves depressões e muitas tinham sido já tratadas por causa das mesmas perturbações do caráter. O parto havia apenas marcado uma agravamento de seus sintomas. Pelo contrário, pensa que a maternidade pode contribuir poderosamente para a cura delas. Bem tratadas, a maior parte se restabelece completamente. E, segundo sua experiência, em seis casos sobre sete, poderão em seguida ter outros filhos sem recaídas.

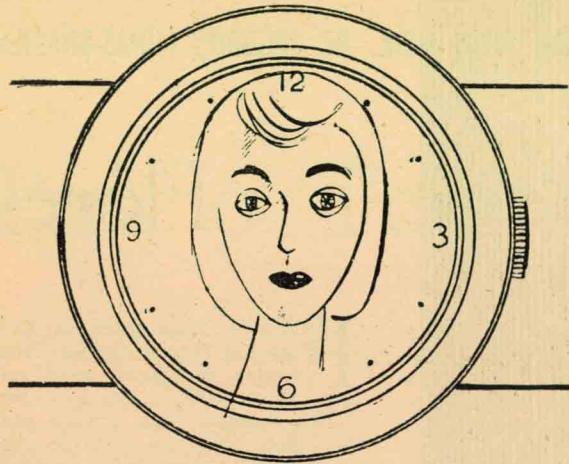
— O que é verdade — explicou-me um ginecologista, — é que a mulher, no dia seguinte a um parto, encontra-se em estado de menor resistência, tanto moral como física. E a infelicidade é que ninguém pensa em adverti-la disso. Está convencida de que tudo se acha acabado desde que ouviu o primeiro grito do bebê. Mas a natureza não vai tão depressa na tarefa quanto o parteiro.

☆ ☆ ☆

A gravidez tinha instaurado no organismo feminino novo equilíbrio hormonal. É preciso contar dois meses, antes que o antigo seja inteiramente restabelecido. Como admirar-se, se essa revolução profunda repercute na estabilidade do caráter? Muitas dentre nós reagem todos os meses a alterações duma amplitude infinitamente menor. Explicaram-me mesmo que se o acesso de depressão sobrevém tantas vezes, como no meu caso, no curso do terceiro dia, é porque corresponde, no organismo, à subida do leite, durante a qual certas glândulas entram em função pela primeira vez em nossa existência.

— Ajunte a fadiga, a atmosfera da maternidade, em que as flores, as visitas, os sorrisos não podem fazer esquecer os cuidados e o rigor das precauções de higiene — concluiu meu ginecologista — e compreenderá porque não há uma parturiente entre mil que, durante esses dias críticos, não tenha os nervos à flor da pele.

Mas aos psicólogos é que caberia explicar porque esse nervosismo das jovens mães se transforma tão facilmente em depressão. Com efeito, quer sejam anglo-saxões e partidários do método de Read, ou russos e se filiem a Pavlov, todos concordam em sublinhar que raras são as mulheres que abordam o parto sem apreensão. Segundo os autores russos, que dispõem hoje de estatísticas referentes a milhares de casos, 83% dentre elas ficam paralizadas por um verdadeiro terror, geralmente dissimulado, por vezes, mesmo, totalmente inconsciente, mas que um interrogatório atento revela. E notaram também elas que o medo de ter dores estava longe de ser a única causa de angústia. Têm elas medo



dêssse salto no desconhecido, duma nova página que passa em seu destino. Temem não estar à altura de sua tarefa, ou pôr no mundo uma criança defeituosa, talvez anormal. Enquanto dura a gravidez, imaginam que o parto resloverá todos os seus problemas. Mas em seguida, no limiar dessa nova vida que as espera, renasce a inquietação.

Uma de minhas amigas provocou pequena revolução na clínica onde havia dado à luz. A enfermeira estava diante dela a mudar a roupa de seu bebê, quando lançou ela um grito de terror: "De-pressa, chame o doutor!" Não quis explicar nada, nem à enfermeira-chefê, nem ao interno de plantão e estava realmente tão agitada que resloveram, para acalmá-la, ir chamar o ginecologista. Quando êste penetrou no quarto de minha amiga, estava ela esgazeada, com o rosto desfigurado pelas lágrimas.

— Doutor — gritou ela — por que me ocultou? E' espantoso! Meu filho é um monstro!

Estupefato, o médico afastou os braços, num gesto de impotência:

— Mas, não, minha senhora, asseguro-lhe...

— Olhe o senhor mesmo, doutor. Ele não é igual dos dois lados.

E apontava com o dedo as minúsculas coxas rechonchudas do bebê, onde a pele fazia, à direita, três covinhas, e sómente duas à esquerda! Confesso que não tenho absolutamente coragem de rir da ingenuidade dela, quando penso no meu próprio enlouquecimento, nas perguntas que fiz a mim mesma no dia em que percebi que minha filha se recusava a chupar-me o seio. E sei que muitas mães me compreenderão.

★ ★ ★

Foi porque estava apavorada diante da expectativa do parto que a rainha Vitória, em 1853, desafiando a opinião pública, reclamou ser uma das primeiras mulheres do mundo a dar à luz sob anestesia. E foi sem dúvida também porque havia descoberto em mim grande apreensão que meu parto, espontaneamente, sem necessidade médica urgente, propôs-me anestesiá-la. Tinha confiança nêle, aceitei. Mas, hoje, estou convencida que aquela anestesia foi, pelo contrário, a principal razão de minha angústia.

Não me lembro de ter vivido momento tão horrível como aquêle: o tampão de éter, a máscara, a asfixia, em lugar daquele parto consciente, lúcido, no qual durante nove meses, tinha muitas vêzes pensado e que, desde alguns dias, aguardava com terrível impaciência. Num momento dado, senti-me sacudida, enquanto uma voz me gritava ao ouvido: "E' uma menina" (Conclui na pag. 72)



Belfam Ind. Cosmética S. A.
PRODUTOS DE BELEZA WELLA

★

KOLESTON

A primeira tinta creme do mundo. Escala deslumbrante de nuances. 30 cores. Bisnagas para tingimento completo ou para 2 ou mais retoques.

KOLESTRAL

Bálsamo para cabelo e pele, evitando caspa e seborréia, deixando a pele macia. Legítimo só quando da Wella.

WELLAFORM

Creme para pentear, não gorduroso. Protege o cabelo contra a ação do sol e umidade:

KOLESTRAL-S

Loção tônica anticaspa.

WELLATON

O shampoo que lava colorindo. Restaura o brilho e a expressão natural do cabelo. Acrescenta à côr individual uma nuance nova e luminosa. — 15 cores.

★ ★ ★

Distribuidor em Minas Gerais:

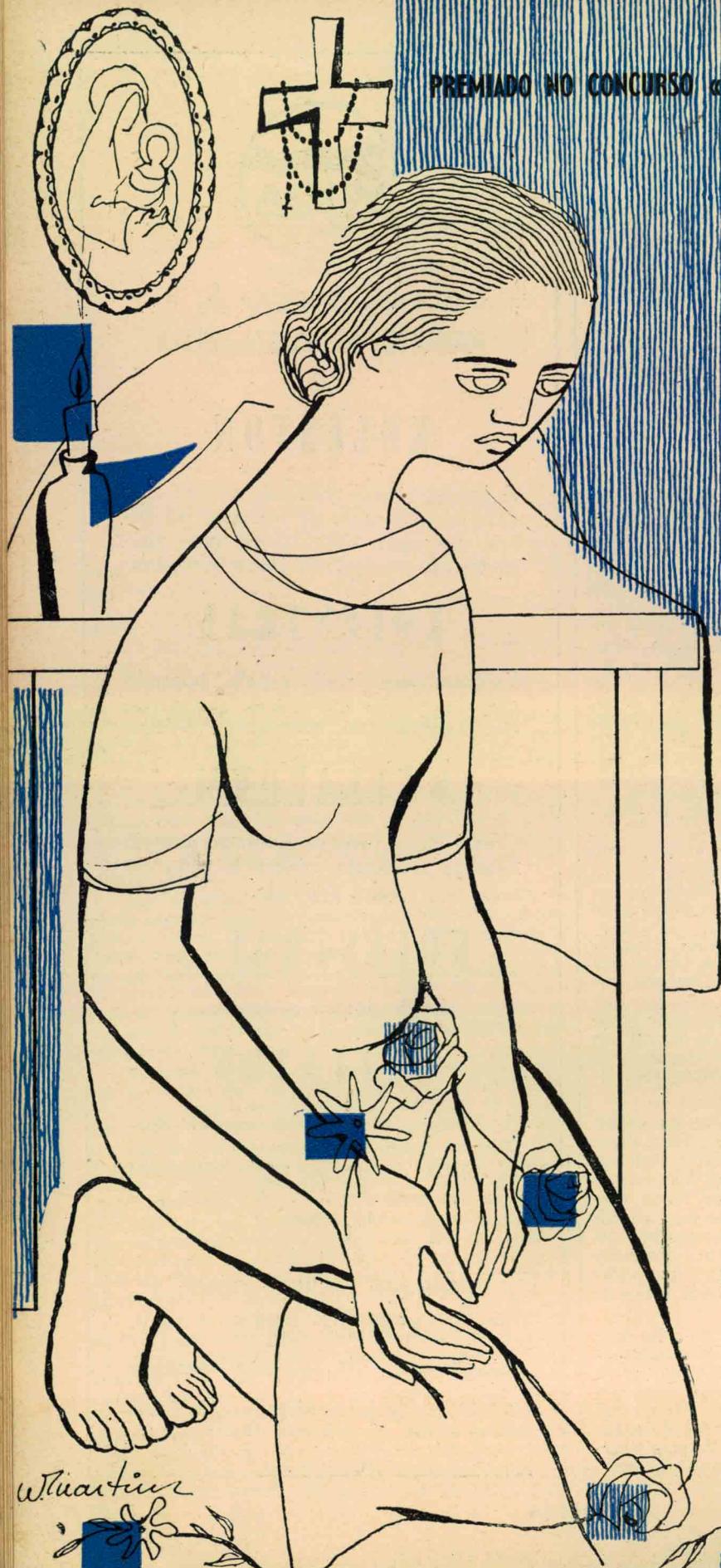
HENRIQUE QUICK

Rua Curitiba, 175 — Belo Horizonte

A PEDIDO, enviarei prospectos detalhados sobre o uso e aplicação dos produtos.

PREMIADO NO CONCURSO «CIA. DE SEGUROS MINAS-BRASIL»

Flôres



FOI só o China entrar no baraco e Tonico expirou, sem poder revelar o local onde ocultara o último roubo.

Rita desatou num pranto sentido que foi logo contido por um cotucar de faca nas costelas e pelas palavras ásperas do bandido:

— Tá maluca, dona? Quer me perder por acauso? Num tá vendendo êsses «tiras» todos me cercando aí fora?

A pobre mãe passou a chorar baixinho e foi desatando sua mágoa.

Tudo o que sofrera durante todos aqueles anos de amargura, em que vira o filho completamente dominado, fascinado pelo amigo que o levava a cometer os mais terríveis crimes, desabafava agora, cara a cara, com o homem mais procurado pela polícia de todo o País.

E enquanto cuidava da mortalha, ia lastimando:

— Meu filho era bom. Não merecia esta morte tão triste! Pobre Tonico! Tão novo! Só com vinte e três anos e já tão maltratado!

China resmungou encolhido num canto da cama onde jazia o cadáver:

— E' o destino, dona Rita! Ou melhor, esta gente danada que está me tocaiendo lá fora! E' êles que fêz a gente assim! A senhora não vê? Desde pequeno nós era perseguido!

Ela ainda lembrava da noite em que fizera o parto de Valdina. Ah! Se adivinhasse que aquêle fedelho raquítico ia ser a causa de sua desgraça e da de seu filho, teria na certa atendido ao apelo da pobre mãe, largada do marido, que na miséria dava à luz a mais um rebento:

— D. Rita! Tá vivo?

MARIA THEREZA

MELLO SOARES

Ilust. de Wilma Martins

Para o Tonico

— Tá, Valdina! E' um home!

— Cumo é que vou sustentá mais essa bôca, criatura?

— Deus dá um jeito! Tem fé!

A mulher levantou-se dos molambos em que estava deitada e com os olhos brilhando de febre sussurrou:

— Será que não se podia dar um jeito...

— Jeito de que, mulher?

— De dar um fim na criança! Só estamos nós aqui, ninguém saberá, D. Rita!

E sacudindo-lhe a mão num tremor:

— Faz isso por mim, D. Rita! E' uma caridade!

— Cruz, mulher! Não tem mendo de um castigo?

— A senhora acha que posso ser mais castigada do que tenho sido?

— Não blasfeme! Tenha fé em Deus!

Agora Rita se arrepende de não ter atendido àquele apelo.

Em um minuto teria dado fim à vida daquele que seria um dos maiores bandidos do Rio de Janeiro!

Muitas vezes pensara se não teria sido aquêle desejo mau da mãe que o marcara para tôda a vida...

Ia falando tudo o que sempre tivera vontade de dizer-lhe, nas horas de raiva, mas que a dor agora dava um tom diferente:

— Meu filho era bom! Quem matou ele num foi aquela bala que entrou aqui no peito, foi as más companhias!

China levantou-se, andou nervoso pelo barraco e foi sentar num caixote, cabeça entre as mãos.

Ela relembrava fatos:

— Ele era tão meu amigo!

Mesmo na hora da maior raiva, quando eu xingava ele, quando eu espancava no tempo em que era menino, não era capais de me arresponde! Passava pouco tempo e daí a pouco estava atrás de mim pedindo perdão! Antão um menino desse podia dar sózinho assassino?

Levantou-se, tirou uma camisa limpa na mala e veio vestir no filho:

— Quando internaro ele no SAM, sempre que eu ia visitar ele, se agarrava comigo e me cobria de beijo! Pobre filho! Até lá eu sabia que ele era perseguido pelos maus companheiros!

— oOo —

China também ia lembrando do tempo de criança. Dos primeiros furtos nas feiras e da satisfação com que o produto desses pequenos roubos era recebido pela mãe que nada tinha para lhes dar de comer. Depois, estimulado pela impunidade, as tentativas mais audaciosas, os pequenos assaltos aos quintais das casas ricas e a partilha debaixo da ponte, onde ficava o «covil» da turma. Sua parte era sempre maior, pois era o chefe. Quando voltava para casa, com a grana ou com uma galinha gorda, era tratado pela mãe com mais carinho e até com um certo respeito, porque ela apreciava aquêle garoto que, tão novo, já sabia se «defender».

Até que um dia foram pilhados e internados no reformatório.

Lá, sim, é que completara o curso de malandragem: aprendeu a fumar maconha com os mais velhos e sempre fazia valer sua autoridade de «chefe». Autoridade de que era uma espécie de dom que nasceria com ele, pois naquela época era um garoto franzino e mofina, comandando outros mais fortes e até mais de idade.

de. Mas não ficara muito tempo na gaiola, não! No fim de um mês pôs em prática um plano no que libertou a turma tôda! Por medida de precaução andaram muitos dias espalhados, esperando que os jornais esquecessem a façanha e que a polícia os esquecesse também...

— oOo —

A velha continuava resmungando, enquanto amortalhava o filho:

— Todo o mundo gostava de Tonico! Também nunca vi coração tão mole! E há quem diga que ele era um assassino!

China asseverou:

— E' verdade, D. Rita! Tonico nunca matou ninguém! Tô eu aqui de testemunha! E' um falso que não admito que se levante contra ele!

— Então, por que mataram ele desse jeito, meu Deus? gemeu a pobre mãe, abraçando-se ao filho.

— Foi um golpe de azar! respondeu China. Tudo estava tão preparado, tão bem controlado que não podia dar errado! Mas alguém deu com a língua nos dentes...

E num repente de raiva incontida:

— Mas pobre de quem falou! Já pode contar que está com a alma na mão de Satanás!

De repente, lembrou-se de que não podia falar alto.

As queixas e os gestos da velha, a morte do amigo, estavam dando cabo de seus nervos!

— oOo —

Era apenas um assalto a mais numa joalheria.

Trabalho fácil, bem estudado e planejado.

Por um acaso, resolvera antecipar meia hora o «serviço», e quando tudo estava terminado a polícia chegara. Na rua, ninguém, e tinha a certeza de que não ti-

Era aquela a única solução para uma vida cheia de martírios e dificuldades.

nham feito barulho... Logo, a polícia havia sido antecipadamente avisada. E se não tivessem dado o golpe antes, teriam sido apanhados com a boca na botija. Ainda tiveram tempo de fugir, mas na fuga e no tiroteio um «tira» fôra atingido. Daí tôda a ira contra él. O morro sitiado, seu barraco destruído e aquela sêde de sangue em cima dêle. Mas ia sair bem dessa. Cada elemento do bando se acoitara num lugar diferente e distante. Além disso, como nenhum fôra preso até agora, ninguém sabia direito quem fazia parte da sua gente. Tonico fôra atingido num tiroteio no morro, mas o pessoal «não abrira o bico» e os «tiras» julgavam-no um pobre tuberculoso que estava nas últimas. E por isso élê morrera à míngua de recursos.

—oOo—

Agora Rita cruzava as mãos do filho sóbre o peito.

Era o toque final.

— Tonico! Tu deve ir pró céu, meu filho! Eu sei que tu fazia mal a muita gente, que tu roubava, até! Mas a gente aqui do morro pode dizer o bem que tu fêz a elas. Ainda ontem, quando élê já estava muito mal, «seu» Manuel veio agradecê o dinheiro que élê emprestou para pagar a conta do armazém! Ficou aqui muito tempo, falando no bem que meu filho sempre fêz! Tinha um polícia aqui e ouviu tudo! Fiquei tremendo, de medo que élê desconfiasse e levasse meu filho agonizante mesmo! Dizem que essa gente num tem coração! Mas o homem escutou os elogios calado! Na saída ainda me disse: «Dona! Se conforma por que se seu filho era tão bom assim, vai direto pró céu!»

—oOo—

China pensou na singularidade do destino. A polícia tôda à procura dos ladrões e um dêles agonizando nas barbas de um «tira»!

Agora só o preocupava uma coisa: o nome do traidor!

Aquela morte precisava ser vingada! O seu maior amigo! Seu braço direito!

Onde arranjaria outro tão des temido e tão cegamente confiante nêle? Além do mais o Tonico tinha qualidades. Era diferente do resto da turma. Era uma espécie de anjo mau que roubava com a direita e distribuía o lucro com a esquerda. E contava com o pessoal do morro a seu favor. Não precisava de nada, bastava ver agora o que tinha acontecido: enquanto a polícia vasculhava a cidade tôda à procura do bando, no lugar de maior perigo e no

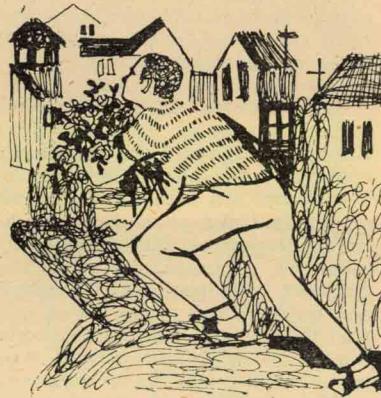
meio do mais cerrado tiroteio, o Tonico, atingido por um baloço, era socorrido pelos vizinhos que até mentiam para salvá-lo! Até agora estava impressionado com o fato! Como é que tinham conseguido iludir os tiras? Dizer que o homem estava tuberculoso há muito tempo, que estava nas últimas... Qual! A morte de Tonico devia ser vingada!

—oOo—

Rita também achava que a morte do filho devia ser vingada.

E, mergulhada em sua dor, ia pensando num meio de entregar China à polícia.

Se quisesse agir à traição, era muito fácil: bastava chegar à porta do barraco e gritar lá para baixo avisando os investigadores. Num instante uma dúzia dêles estaria ali com as metralhadoras na mão. Entretanto, sabia que isso desagradaria o Tonico. Seu filho era um ladrão decente. Não suportava fingimentos nem falsi-



dades. Além disso, China poderia matá-la e quem ficaria fazendo quarto ao defunto se a ordem era para que ninguém saísse de casa depois das nove da noite?

Pensou então em rezar. Pedir a Deus um castigo para aquêle perverso, aquêle bandido, aquêle... não sabia mais o que dizer.

De repente, começou a lastimar-se novamente:

— Pobre filho! Tão bom para mim, tão carinhoso, tão amigo dos infelizes, jogado aqui como um bicho, abandonado, sem direito a ser velado pelos amigos. Nem uma flô prá lhe botá nas mãos eu tenho!...

Abraçou-se ao cadáver, soluçando.

—oOo—

China levantou-se. Já estava sentindo uma coisa por dentro com a gemicão da velha. Ela estava com a razão, sabia muito bem, mas o que é que élê podia fazer? O mal estava feito! Ele

também sentia muito a morte do amigo, chegara até a arriscar a vida para assistir-lhe os últimos instantes. E' bem verdade que viera também por interesse, para saber o esconderijo da grana, mas não esperava que aquilo fôsse acontecer!

Fôra muito duro suportar tôdas aquelas cenas: a velha, sózinha, amortalhando o próprio filho, cruzando-lhe as mãos no peito, pondo-lhe a vela na mão... Tinham sido, talvez, os piores momentos de sua vida! Se pudesse fazer alguma coisa que a alegrasse, lhe desse um certo conforto, pelo menos...

O que se pode oferecer a um defunto? A velha falara ainda há pouco... Flôres! Isso mesmo! Flôres! Mas onde encontrar flôres aquela hora? Lá fora, na saída do morro havia a casa de flôres! Estaria fechada mas isso não constituía problema: era só saltar o muro dos fundos. Serviço rápido e fácil. Seria até bom correr um risco para esticar os nervos. Mais tarde, ainda iria fazer «cartaz» com o fato: cercado pela polícia e fazendo quarto a defunto nas barbas dos tiras! Procurado em tôda a cidade e roubando flôres a cem metros do inimigo!

Saiu com as precauções com que entrou.

—oOo—

Rita ficou contando os minutos a espera do pipocar das metralhadoras. Elas que mataram seu filho iam vingá-lo também!

Mas o silêncio no morro continuava.

Depois ouviu vozes lá fora mas era uma conversa sossegada dos homens da patrulha.

Não pôde conter uma exclamação de raiva:

— O bandido fugiu outra vez!

—oOo—

O China das fugas espetaculares da detenção estava em atividade novamente!

Era um super-homem em ação, com os cinco sentidos vigilantes e um outro suplementar a que chamava de «fôrça de santo» e que protegia dos perigos.

Rastejando, confundindo-se com as sombras e até caminhando tranqüilamente, como o mais despreocupado dos homens, atingiu a casa de flôres.

Lá de baixo ainda ficou apreciando a ronda policial, os «nínhos» onde os cigarros acesos denunciavam a existência dos que aguardavam ansiosamente a sua presença.

Dentro do «puxado» que servia de loja, as flôres deixavam um cheiro enjoativo e ao mesmo tempo agradável.

— Cheiro de defunto ! comentou consigo. E' o Tonico que está me esperando.

Percebeu então que dissera uma tolice: Tonico estava morto, não esperaria mais ninguém!

A frase, porém, ficou «chateando» nos ouvidos.

— Besteira ! Tonico não espera mais nada ! E se fôsse esperar por mim, tinha de esperar muito ! Isto é impressão por causa da reclamação da velha. Agora mesmo acabo com isso ! Levo as flôres e lavo a minha consciência da morte dele !

Apanhou uma braçada grande de rosas e já se preparava para escapulir quando ouviu o grito de alarmo :

— Tem ladrão na casa de flôres...

Ainda passou muito tempo até que Rita escutasse o zumbido das balas que se cravavam do lado de fora do barraco.

Depois, a porta se abriu e China tombou, lá dentro, abraçado com as flôres.

E o primeiro policial que acudiu, encontrou a velha catando, calmamente, as rosas que não tinham sido esmagadas ou manchadas pelo sangue de China, que já fazia uma poça no chão.

— Que pena, moço ! comentou serena. Tanta flor estragada !

E foi arrumá-las no cadáver do filho...

— oOo —

O Profeta Malaquias

MALAQUIAS, de quem muito se falou depois da morte do Papa Pio XII, foi um bispo que viveu entre os anos de 1094 e 1148 e cujo verdadeiro nome é Maelmaedogh. Ocupou a cátedra episcopal de Armagh, tendo estado, em época desconhecida, na França e em Roma. Foi grande amigo de São Bernardo, em cujos braços expirou e o fato de viver constantemente em oração levou-o a ser considerado um santo homem.

Foi num momento de êxtase que Malaquias ditou as profecias que ficaram ignoradas durante cinco séculos, sómente tendo vindo à luz em 1595, quando foi encontrado o manuscrito, que se achava na abadia beneditina de Monte Cassino, e que foi publicado pelo monge Arnoldo Wion, no «Lignum Vitae».

As profecias do bispo Malaquias compreendem, depois do Papa Pio XII, sómente outros seis papas. Segundo elas, o último papa de Roma deverá ser um Pedro II e, sob o seu pontificado, deverão ter lugar os fatos apocalípticos e a destruição da Cidade Eterna.

HAVAÍ,

uma praia americana

“VER Nápoles e morrer”, diziam, nos tempos felizes do Romantismo, aqueles que desejavam descansar à sombra dos pinheiros, olhando o Vesúvio a fumar e ouvindo tipos pitorescos a cantar a ária de “Santa Lucia”.

“Ver o Havaí e não sair de lá nunca mais”, dizem hoje os que apreciam viver sob um céu nem sempre azul, olhando o Mauna Loa ou o Kiloa a fumar e apreciando as danças executadas por falsas havaianas, com sua roupagem extravagante e seus colares multicores.

O domínio americano, que se vê por toda parte, se faz sentir no arquipélago desde a saída do continente, a bordo de um confortável “S.S.” das “Matson Lines”, que ligam Los Angeles ou São Francisco a Honolulu.

Das ilhas que se agrupam a sudeste da cadeia, Havaí é a maior, tendo uma área de mais de 10.000 quilômetros quadrados. Contudo, não é a mais populosa pois conta com cerca de 75.000 habitantes. Um litoral extenso contorna as longas praias de coral, enquanto montanhas azuis se dividem pela costa. Lá longe, divisa-se a grande cidade, que é uma antiga cratera, cujos contornos duros e cortantes lhe valeram o nome de Cabeça de Diamante.

Antes de se chegar à passagem natural que conduz ao pôrto, passa-se pelo célebre estreito de Pearl Harbour, aparelhado pelos Estados Unidos, para proteger a maior frota do mundo. (Proteger, pelo menos, contra os ataques do mar e pelo mar, mas não contra os aéreos, como ficou provado pela terrível destruição da quase totalidade de seu efetivo, pela aviação japonesa, em 1940).

O pôrto é muito animado, o que, em parte, se deve aos inúmeros iates de todos os tipos e cores, que ficam lá ancorados. A presença desses iates e de seus proprietários dão a Havaí uma característica perfeita de praia à moda dos Estados Unidos.

O mesmo movimento que se vê no pôrto, verifica-se também na cidade, onde se encontram os mais variados tipos asiáticos, predominando os chineses e os japoneses. Os primeiros, mais antigos na ilha, para lá se dirigiram a fim de comerciar; os segundos, para aguardar quaisquer acontecimentos que pudessem agitar o mundo.

Todos os habitantes, quaisquer que sejam as suas origens, abandonam completamente o costume nacional e vestem-se uniformemente. A mesma uniformidade, que é deplorável, encontra-se na arquitetura. Não se trata, evidentemente, de procurar em alguma parte da cidade a velha casa de estilo polinésio, cujo material de construção era todo fornecido pelo coqueiro. Mas as elegantes casas de campo, fabricadas prviamente, de madeira americana, desaparecem para dar lugar a edifícios de apartamentos, aos hotéis, aos bancos, tudo à moda de Chicago, Moscou ou Dakar.

Outra coisa digna de observação — e não vai aqui qualquer espírito de crítica — é que o corpo de *ballet* está falsificado. Compõe-se de umas vinte figuras, vestidas com um tecido colorido, sem nenhuma analogia, mesmo longínqua com a sala de fôlhas de seus ancestrais, e que saracoteiam sobre um tablado, com a preocupação visível de terminar tudo o mais depressa possível.

Lá, não há festa completa sem desfile, e a mais importante é a de Aloha, uma rainha lendária do Havaí, cuja personalidade corresponde a algum antigo rito lunar. A um dado momento, Aloha vai solenemente ao encontro de seu esposo, que vem do mar e é nessa ocasião que tem

lugar o majestoso desfile na praia de Waikiki, habitualmente consagrada às reuniões menos cerimoniais, mas não menos frequentadas. E não são apenas Aloha e sua comitiva que tomam parte no cortejo. Também as raças asiáticas manifestam-se nessa ocasião, sob seu aspecto tradicional, “disfarçadas nelas mesmas”. As moças japonêsas, por exemplo, são obrigadas a usar uma cabeleira postica, para assim reconstituir a sua “cabeleira nacional”.

Contudo, não neguemos os encantos do Havaí !





Rei do Meio, com sua espada, parece querer desafiar o fotógrafo, que não quer nada com a coisa.

*Reportagem de
Aristides Roriz*

Treze de maio é a data da apresentação dos Congados de Ubá. Em julho último, porém, por ocasião das festas do Centenário, conseguiu o repórter fotografá-los em plena ação. A reportagem vale por um "furo": até então, branco algum — e menos ainda com máquina fotográfica — tivera permissão para penetrar nos seus segredos — N. da Red.

Ubá centenária mostra uma face nova

CONGADO,

ERA nos tempos da escravatura. O prêto Francisco fôra apanhado na África — onde era o rei de uma tribo — pelos mercadores de escravos, e trazido para o Brasil. Sómente uns poucos negros haviam conseguido escapar: quase tôda a pequena nação fôra capturada.

Transportado como gado humano num daqueles terríveis navios negreiros, foi Francisco vendido em São Sebastião do Rio de Janeiro para um senhor de escravos vindo de Vila Rica. A mulher e os filhos, exceto um, haviam morrido na travessia, pouco resistentes às moléstias contagiosas de bordo do navio-fantasma e aos maus tratos que se lhes inflingiam. Inteligente, trabalhador e honesto que era, num instante tinha dinheiro suficiente para alforriar o filho. Liberto êste, trabalhou anos a fio, alforriando, afinal, o pai. Compraram uma mina em Vila Rica: a "Encardideira". Em pouco, tôda a tribo que pertencera a Francisco estava liberta, que outro não era o objetivo do negro trabalhador. "Formavam assim — escreve o historiador Diogo de Vasconcelos — em Vila Rica, um estado no Estado".

Francisco era o rei daquela nação negra. A colônia fundou em Vila Rica a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia do Alto da Cruz. Unindo às suas devoções as dos mineiros, criou Francisco o que se convencionou denominar "Congado". Assim nasceram essas festas, em Ouro Preto, de onde se estenderam a centenas de cidades mineiras; em algumas, hoje ainda existem.

No dia 6 de janeiro, o Rei, a Rainha e os Príncipes, envergando trajes opulentos, cobertos de insígnias, coroas, e outras ricas bugigangas, eram levados em meio de grande aparato para a Igreja de Santa Efigênia do Alto da Cruz. Lá, havia Missa Cantada. Acabada esta, saíam pelas ruas de Vila Rica, executando danças características da Guiné. A tais cerimoniais, foi dado o nome de "Reisado do Rosário". A lenda recolhida conta que as negras ostentavam suas carapinhas besuntadas de brilhantina e ouro em pó. Na Igreja, mergulhavam as mesmas nas pias de água benta, indo o ouro depositar-se no fundo. Era o mais veemente atestado da abastança aurífera das Minas Gerais do século XVIII.

UBÁ CENTENÁRIA MOSTRA UMA FACE NOVA

Quando ALTEROSA se transportou até a Zona da Mata — riquíssima região de Minas Gerais — ia focalizar um pouco a vida de uma cidade dinâmica, onde o progresso (se não a esperteza de muita gente) passará na frente de muita Capital dentro em

(Continua na pag. 28)

ORAÇÃO DE PRÊTO

De Chico
Rei aos Congados
de hoje
— Religião e
folclore,
na festa dos
«Vassalos
de Nossa Senhora
do Rosário».

Vestidos com suas roupagens riquíssimas, chegam os vassalos ao local da exibição.





CONGADO, ORAÇÃO DE PRÊTO — Continuação

breve. Pelo menos, assim se expressava o ex-prefeito da "cidade-carinho", José Pires da Luz, quando soltou a "bomba" :

— E tem também tradição. O senhor já viu um Congado, "seu" repórter?

O repórter não tinha visto. Mas já conhecia de nome, principalmente a história de "Chico Rei" de Vila Rica, que já contou à guisa de introdução. Por isso mesmo, o Prefeito de Ubá não precisava ter ficado tão espantado com a chuva de indagações que se sucedeu à inesperada revelação.

Há na cidade mineira de Ubá ("terra da manga gostosa"), delicia-se em dizer o Sr. José da Luz), a seita dos "Vassalos de Nossa Senhora do Rosário". A cidade estava em festas: comemorava o seu centenário de fundação. A terra do grande e inesquecível Ary Barroso. Mas o repórter não queria ver a festa. Por isso, foi procurar o "Mestre" dos "Vassalos". O homem estava obstinado. Que branco não podia entrar nos secretos esconderijos dos "Vassalos". Mas... jornalista é jornalista e, daí a pouco, estávamos lá. Uma sala pequena, um altar tóscico, profusamente enfeitado de bandeirolas e lanternas coloridas, luzes feéricas e efígies de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, além de uma de São Benedito.

CONGADO, ORAÇÃO DE PRÊTO — Do "Rei Congo" — o velho Adão Quintão, dizem que com cem

anos de idade, e que ainda dança noite e dia sem parar! — conseguimos alguma coisa de muito especial: uma exibição do "Congado", especial, fora da data própria (13 de maio, libertação dos escravos), "prá saí na revista da capitá".

No local dos "trabalhos", presenciamos os preparativos: reis fazendo suas preces, crianças (os chamados "Periquitos") sendo faustosamente vestidas. Outras coisas não eram permitidas ao homem branco ver, por muito que insistisse, prometesse e rogasse.

Daí a pouco, desfilava a negraria. Puxava o desfile o "Rei Congo". Precediam-no o "Rei do Meio", o "Rei Rebôlo", três "Corta-Ventos", sete "Vassalos", um "Quixum", um "Sete Coroas", duas "Virelas", três "Periquitos" e um "Guarda-Vala". Que significam tão pomposos nomes? Os leitores desculpem, mas nós tampouco sabemos.

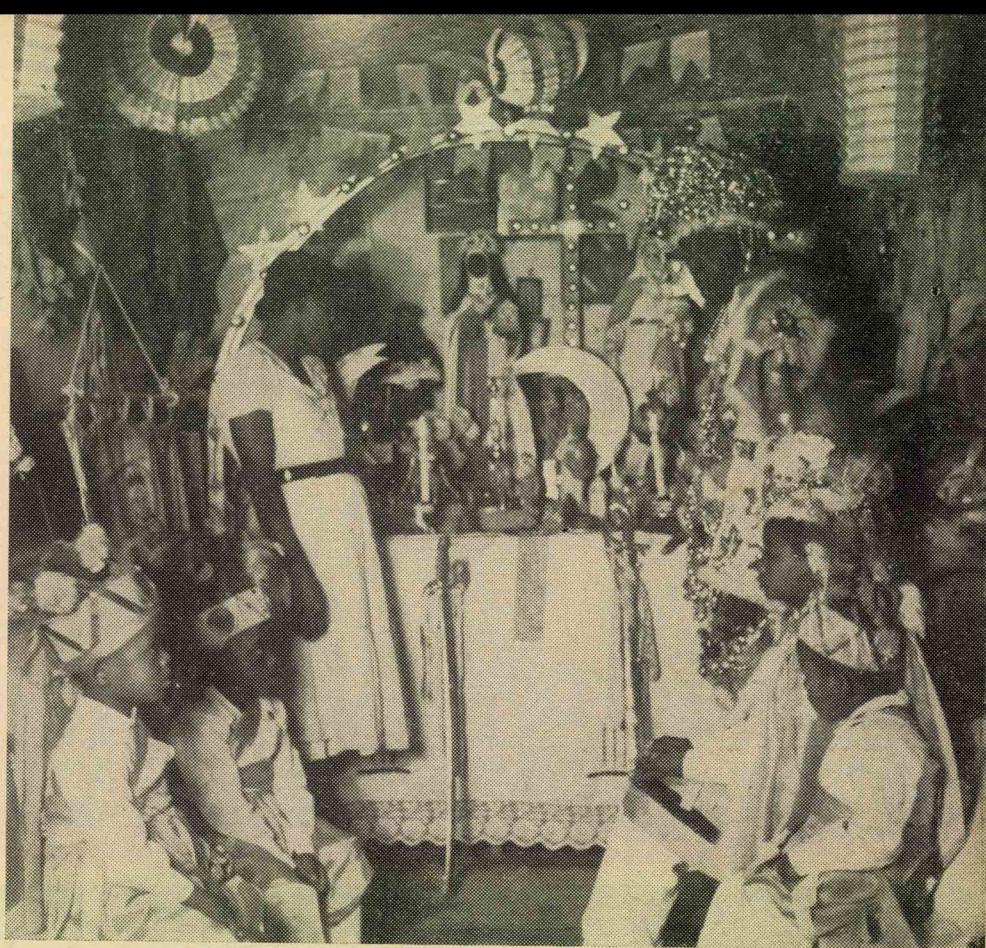
Os três "Corta-Ventos" cruzam as espadas (com a efígie de Pedro II gravada), durante a chegada e na saída do local da dança; o "Quixum" representa o ritual inventado por Chico Rei; os três "Periquitos" são crianças de dez anos, geralmente; o "Guarda-Valas", conduzindo o estandarte bordado e ostentando a efígie de Nossa Senhora do Rosário.

O desfile seguia em direção da cidade em meio do maior silêncio. No centro, começou a coisa. Deram entrada na Praça Principal, dançando e can-

(Continua na pag. 30)



Rei do Meio, Rei Congo e Rei Rebôlo — toda uma governança reunida.



Na sede dos «Vassalos», a enorme profusão de bandeirolas, lanternas, luzes e outros enfeites, enquanto a turma aguarda o momento de entrar em cena. Notem-se as imagens de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito.

Rei Congo (100 anos de vida, 80 de reinado), conferencia com o Prefeito de Ubá, Sr. José Pires da Luz.

CONGADO, ORAÇÃO DE PRÊTO — Continuação

tando ordenadamente — uns poucos de vozes finas, muito finas — os tambores retumbando loucamente (pálida lembrança da África lendária) as negras retintas rebolando doidamente. O "Mestre Rei Congo", vestido de calças brancas, capa verde em veludo, vistosa, trazia no peito a "Estrela do Oriente"; na mão direita o símbolo do "Divino", peça ricamente trabalhada e folheada a ouro. A seu lado, também sumtuosamente vestido, o "Rei do Meio"; depois o "Rei Rebôlo". Enquanto dançam e cantam freneticamente, ao som das caixas e pandeiros, crianças agarram-se medrosas, às saias das mamães. E é, de fato, um espetáculo impressionante. Notadamente porque o ritual é seguido à luz, exclusivamente, de fogos de artifício, profusos e coloridos, maravilhoso espetáculo pirotécnico. Maravilhoso, impressionante e belo.

Mas Congado será sinônimo de macumba? Não: Congado é folclore. Folclore é o conjunto das tradições, expressões populares de uma região. Só vendo, aquêles devotos de Nossa Senhora do Rosário, de roupa branca, exageradamente enfeitados de fitas coloridas dos pés à cabeça, a rodopiarem entre si, em trejeitos, cantando alguma coisa que ninguém entende, ao som rítmico dos tambores e pandeiros. Alguns chegam a afirmar que os Congados situam-se entre as mais ricas danças dramáticas, com enredo, coreografia e música característica, trazidos pelos escravos vindos do Congo para o Brasil.

Há, dentre êles, uma hierarquia: Congos e Soldados, Capitães, Mordomos, Mestre da banda, encarregado do quadro, encarregados disso e daquilo. Verdadeiramente indescritível o fausto, o luxo, a riqueza que caracterizam suas vestimentas.

De principal, um quadro de Nossa Senhora do Rosário antigo; cantos em louvor a Nossa Senhora do Rosário representada pela Rainha, festeira da solemnidade. Tudo em louvor de Nossa Senhora do Rosário.

"A civilização — dizia Mário de Andrade — não consigo imaginá-la mais do que uma criadora de conceitos. De preconceitos". "E estes preconceitos — emendava Rossini Tavares — nos têm levado a imitar os padrões culturais de Nova York, de Londres e Paris, de cidade moderna, com boa educação civil". E... com "Café-Society", acrescentamos nós.

No entanto, como os referidos padrões não fazem a menor referência a "Congados", "Moçambiques", "Cavalhadas", "Bumba-meu-boi", nós, para parecermos bem educados e autorizados, relegamos ao esquecimento êsses fatos de nossa cultura popular e tradicional. Só a êles nos reportamos, na maioria das vezes, para evocar um passado distante, que os nossos padrões atuais de povo alienígena, de povo "civilizado", insistem em manter longe de nós. Mas

(Conclui na pag. 73)



Rei Congo e Rei do Meio, dançam e cantam desentoadados.



Pousando para uma fotografia, o conjunto do curiosíssimo Congado de Ubá Centenária.



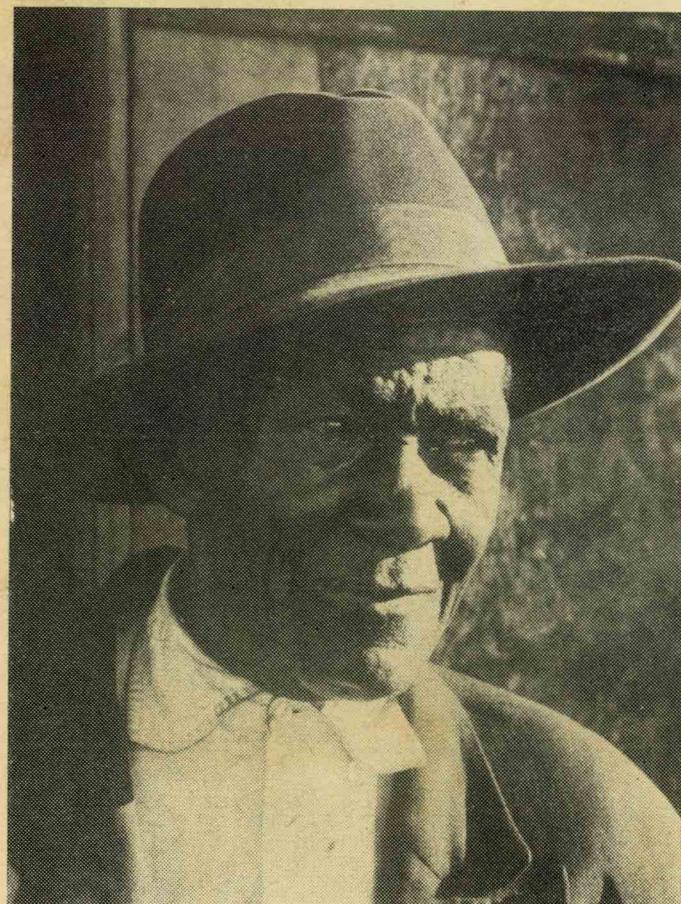
Preparando um «Periquito».





Poucos artistas conseguiram um grupo como este, que Dito criou com toda a sua natural simplicidade. Os caboclos brigaram de foice e um deles foi ao chão. O tom feroz das mulheres parece estimular os gladiadores.

Mestre Dito, o famoso artista, glória humilde de Araraquara.



Texto de
João Evangelista Ferraz

Fotos de
Lucílio Corrêa Leite Júnior

NUM humilde casebre de barro, situado na vila do Carmo, em Araraquara, (SP), reside um autêntico artista, na mais alta expressão da palavra. O escritor e cineasta Wallace Leal Valentin Rodrigues acaba de descobri-lo para integrar o elenco do filme «Santo Antônio e a Vaca» que vem sendo filmado naquela cidade paulista.

Sózinho no seu barraco, dispondendo apenas de trapos de saco de estôpa, de pedaços de madeira, de cola e de algumas tintas, Dito, a quem o diretor de «Santo Antônio e a Vaca», não hesitou em chamar de Mestre, ao ver-lhe as criações, produz os mais interessantes grupos de escultura, dignos de figurar nos grandes museus especializados em folclore, a exemplo do que acontece com as obras do famoso Mestre Vitalino, pernambucano, conhecido no País inteiro.

Mas os trabalhos do Mestre Dito ainda não foram analisados pelos técnicos e nem tampouco foram submetidos à crítica altamente especializada.

— Ao ver as suas criações — diz Wallace Rodrigues — fico chorando a morte de Mário de Andrade que, sem dúvida alguma, sentir-se-ia grandemente entusiasmado ante esta força natural, pura e personalíssima.

Se o Mestre Vitalino figura em museus da Europa, o mesmo pode dar-se com o Mestre Dito, bastando para isto que lhe seja possível exibir-se em sua terra e conseguir o seu lugar ao sol. O diretor Wallace acha mesmo que Mestre Dito supera o seu rival nordestino.

(Conclui na pag. 40)

→
Caboclos brasileiros rezando o têrço, impressionante criação de Mestre Dito.

DITO,

Um Mestre Sem Lançamento

A vida cabocla nas mãos de um grande artista.

Cantadores paulistas, extraordinário grupo digno de um museu folclórico. Note-se o ar sonhador do violeiro e a obstinação musical do homem da sanfona.





LOUISE MORTON

Ilust. de Eduardo de Paula

UM sábado à tarde, acabava eu de pentear-me, depois de descansar um pouco de minhas tarefas de fábrica, quando minha colega Isabel entrou no quarto de dormir, trazendo um par de meias molhadas penduradas do braço. Ao ver-me, meneou a cabeça, num gesto de reprovação.

— Helena — disse — é crime não vires conosco esta noite. Se tivesse a tua cara, asseguro-te que não ficaria um segundo encerrada aqui.

Depois prosseguiu com o argumento de sempre:

— Não devias estragar tua vida, lamentando o irreparável. És demasiado jovem e precisas distrair-te. Luis tem um amigo muito simpático e...

Interrompi-a, irritada:

— Por que não me deixa em paz, Isabel? Já lhe disse milhares de vezes que não quero sair. Amava Gerardo e ainda o amo. E não posso resignar-me a tê-lo perdido. Por que se nega a compreender-me?

— Porque não te faz bem passar as horas metida neste apartamento, pensando! Porque tu estás viva, Helena!

— Pois quisera não estar! Para mim, a vida já não tem sentido.

— O mal é isso: que acredites que tudo terminou para ti... Basta olhar-te para saber que uma moça como tu, teria o mundo em suas mãos se...

— Cale-se, Isabel! Sua insistência me aborrece.

— Bem, então será melhor que me vá, antes que te diga umas quantas verdades.

E saiu, batendo os saltos dos sapatos, de cabeça deitada para trás, com ar de dama ofendida.

Quando ouvi fechar-se a porta da rua, deixei-me cair na cama e fechei os olhos. Estava de novo sózinha com a recordação de Gerardo e a angústia na alma.

Dez meses tinham transcorrido

desde que recebera a notícia da morte de Gerardo. E como o fazia todas as tardes, voltei a pensar em quão maravilhosa teria sido a vida para Gerardo e para mim, pois nos amávamos intensamente, éramos jovens e otimistas e jamais havíamos tido um desacordo. Toda a gente costumava dizer, quando nos via juntos: «Que casal simpático! Parecem feitos um para o outro!»

Tinham razão. Mas o destino havia sido cruel para conosco.

Com duas semanas de casados, Gerardo, que era um aviador militar, partiu, com outros companheiros, a fim de localizar um grupo de geógrafos que se haviam perdido na montanha, em meio de um terrível temporal. A missão era perigosa e Gerardo o sabia. No momento de despedir-nos, estreitou-me fortemente e disse com sua habitual confiança em sua boa sorte:

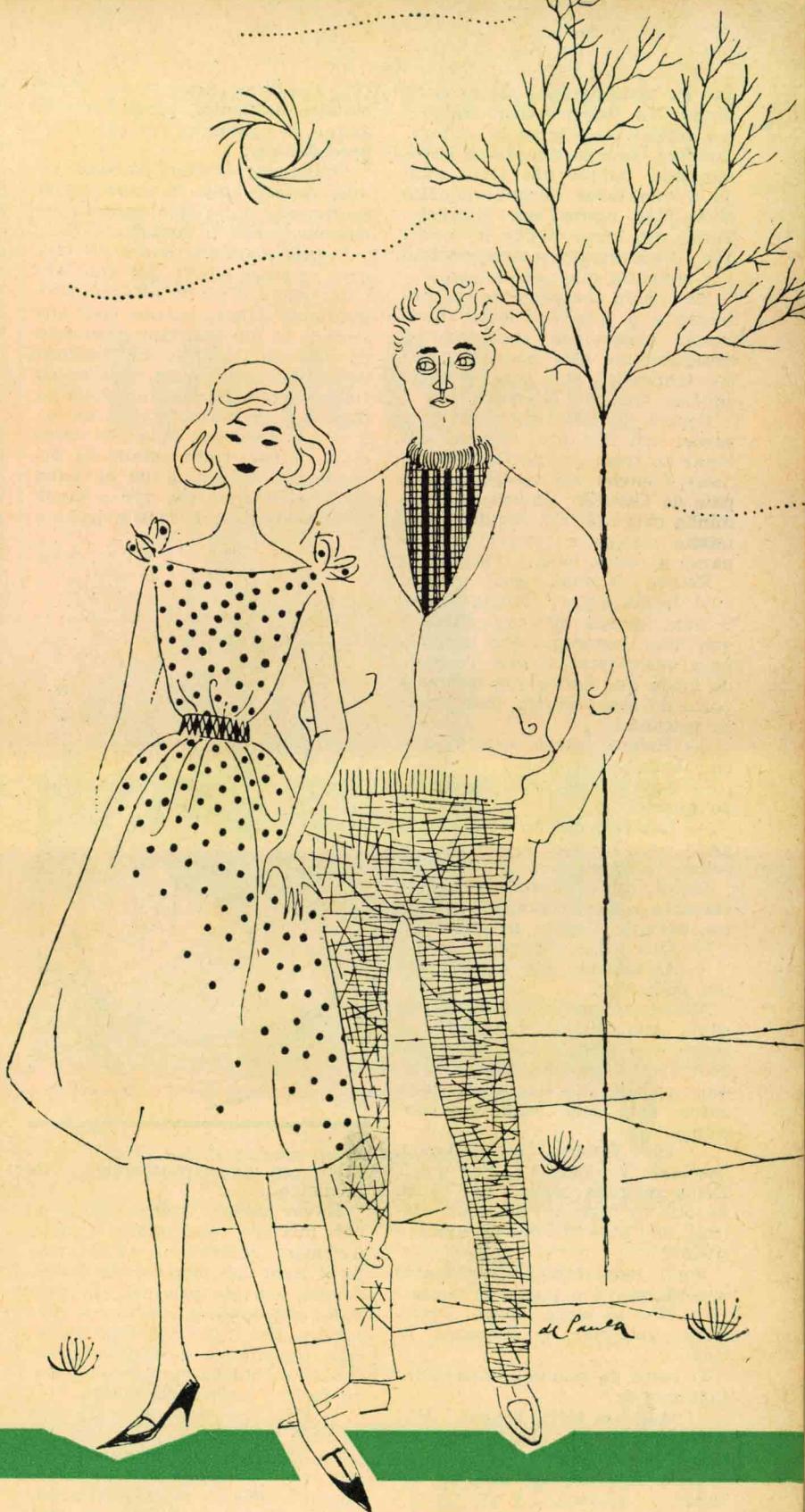
— Não receie por mim, Helena, voltarei logo, mas não antes de localizar os pobres geógrafos que, neste momento, já devem estar pouco menos que congelados.

Mas não regressou. Nunca se soube exatamente como teria ocorrido o acidente. «Morrera cumprindo seu dever», dizia a imprensa. Mas isso não era um consolo para meus vinte anos. Minha vida estava definitivamente destruída.

O mais penoso para mim é que ninguém parecia compreender-me. Nem mesmo Isabel, minha melhor amiga.

Pensando em minha dolorosa situação, ocorreu-me de repente uma idéia. Levantei-me e dirigi-me ao telefone. Pela primeira vez, fazia quase um ano, sentia interesse pelo que ia fazer.

Disquei o número do telefone da casa de meu chefe. Talvez o importunasse, mas isto não me importava. Tinha urgência de perguntar-lhe se ainda desejava



com sua dor. Até que presenciou a dor de outros...

que eu tomasse duas semanas de férias. No decorrer daqueles meses havia-mas oferecido reiteradamente, mas eu sempre as havia recusado, porque não teria sabido o que fazer durante aquelas dias. Mas agora era diferente. Tinha um lugar aonde ir. Sabia que ali encontraria a compreensão e a simpatia que necessitava.

Meu chefe concedeu-me imediatamente o que eu pedia. Mais ainda, mostrou-se encantado e assegurou-me que poderia gozá-las tranqüila, que bem merecia aquelas dias de descanso.

Depois de falar com él, sem perder um instante, reservei um lugar no trem que partia naquela noite e enviei um telegrama aos pais de Gerardo, anunciando-lhes minha chegada. Em seguida, tirei minha maleta e comecei a preparar a roupa para a viagem.

Estava fazendo isso, quando ouvi Isabel entrar. Minha amiga é uma dessas pessoas efusivas que não esperam um segundo para manifestar o que pensam, de modo que assim que fechou a porta do apartamento, disse, quase gritando :

— Helena, onde estás ? Sou eu : Isabel. Responde !

— Aqui — respondi, de dentro do quarto.

— Lamento muito ter-te zangado esta tarde com meus conselhos, mas eu...

Isabel interrompeu-se bruscamente e ficou parada a olhar-me, atônita. Depois, perguntou :

— Que estás fazendo ?

— Arrumando minha mala, como pode ver.

Minha amiga empalideceu. Eu sabia que minha resposta iria causar-lhe grande agitação, mas desejava vingar-me um pouquinho, porque me havia ela feito sofrer com seus saudáveis conselhos.

— Oh ! Helena ! — exclamou, desolada. — Partes ? Por que ? Estás zangada comigo por causa do que te disse ? Por Deus, Helena, não quis ofender-te, asseguro-te !

Sorri para tranqüilizar Isabel que já estava a ponto de chorar.

— Não se agite, Isabel. Deedi gozar uns dias de descanso. E' tudo.

O rosto de minha companheira iluminou-se.

— Que boa idéia, Helena ! Não sabes quanto me alegra essa notícia ! Aonde vais ?

— A fazenda dos pais de Gerardo.

O sorriso desapareceu dos lábios de Isabel. Queria ela que eu esquecesse Gerardo, convencida de que uma moça de minha idade não pode viver sómente da recorda-

ção. Continuei arrumando minha maleta, desiludida porque minha amiga se obstinava em não compreender-me.

Mais tarde, sentada no banco de uma deserta sala de espera, um sentimento de solidão oprimiu-me dolorosamente o coração.

Depois de vinte horas de viagem, o trem parou, por fim, em Clearfield e desci na estação, perguntando a mim mesma com ansiedade se me estariam esperando os pais de Gerardo. Na realidade, conhecia-os pouco, pois só os tinha visto em duas oportunidades : quando Gerardo e eu noivamos e quando nos casamos. Além disso, jamais tinha estado na fazenda dos Bartons e um de meus secretos desejos era ver o lugar onde havia nascido meu marido, o

pelo braço, conduziu-me até uma camioneta.

Atravessamos o pequeno povoado e seguimos depois por um caminho que corria entre trigais e hortas que se estendiam até o horizonte, iluminado pelo sol pálido da tarde. Era uma paisagem aprazível, feita para gente feliz, não para mim.

O Sr. Barton fez-me uma série de perguntas a respeito de meu trabalho e eu tratei de responder-lhe amavelmente para não lhe causar a impressão de que sua conversa era inoportuna.

A casa dos Bartons era como Gerardo me havia descrito : um edifício antigo, de dois andares, coberto em parte pela hera e rodeado por altas árvores de cerrada folhagem. Quando a camioneta parou diante da porta de entrada, a mãe de Gerardo desceu correndo a escada, sustentando com ambas as mãos o avental, como se temesse que voasse... Era delgada e miúda e bastava vê-la para saber que era uma mulher enérgica e ativa. Verifiquei com inexplicável amargura que não tinha o aspecto de minha dor. Mas a Sr^a Barton estava muito excitada com minha chegada e seu rosto era todo sorrisos.

Quando desci da camioneta, já estava ela a meu lado e me aperava em seus braços, dizendo :

— Oh ! Helena, que alegria vê-la ! Não me atrevia a pedir-lhe que viesse. E' uma felicidade poder tê-la conosco !

— Obrigada, minha senhora — murmelei, lentamente.

Como poderá estar tão contente ? — pensei.

— Não me trate com tanta cortesia, tão ceremoniosamente, Helena... para você somos simplesmente papai e mamãe.

Naquele instante saiu da casa um rapaz alto e de porte atlético, que se aproximou de nós, sorrindo-me cordialmente.

— Bem-vinda, Helena ! Tê-la-ia reconhecido em qualquer canto do mundo, embora seja mais bonita do que em retrato.

Não soube o que responder. Estava tonta. Quem era aquél jovem desconhecido que me tratava tão... familiarmente ? A Sr^a Barton tirou-me imediatamente de dúvida, dizendo :

— Helena, este é Vicente Fuller, o amigo íntimo de Gerardo.

— Ah !...

Gerardo havia-me falado a miúdo de Vicente. Tinham sido amigos desde a infância, seguindo depois a mesma carreira. Eram inseparáveis e se não havia conhecido Vicente antes foi porque, na época de meu noivado, se acha-



solar em que transcorrerá sua meninice...

Havia andado apenas uns poucos metros, com minha maleta na mão, quando vi adiantar-se para mim um homem de idade, de pele curtida pelo sol, em cujo rosto começava a esboçar-se um sorriso. Era o pai de Gerardo que, com espontânea cordialidade, estendeu os braços para receber-me, ao mesmo tempo que dizia :

— Estamos encantados por ter-se você decidido a vir, Helena !

— Eu desejava vivamente visitá-los ! — respondi, procurando no rosto dêle as marcas do sofrimento. Mas parecia não ter mudado muito e talvez sorrisse demasiado facilmente.

O Sr. Barton me pediu que lhe desse a maleta e, segurando-me

va éle no estrangeiro. Tinham os dois participado de muitas experiências e haviam-se estimado como dois irmãos.

Talvez tivesse ficado muito tempo de olhos cravados em Vicente, se a Sr^a Barton não nos tivesse convidado a entrar, dizendo, com um largo sorriso, que o jantar estava pronto.

Foi uma refeição opípara: frango assado, verduras fritas em manteiga, salada, pão caseiro, torta de maçãs com creme e compota de pêssegos. Tudo era produto da fazenda e, como tal, deveriam ser coisas saborosas... mas eu quase não podia comer. Os pais de Gerardo ofereciam-me um banquete, quando tinha eu vindo sómente para compartilhar com elas a minha dor!...

Logo me senti terrivelmente cansada, como se tivessem acumulado sobre mim todas as noites de insônia passadas durante aqueles meses. Com risco de desconcertá-los, disse, quase rogando:

— Desejaria dormir... Não se aborrecerão, se me fôr deitar? Estou muito cansada.

A Sr^a Barton apressou-se em tranqüilizar-me:

— Esta casa é a sua, Helena, e pode fazer o que quiser. Não tenha nunca cerimônia em pedir o que desejar. Nada me será mais grato que poder satisfazê-la. Vou agora mesmo preparar sua cama.

Pedi-lhe que não se incomodasse por mim e tratei de sorrir antes de retirar-me para meu quarto. Sentia que, de certo modo, os havia decepcionado. Afinal, também elas me haviam decepcionado!

Os dias que se seguiram não introduziram mudança alguma nas minhas relações com os Bartons. Felizmente, havia muito que fazer na fazenda: estava ocupada da manhã à noite, realizando os serviços que a mãe de Gerardo me encenava.

Na tarde em que a ajudei a preparar conservas de tomates, desculpou-se, dizendo:

— Não tinha intenção de fazê-la trabalhar, Helena. Você está de férias e suponho que deseja descansar.

— Oh! não. Faz-me bem estar sempre ocupada. O que não posso tolerar é a inatividade...

A Sr^a Barton dirigiu-me um olhar inquieto, mas não fêz nenhum comentário. E outra vez senti-me desiludida. Tinha a impressão de que ela evitava toda conversa que pudesse referir-se a seu filho. Já o havia esquecido... ou temia recordá-lo? Não compreendia sua atitude que, talvez, obedecesse a uma excessiva re-

(Continua na pag. 40)

Não comprometa sua beleza com poros obstruídos!

Para proteger o viço de sua pele,
é indispensável uma *limpeza profunda*
e *tonificante* de seus poros com
a positiva ação medicinal do

Leite de Colonia



O rosto mais lindo pode perder todo seu encanto se sua pele não respira livremente! Poros obstruídos impedem a respiração da cutis, tornando-a flácida... envelhecida, prematuramente! A proteção de sua pele está na penetrante ação medicinal do Leite de Colonia que limpa profundamente os poros, tonificando os tecidos de sua epiderme. Sejam quais forem os preparados que você use, seu primeiro cuidado deve ser uma completa limpeza dos poros com Leite de Colonia, para assegurar uma pele sempre macia, livre de imperfeições. Por que não começar agora?



... mas não confunda!

Exija Leite de Colonia

De comprovada ação medicinal, Leite de Colonia é único! Não existe nada melhor, igual ou parecido! Portanto, não aceite um substituto qualquer!

Um cientista-escritor reflete
sobre o mundo de amanhã
e prefigura...

O Destino do Homem

EM uma ou outra ocasião, a maioria das criaturas sentiram aquêle súbito espasmo de irrealdade que leva a perguntar: «Que estou fazendo aqui?» Esse pressentimento perturbador é perfeitamente exato. Nós não pertencemos a este lugar; na realidade, estamos a caminho de algum outro. A jornada começou há cerca de dois bilhões de anos, quando um de nossos esquecidos antepassados rastejou para fora do mar, começando assim a invasão da terra pela vida.

A água banhada de sol dos primitivos oceanos era um ambiente quase ideal para os seres viventes. Ela os protegia de temperaturas extremas e lhes fornecia alimento e oxigênio. Além do mais, sustentava-os de forma a

torná-los insensíveis à deformante e esmagadora influência da gravidade.

Ainda trazemos em nossos corpos ecos dos antigos mares da terra. O sangue que corre em nossas veias contém, em sua química básica, uma réplica dos oceanos em que a vida começou. Antes do nascimento, todos nós passamos os primeiros meses de nossa existência flutuando em um aquário, pois que o líquido uterino também imita o mar; mais espantoso ainda, cada um de nós desenvolve, por algum tempo, rudimentares guelras semelhantes às do peixe, sómente nos desfazendo delas no estranho e maravilhoso caminho da concepção para o nascimento.

Mas não podemos fazer recuar o relógio da evolução. O mar está muito atrás de nós. Nós, criaturas da terra, somos exiladas — pessoas deslocadas, em trânsito de um elemento para outro. Contudo, não há necessidade de chorarmos o nosso lar perdido, pois que estamos a caminho de um que promete infinitamente mais. Estamos a caminho do espaço, e lá — embora isto seja surpreendente — poderemos reaver muito do que perdemos quando deixamos o mar.

Hoje estamos muito mais próximos do momento em que uma nave celeste, transportando homens, descerá sobre a Lua, do que estamos daquele momento em 1903, em Kitty Hawk, quando os irmãos Wright nos deram o domínio dos céus. (*) Os primeiros homens que descerão na Lua já nasceram. Assim, admitamos jovialmente como possível a mais extraordinária conquista técnica na história humana — a conquista do espaço — e consideremos algumas de suas consequências para a humanidade.

A primeira mudança será o resultado de viver em áreas gravitacionais mais baixas do que a da Terra. Em Marte, por exemplo, um homem de 80 kg pesaria cerca de 30 kg; na Lua, menos de 13 kg. E em estações siderais ou satélites artificiais, ele não pesaria nada. Para se ver em que isto pode implicar, considere-se

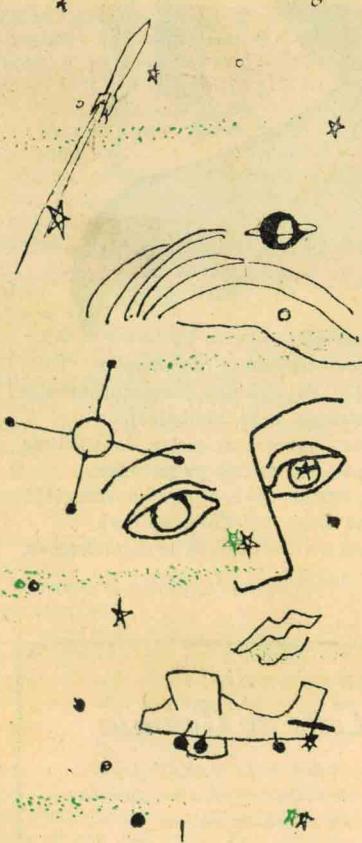
o que a gravidade faz a nossos corpos aqui na superfície da terra. Muita energia é aplicada para bombear o sangue através de nossas veias e artérias. Muito mais poderíamos viver se o peso do sangue e do nosso corpo todo fossem anulados.

Na verdade, a gravidade zero ou reduzida pode produzir efeitos secundários indesejáveis. Talvez nossos órgãos de equilíbrio e alguns de nossos músculos se atrofiariam após muitas gerações num ambiente sem peso, mas seria uma permuta equitativa, por causa da ausência de pés chatos, barriga e outros defeitos favorecidos pela gravidade.

Mas a simples extensão do tempo de vida e mesmo melhor saúde e maior eficiência são menos importantes do que o aumento da riqueza e da diversidade da experiência humana.

No mar, todas as criaturas existem no centro de um pequeno universo que tem um raio de pouco mais de 30 m — o limite da visibilidade no mundo subaquático. O mundo de um animal terreno é milhares de vezes maior. Ele pode ver até à linha do horizonte, a quilômetros de distância. E, à noite, pode contemplar as estrelas. No espaço, não haverá horizonte neste lado do infinito. Haverá sóis e planetas sem fim, nunca dois iguais, muitos déles proliferos em estranhas formas de vida e talvez mais estranhas culturas. Quaisquer que sejam as civilizações que possamos construir nos mundos distantes, elas diferirão da nossa muito mais do que a América do século vinte difere do Egito dos faraós. E, em alguns milhares de anos, muitos de nossos descendentes separar-se-ão de nós por abismos psicológicos e biológicos muito maiores do que os existentes entre os esquimós e os pigmeus africanos. No mundo em evolução de amanhã, os homens também mudarão.

Eles serão altos e esbeltos, em planetas de menor gravidade, pequenos e troncudos, onde a gravidade fôr maior. Alguns terão vida breve, mas intensa, em planetas de rápida rotação, onde a alvorada e o crepúsculo estão



no Espaço

separados sómente por algumas horas; outros divagarão pelos séculos, em mundos que se movem tão lentamente em torno de sua órbita que homem nenhum jamais poderá nutrir a esperança de ver uma segunda primavera e avós contarão a seus incrédulos parentes adultos as recordações do inverno.

Quais serão os pensamentos de um homem que vive numa das luas interiores de Saturno, onde o sol é um ponto de luz intensa mas sem calor e a grande laranja dourada do gigantesco planeta dos anéis domina o céu? E' nos difícil imaginar suas esperanças e seus temores; todavia, eles podem estar mais próximos de nós do que os homens que assinaram a Declaração da Independência.

Sigamos em frente para os planetas de outros sóis e retraremos um planeta onde a palavra «noite» não tem sentido, pois quando um sol se põe, outro nasce — e talvez um terceiro ou quarto — de matiz totalmente diverso. Tentemos imaginar o que, na certa, será o mais fantástico de todos os céus — aquêle de um planeta próximo ao centro de uma daquelas nebulosas que fulgem em nossos telescópios como distantes enxames de pirilampos. Que coisa estranha será permanecer sob um céu que é um sólido escudo de estrélas, de forma que há escuridão entre elas, através da qual se possa contemplar o universo além.

Tais mundos existem e, algum dia, os homens viverão neles. Contudo, se jamais nos sentimos inteiramente à vontade aqui na Terra, que esperança há de encontrarmos maior felicidade nos estranhos mundos siderais? A resposta está na distinção entre o Homem, como raça, e o homem, como indivíduo. Para um homem, o «lar» é o local de seu nascimento e infância. Mas para o Homem, o lar jamais poderá ser um único país, um único mundo, um único sistema solar ou uma única nebulosa. Enquanto a raça perdurar em formas humanas reconhecíveis, não poderá haver ne-

(Conclui na pag. 40)

ALGUMAS vezes, a mãe ama o seu filhinho com tanta intensidade que, sem demora, se vê atada a ele por anéis de aço. Com uma vizinha que tem um filho de quatro anos, ocorreu uma história semelhante, e é ela quem diz:

— Ele tem medo de ficar longe de minha vista. Se está brincando fora vem correndo de dez em dez minutos e grita para ver se ainda estou em casa; se eu não respondo imediatamente, dispara a gritar. Nesta primavera levei-o para um jardim da infância, e tive de permanecer a seu lado até o momento de trazê-lo de volta para casa. Fomos convidados este mês para um casamento em Chicago e, como a viagem seria longa, planejamos deixar as crianças até o fim da semana com minha irmã, de quem todas gostam. Mas, cada vez que tocávamos no assunto da viagem, nosso filho explodia em chôro, até que, afinal, resolvemos desistir. Meu sogro mora conosco, mas nosso filho recusa ficar com ele à noite, quando queremos ir a uma festa ou reunião. Meu marido fica muito nervoso com estes incidentes e acha que devemos falar claramente que vamos sair, e deixar o menino gritar à vontade. Penso que isto seria pior e, geralmente, acabamos por ficar quietos em casa. Além disso, quer que eu esteja junto, quando

Prisioneiros dos Filhos



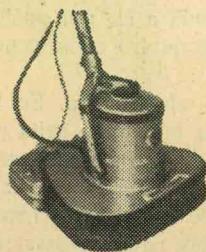
cochila ou repousa, e acorda aterrorizado se eu não estiver perto. À noite, exige que me deite com ele até adormecer. Quando o auxilio na feitura de algum dever como, por exemplo, desenhar, colorir, escrever no quadro-negro, fazer modelagem ou recortes, ele experimenta apenas uma vez, e, se não consegue, arranca tudo e joga fora. Nada desse mundo pode fazê-lo tentar de novo.

Num caso destes, o marido é que está com a razão: o menino deve gritar à vontade, até acostumar-se. É um absurdo que os pais se sacrificiem, permanecendo em casa por causa de uma criança chorona. Para ser educada, ela deve ser deixada primeiramente com um membro da família e, mais tarde, com um estranho, com quem já tenha travado conhecimento. A princípio, a ausência da mãe deve ser curta, alongando-se com o tempo.

Quanto à falta de confiança na própria habilidade, isto não é de estranhar, num menino que depende em tudo de sua mãe. À medida que passar a emoção dos primeiros dias de separação, este segundo problema será também solucionado. Ele deve aprender a divertir-se, sózinho ou com outras crianças de sua idade. — Dr. Garry C. Myers.

A NOVA ENCERADEIRA

Electrolux



Vendas em suaves
prestações mensais

Distribuidor exclusivo

CIA. FÁBIO BASTOS

Guarani, 555 e Adalberto Ferraz,
246 — fone 2-3386 — Belo Ho-
rizonte



LEVE SEU RÁDIO

e espere consertá-lo.

RÁDIO TÉCNICA SANTA CRUZ
Avenida Brasil, 73 - Tel. 2-2983
Santa Efigênia — Belo Horizonte

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o Creme de Alface "Brilhante", ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cútis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cútis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sábia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto do Laboratório Alvim e Freitas S. A.

O Destino do Homem no Espaço

Conclusão

nhuma casa de morada senão o próprio universo.

Esta divina insatisfação conduzirá nossos descendentes para inconcebíveis objetivos, quando a própria Terra for uma lenda fugidia, perdida entre as estrélas.

— Arthur C. Clarke

* Sendo norte-americano, o autor deste artigo não faz por menos. Nós, porém, sabemos que é do brasileiro Santos Dumont a glória da conquista dos ares.

(N. da Red.)

Dito, Um Mestre Sem Lançamento

Conclusão da pag. 32

«Santo Antônio e a Vaca», o primeiro filme araraquarense, vai lançar o artista através da sua obra. Os títulos elucidatórios do inicio serão fotografados sobre montagens realizadas com estátuas de Mestre Dito e os seus diretores já estão estudando a possibilidade de se realizar uma pequena exposição do artista, simultaneamente com o lançamen-

to do filme. Desta forma, não apenas a paisagem, a história, os tipos, as músicas e as danças do folclore paulista desfilarão diante do Brasil, mas o nosso País verá um artista singular, que naturalmente fará sucesso e ficará conhecido em todos os rincões brasileiros e — por que não dizer? — também no exterior.

Não Estava Só

Continuação da pag. 37

serva. Assim pelo menos esforçava-me por acreditar-ló.

Tampouco o Sr. Barton, nem Vicente, pareciam muito dispostos a falar de Gerardo. E eu cada dia me sentia mais só. Ninguém, nem os pais de Gerardo, nem seu amigo, me compreendia.

Uma noite, depois de comer e de lavar os pratos, a Sr^a Barton propôs-me irmos sentar-nos no alpendre, onde já se encontravam os dois homens fumando seus cachimbos. A mãe de Gerardo, cansada de seu dia ativo, deixou-se cair na rête, lançando um suspiro de alívio.

— Por que não se senta a meu lado, Helena? — perguntou, vendo que eu me havia sentado numa cadeira.

— Obrigada, estou bem aqui.

Para mim era inconcebível aceitar a comodidade que me oferecia uma rête, quando não podia ter Gerardo a meu lado. Essas coisas, como tantas outras, estavam reservadas para os sérés felizes.

Por um momento permaneceram todos silenciosos. Finalmente, Vicente, que se achava debruçado na varanda, disse com uma voz cheia de tranqüila satisfação:

— Sempre me encantou o coazar das rãs nas noites de verão e hoje o acho particularmente sugestivo, talvez porque o associe a gratas recordações da infância.

Vicente calou-se um instante e depois perguntou:

— Helena, que lhe parece, se dessemos um passeio até a lagoa?

A Sr^a Barton apoiou, com entusiasmo:

— E' uma excelente idéia. A noite está linda.

De repente, tive a sensação de que sufocava. Estava só com a minha dor e toda a gente me tratava como se nada de terrivelmente trágico me tivesse ocorrido. Levantei-me bruscamente e balbuciei:

— Não!... Estou excessivamente cansada e não desejo sair.

E sem dizer mais, entrei correndo na casa e fechei-me no meu quarto. Momentos depois ouvi baterem à porta. Era a Sr^a Barton que perguntava se podia entrar. Respondi que sim, embora não desejasse vê-la.

Estava sentada à janela, olhando fixamente um pedaço de parede iluminado pela luar. Não me voltei quando ela entrou e se aproximou de mim.

Ao fim dum instante começou a falar, lentamente, como se não soubesse exprimir o que desejava dizer-me.

— Sinto que você veio aqui buscar alguma coisa, Helena... alguma coisa que não fomos capazes de dar-lhe... Mas não posso adivinhar o que deseja. Se me ajudar um pouquinho, talvez saiba o que devo fazer por você.

Então assaltou-me um incontido desejo de dizer-lhe o que pensava e de feri-la com minhas palavras.

(Continua na pag. 52)



Ela sabe: **Êle volta mais depressa
voando nos novíssimos Super-Convair da Real**

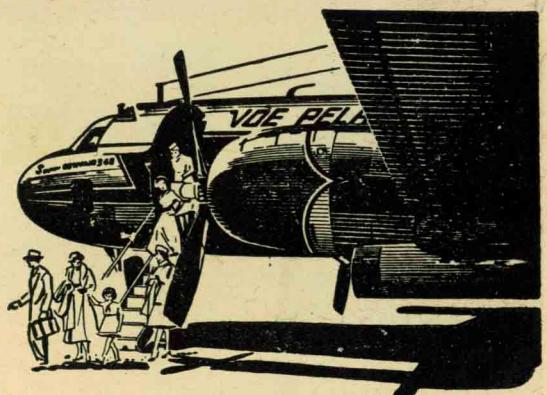
... E chega mais descansado, também, para os abraços da família! Os novíssimos Super-Convair especialmente construídos para a sua Real oferecem o máximo em conforto e precisão de voo. São aviões ultra-modernos que têm:

- 1) mais força nos motores do que 3 locomotivas Diesel que puxam 30 vagões;
- 2) Cabine pressurizada para evitar diferenças de pressão;
- 3) Hélices de passo reversível e trem de aterrissagem com rodas duplas, para maior suavidade nos poucos.

Sempre presente quando Minas precisa de seus serviços.



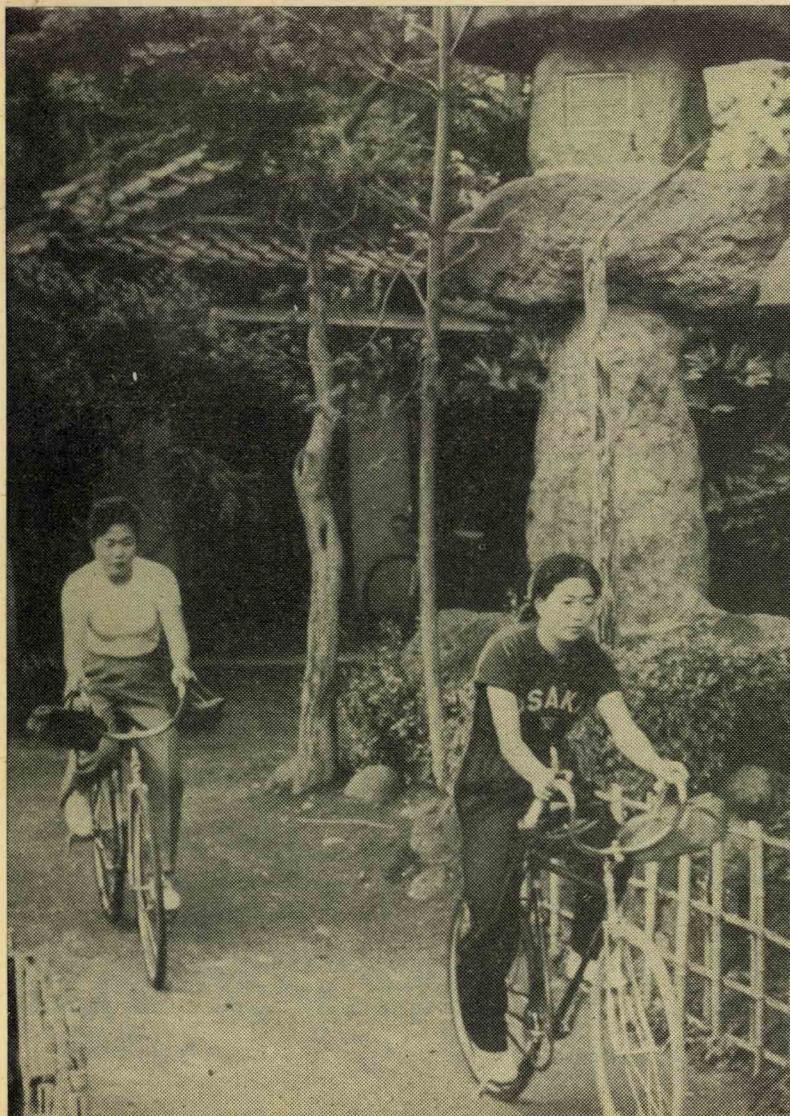
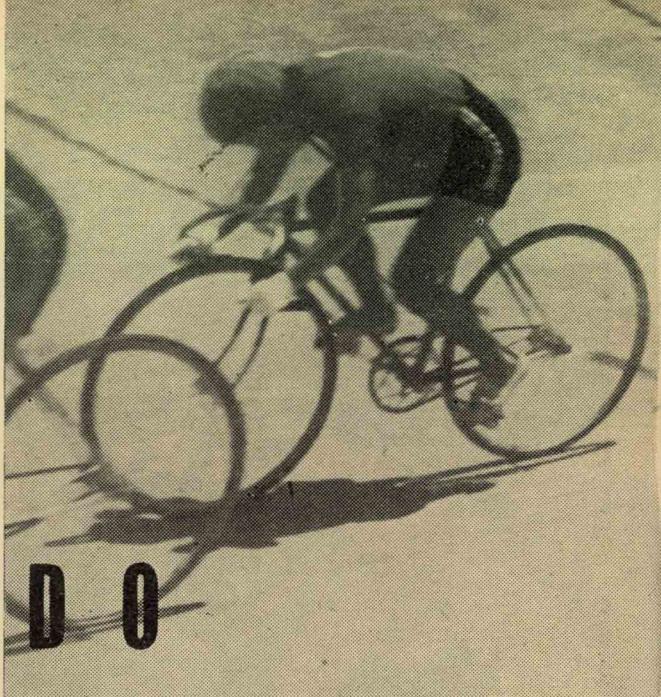
Rua Espírito Santo, 647 - Tel. 4-8200



- 7 vôos diários para o Rio
- 2 vôos diários para São Paulo
- 2 vôos semanais para Salvador e Recife

Por dinheiro, mais
que por esporte,

ELAS GANHAM A VIDA PEDALANDO



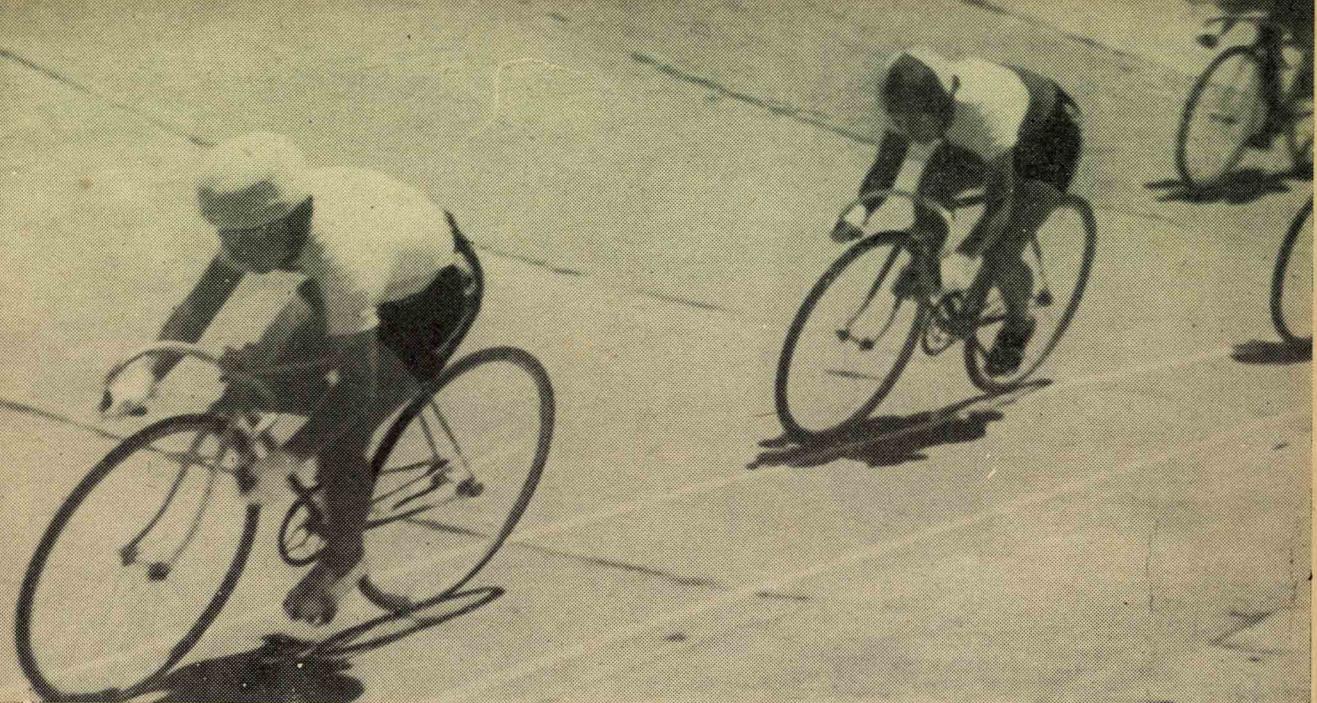
DEPOIS que terminou a II^a Guerra Mundial, surgiu no Japão, e se desenvolveu a ponto de hoje quase igualar-se em popularidade ao **baseball**, o esporte do ciclismo. As «keirins», ou corridas de bicicletas, são hoje tão atraentes para o japonês que 30 milhões de espectadores a elas assistem por ano, e há casos em que as bilheterias dos ciclódromos arrecadam mais de 60 bilhões de yens.

Embora seja, principalmente, um esporte para homens, já existem multidões de garotas que a ele se dedicam, criando assim uma atração adicional. Todo ano, semanas antes de iniciar-se a temporada ciclística, cerca de 25 a 50 pedalistas do sexo feminino são selecionadas nas diversas prefeituras do Japão. Com treinamento especial, exercícios, alimentação e recreação adequada, as moças vivem quase como enclausuradas, durante a estação.

As idades variam entre 17 e 30 anos. Uma boa corredora po-

(Conclui na pag. 44)

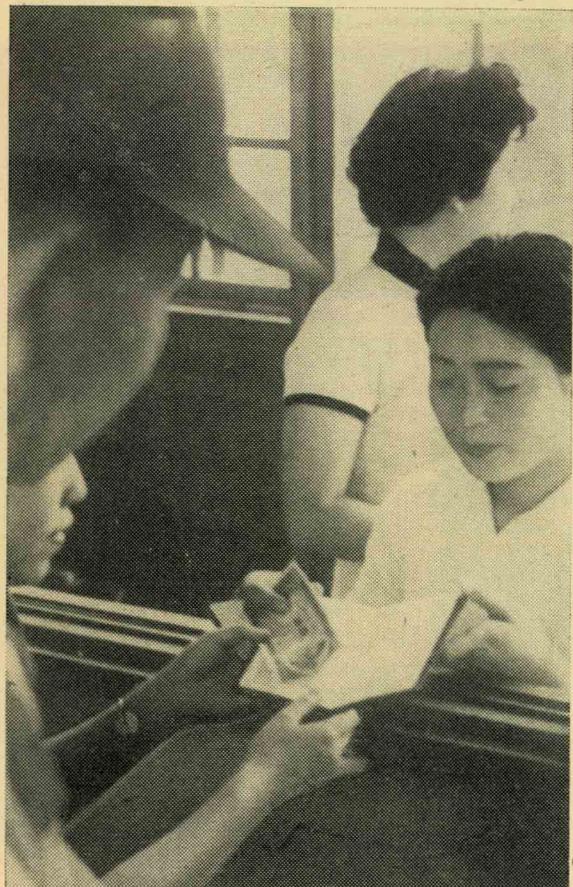
Bem cedinho, estas garotas deixam seu dormitório (ao fundo), para uma corrida de treinamento.



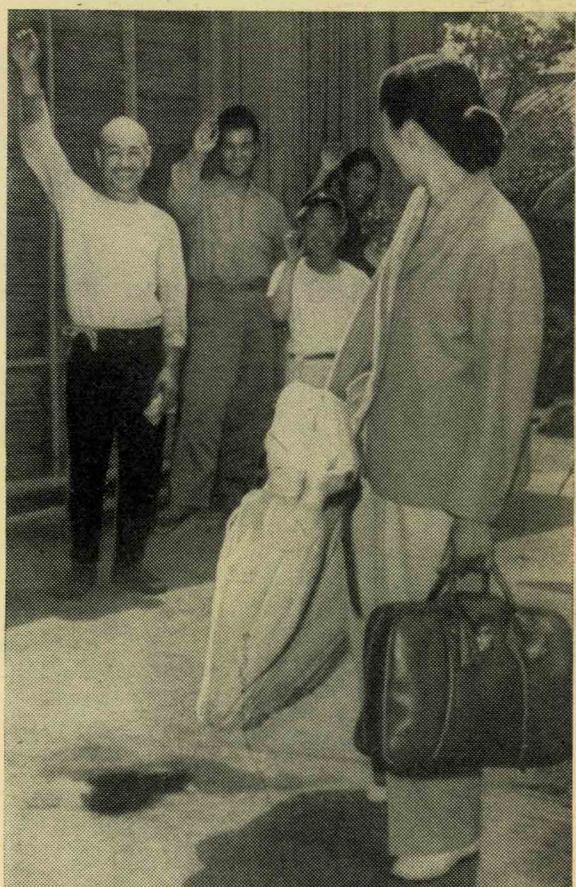
As garotas ciclistas dão tudo o que podem na linha de chegada da Pista de Corridas de Maebachi, prefeitura de Gumima.

Tôdas as moças precisam de munir-se de licença especial, para poderem correr.

E' com orgulho que a família desta moça lhe dá adeus, quando ela parte para a temporada.

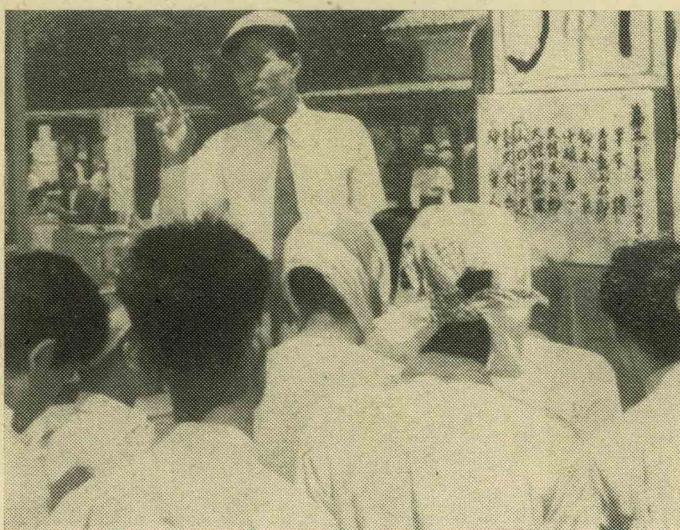


ALTEROSA





Reunidos num vestiário, corredores de ambos os sexos ouvem recomendações de um oficial das corridas.



Elas ganham...

de ganhar até 200 contos por ano, o que não deixa de ser uma soma bastante razoável. E não obstante viverem cercadas de honrarias e admiração, as estréias do ciclismo

Nos dias de corridas femininas, o número de apostas sobe assustadoramente.

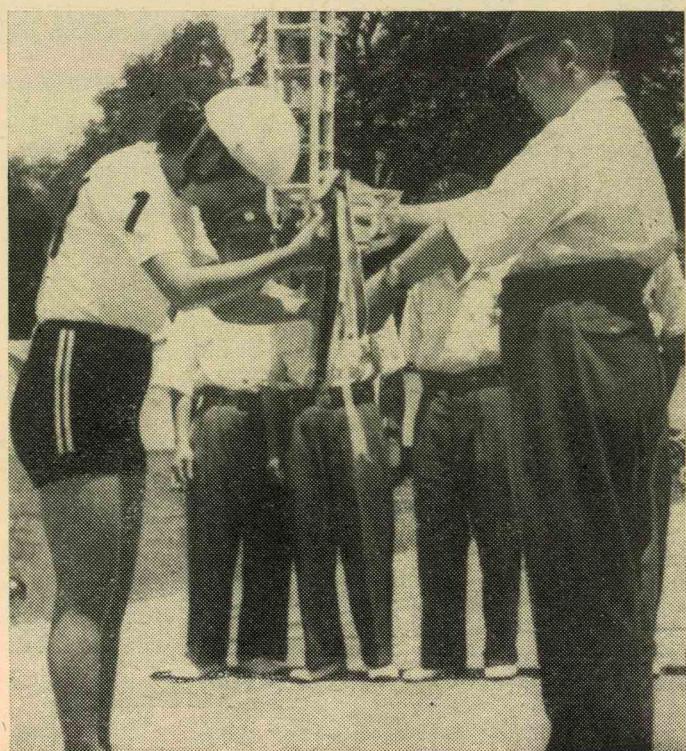


Enquanto esperam pelo início de sua corrida, estas garotas sentam-se, meditativas, numa dependência do ciclódromo.

— Conclusão

mo quase sempre se casam, depois de uma curta carreira, do que resulta sempre existirem caras novas na pista de corridas, quando é o Dia das Senhoras.

Fazendo uma solene curvatura, a garota recebe o troféu a que fêz jus, depois de uma corrida.



O CRIME NÃO
COMPENSA

A Morte do Lindo Brotinho

NORMAN ABBOTT

Do New York
Mirror Magazine

Distribuição do
King Features
Syndicate

Boa alma, Corinne passava
as tardes atrás de um
balcão, vendendo
refrescos. Daí ela
saiu para seu último
encontro.

NOS Estados Unidos, com a evolução rápida e natural da língua, a palavra "bobby-soxer" — aplicada a um grande número de adolescentes que, antigamente, se distingua por sua predileção por meias curtas e pelos desmaios diante de cantores populares — já se tornou quase obsoleta. Hoje, foi substituída por "teen-ager", equívaleto a "brotinho", e que serve para designar grande quantidade de mocinhas que atravessam a idade também conhecida por "difícil".

Corinne Baldwin, uma mocinha que residia, trabalhava e freqüentava a escola em Chicago, com apenas quinze anos era já bem madura e não poderia ser chamada pelo que se conhece por "bobby-soxer". No entanto, o termo poderia ser aplicado aqui se levássemos em consideração o modo cuidadoso com que ela usava as meias, bem dobradas e combinando com os sapatos vermelhos de bailarina, quando foi encontrada morta, em a noite de 9 de fevereiro de 1954.

Essa circunstância foi notada pelos detetives de Chicago, quando encontraram seu corpo, no dia seguinte à sua morte, numa alamêda, situada perto da mercearia, onde trabalhava. Inicialmente, nada havia de claro acerca do crime. Feitas as investigações, tudo levava a crer, inclusive o laudo médico, que Corinne, atraída à alamêda, havia sido raptada e estrangulada. Sua roupa apresentava-se suja e rasgada, com partes inteiramente descoladas do corpo. Apresentava arranhões nas faces e no pescoço e tudo indicava que havia lutado. Sua bolsa estava

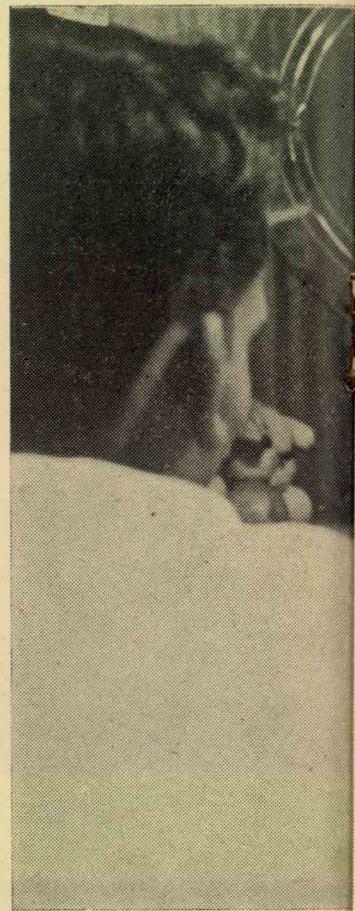
aberta e o conteúdo espalhado nas adjacências. Apesar os sapatos de bailarina, com as meias estranhamente dobradas e bem dispostas em cada pé, eram uma nota dissonante.

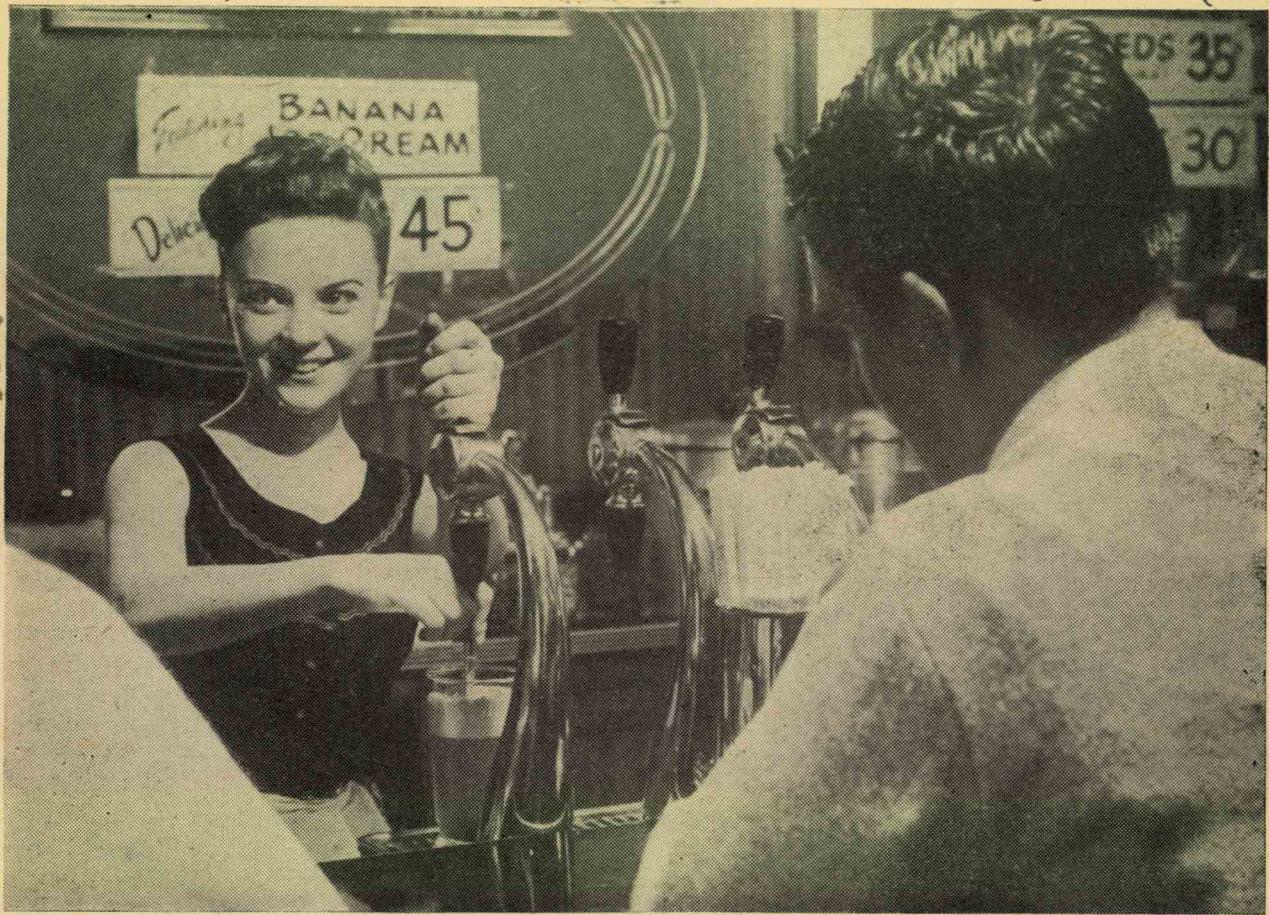
☆ ☆ ☆

Bonita, a loura Corinne Baldwin era produzida de um lar dividido. A partir da idade de cinco anos, quando seus pais se divorciaram, ela passava a viver com o pai, em St. Paul, em Minnesota. Ultimamente, tinha vindo para Chicago a fim de morar com sua mãe e o padrasto. Apesar dessas desvantagens iniciais, a moça parecia ajustar-se bem ao novo ambiente. No Colégio, suas notas eram acima da média. Alguns meses antes do ocorrido, ela havia entrado para o serviço da loja, passando as suas tardes atrás de um balcão, manejando a torneira de refrescos. O serviço não chegava a prejudicar os seus deveres escolares.

Popular na escola, era agradável e sorridente para os fregueses de soda, muitos dos quais eram seus colegas. Tendo já namorado uma meia-dúzia de rapazes de sua idade, havia dois meses que permanecia "firme" com certo soldado, que servia em Fort Leonard Wood, em Missouri. Eram demasiado jovens para um compromisso formal, mas tinham confiança um no outro, sendo que Corinne continuava cordial e amiga de todos.

Corinne, precocemente amadurecida, mantinha, havia vários meses, sua própria residência: ocupava um quarto num pequeno hotel, situado não longe da casa da mãe e do padrasto, da Escola que fre-





quentava e da loja. No hotel, o gerente, o zelador e os empregados, todos concordavam que era a hóspede favorita. Muito circunspecta, não recebia hóspedes masculinos em seu quarto, embora freqüentemente se encontrasse com vários de seus amiguinhos no saguão.

No quarto, que parecia tão limpo quanto a vida de Corinne, as autoridades policiais encontraram inúmeras fotografias de rapazes, variando de dezenas a vinte e poucos anos, e uma bonita caderneta cuidadosamente guardada, contendo nomes e endereços de aproximadamente uma dúzia desses presumíveis amigos da moça assassinada. Era um pequenino detalhe que poderia ser útil aos investigadores.

☆ ☆ ☆

Enquanto isso, outros detetives trabalhavam nas proximidades do local do crime. De uma empregada da loja, souberam que Corinne havia dito, poucos dias antes, que estava sendo objeto das atenções de um homem muito velho, freguês do estabelecimento comercial. Do proprietário de uma alfaiataria das vizinhanças, que morava no andar superior da loja, souberam que um homem e uma moça tinham sido vistos na noite anterior à tragédia num carro estacionado na entrada da alamêda. O carro era velho, prêto, com uma larga listra vermelha. Um reexame nos pertences de Corinne, espalhados pelo chão, mostrou que seus óculos de leitura estavam quebrados; e os pedaços de uma lente estraçalhada haviam desaparecido. Os detetives estavam agora interessados em descobrir tais pedaços.

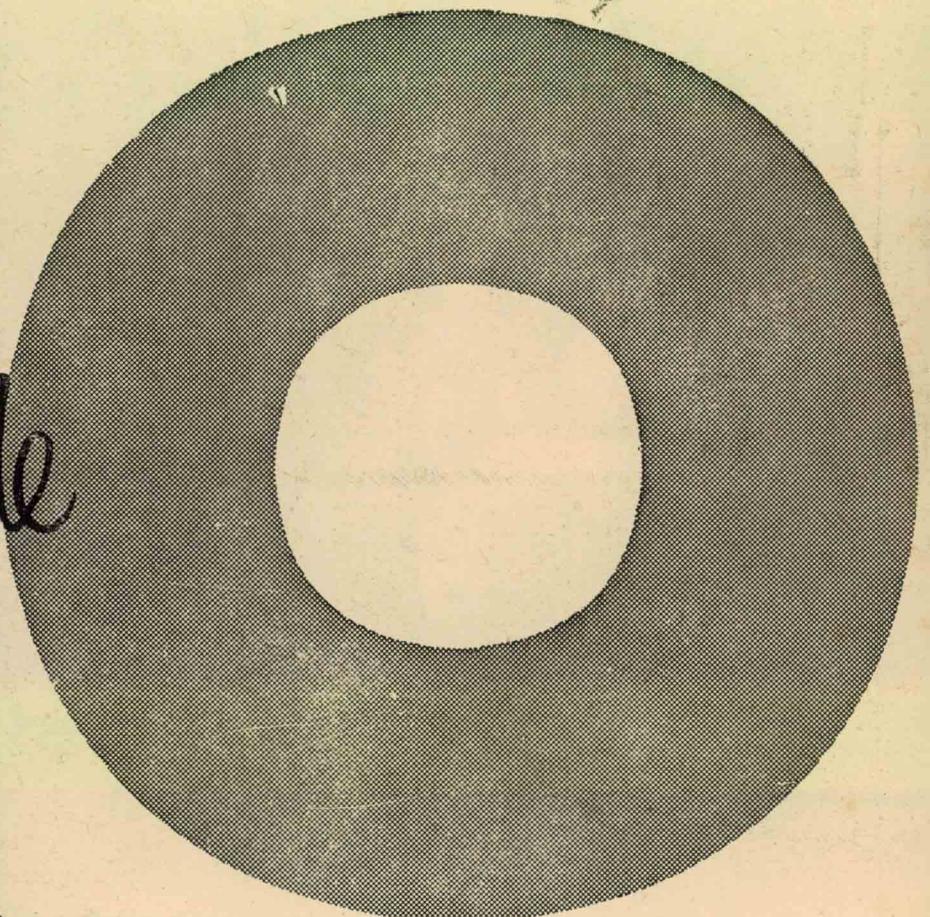
Os trabalhos de entrevistar aquêles que haviam conhecido Corinne foram desenvolvidos metódicamente. O jovem soldado com quem ela convivera foi o primeiro a ser eliminado; não se tinha afastado do Fort Leonard Wood pelo espaço de uma semana. O "velho" respondeu aos policiais que seu interesse tinha sido apenas semi-paternal para com a bonita moçinha dos refrigerantes. Dos rapazes e companheiras que Corinne possuía em sua lista, três haviam estado na loja, nas últimas horas que precederam o assassinato. Dêstes, um tinha um arranhão bem visível no rosto. Tentou justificá-lo a todo custo. Entretanto, possuía também um automóvel negro, e com uma larga listra vermelha. No assento traseiro de seu carro, no espaço entre as almofadas, encontraram-se fragmentos das lentes dos óculos de leitura de Corinne. A polícia prendeu Lee Parker, de 19 anos, sob suspeita de homicídio.

☆ ☆ ☆

Fato digno de nota é que as vidas de Corinne e de seu matador estavam em desconcertante contraste. Lee Parker era filho adotivo de um casal generoso e devotado. Não obstante, apesar de todas as vantagens e segurança da vida em família, o que não acontecia com a pobre moça, cinco anos atrás havia sido fichado como pequeno ladrão. Permanecera algum tempo num reformatório e, posteriormente, tendo ingressado na Marinha, de lá saíra em condições indignas. Com cara de criança, física e psiquicamente imaturo, sua fôlha corrida não incluía ofensas sexuais.

(Conclui na pag. 88)

mais de
— novo
marco
na
história
de um
Banco!



Esta é a história de seu banco... Conquistou, pela rapidez dos serviços, pela prudência das aplicações, pela eficiência dos funcionários, a confiança do público. Com os primeiros milhares de depositantes, o Banco Nacional de Minas Gerais iniciou o seu período de crescimento a um ritmo inédito na vida bancária. E já pode assinalar vitórias como esta: em dezembro, subiam a dez bilhões e meio de cruzeiros os depósitos confiados à sua guarda; passava de 300.000 o número de seus depositantes. Falam os números. Falam os depositantes. Falará você, também, ao fazer a mesma experiência. Um fato explica e resume o firme crescimento do Banco Nacional de Minas Gerais: é o banco onde cada cliente, entre 300.000, é "o cliente".



**de cruzeiros
em depósitos...
mais de
300.000
depositantes**



Os depósitos confiados ao Banco
Nacional de Minas Gerais corres-
pondem a cerca de 8% de todo o
dinheiro em circulação ao Brasil I

**BANCO NACIONAL
DE MINAS GERAIS S. A.**

TESTE

ESTARÁ VOCÊ AMANDO REALMENTE?



O AMOR constitui um tema de tal maneira importante, que, desde os mais remotos tempos, prosadores, pensadores e poetas têm procurado defini-lo com as mais coloridas palavras; mas a verdade é que basta que se ame para falar bonito sobre o amor, e até mesmo para ser capaz de "ouvir e entender estrélas", no dizer de Bilac.

E quando é que se tem a certeza de que se ama realmente?

Foi justamente com a finalidade de responder a essa pergunta, que nos propomos a apresentar este teste aos nossos leitores que se encontram preocupados em descobrir se estão ou não estão amando. As respostas devem ser dadas com segurança e sinceridade e, à página 88, damos o seu significado.

1. Você é capaz de preferir ir a um cinema de bairro com ele (ou ela), a ir a qualquer uma festa elegante com qualquer outra pessoa?
2. Você se sentiria seriamente preocupada com o tempo, se ele (ou ela) tivesse de viajar?
3. Quando estão juntos, você acha que o tempo passa depressa?
4. Você se sente capaz de discutir sobre algum ponto com ele (ou ela)?
5. O fato de ele (ou ela) ser o centro de atenção numa festa é motivo de orgulho para você?
6. Você procura agradá-lo(a), evitando usar roupas que ele (ela) não goste?
7. Causar-lhe-ia ciúmes descobrir que ele (ou ela) ainda conserva cartas de um amor passado?
8. Você se esforça no sentido de gostar dos amigos dele (dela)?
9. Quando estão juntos, você costuma rir-se de tudo e de todos?
10. E-lhe um prazer apresentá-lo(a) aos seus amigos?
11. Você é capaz de descobri-lo(la) em meio a uma multidão?
12. Seria você capaz de renunciar a uma carreira promissora para satisfazê-lo(a)?
- 13a. Você é capaz de imaginá-lo pagando as contas do armazém ou brincando com as crianças?
- 13b. Você é capaz de imaginá-la de aventalzinho branco, lavando a louça ou dando banho nos garotos?

E' Preciso Ter Cuidado Com a Lua...

A PREOCUPAÇÃO única e exclusiva de norte-americanos e russos é atingir a Lua, custe o que custar. Para isto, são inúmeros os esforços dos cientistas e técnicos e o mais interessante é que a disputa da primazia na glória do empreendimento tem sido cada vez mais intensa: se os Estados Unidos ensaiam enviar um foguete que apenas circule o satélite, imediatamente os russos são tentados a enviar um outro bem maior e bem mais possante, que o atinja em cheio!

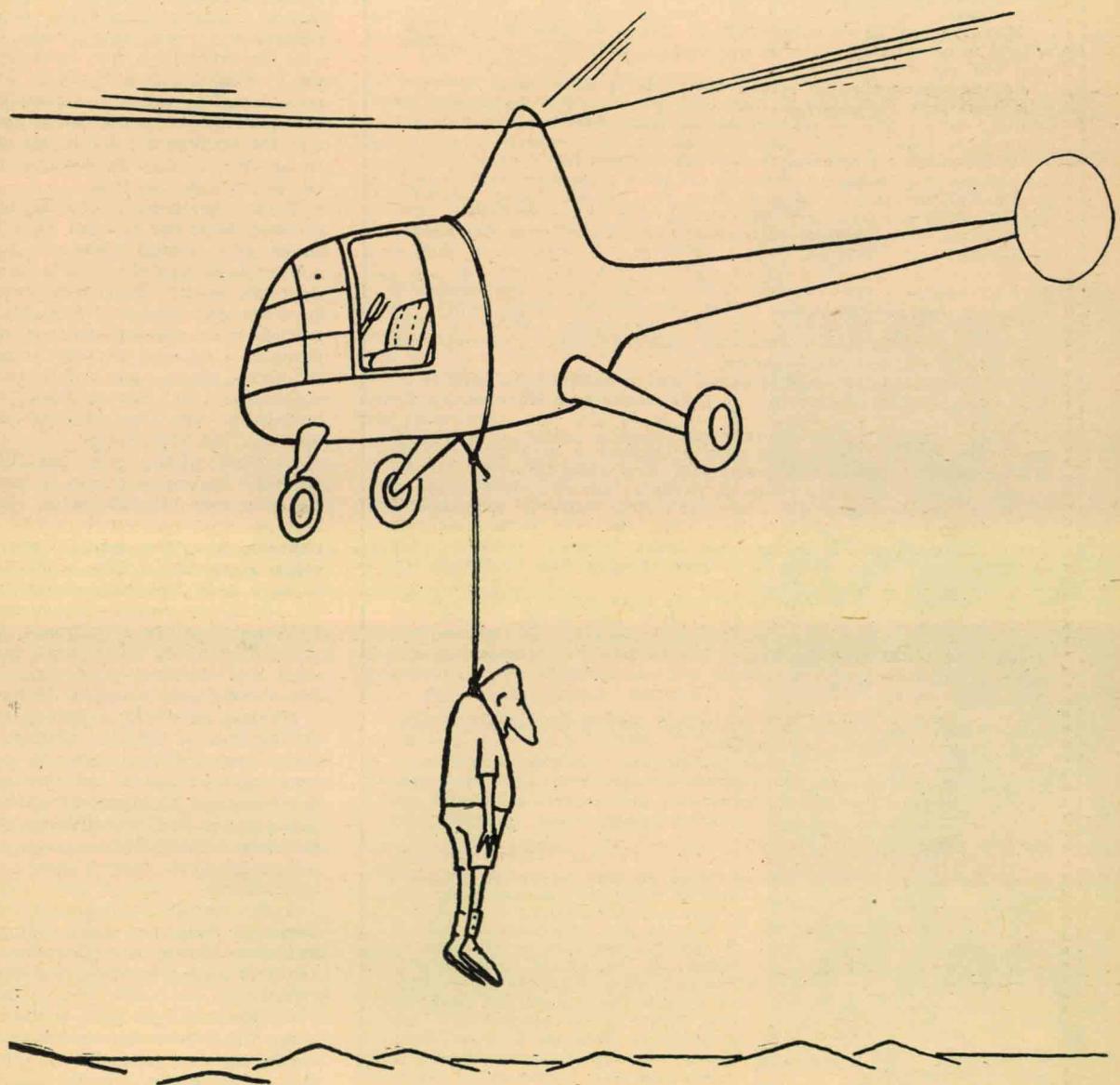
Mas a história não é apenas esta. Enquanto os prezados amigos, cada um a seu turno, redobram os seus esforços no sentido de alcançarem a meta cobiçada, pensando tão-somente nas glórias que daí possam surgir, o Conselho Internacional de Uniões Científicas preocupa-se com as consequências desagradáveis que tais investidas possam causar e, então, movido por esse pensamento, tratou de promover uma reunião na qual solicitou encarecidamente a esses dois povos o máximo de cuidado ao realizar as suas experiências, pois teme que as explorações feitas de maneira imprudente venham a contaminar a Lua, antes mesmo de ser ela estudada na sua conformação primitiva.

Para os cientistas, o ponto crucial é justamente o fato de não existir em todo o universo nada como a Lua. Ela é um corpo altamente susceptível porque a sua atmosfera contém muito pouca matéria e certamente qualquer elemento que se lhe aproxime sem o devido cuidado poderá desprender material volátil bastante para contaminá-la seriamente.

De fato, informa o Conselho, a Lua constitui uma verdadeira reliquia e precisa ser preservada como tal. Contaminá-la com esta ou com aquela substância implica na destruição de um vasto campo de estudo. Portanto, o objetivo não deve ser apenas atingir o satélite da Terra, dando por terminadas as investidas e as experiências. Não! Atingir a Lua deve ser o começo de uma série de estudos que se farão nesse outro mundo e nada mais plausível e interessante que estudá-la na sua conformação integral.

HUMOR

Bosc



Stella Maripa

Hospitalidade

• Não se deve aceitar um convite para passar alguns dias numa casa senão quando se tem a certeza de se poder também fazer outro tanto.

Convém que as relações com os donos da casa sejam muito íntimas para se estar certo de que não os incomodaremos, indo instalar-nos em sua casa.

Algumas pessoas têm o mau hábito de se convidarem a si pró prios com uma familiaridade irritante. Deve esperar-se sempre um convite, mesmo que se mantenham as mais estreitas relações com os donos da casa.

Acitemos, com reserva, os convites que nos fazem os habitantes das cidades. No campo, as casas são em geral espaçosas bastante para se poder alojar mais de um convidado, mas nas cidades as casas são forçosamente exíguas e as condições de vida mais restritas.

Convém, pois, acolher com circunspeção os convites dos amigos da cidade.

• Para aceitar o convite que nos fazem é preciso conhecermos bem os nossos hóspedes, estar certos que nos poderemos adaptar à sua vida. Se tivermos uma saúde débil, uma dieta a seguir, o amor exagerado pelas nossas comodidades, hábitos tirânicos, renunciemos às vilegiaturas em casa de amigos.

E' muito delicado levar crianças. Mas é sómente em família ou com amigos muito íntimos que se pode tomar essa liberdade.

• Quando se aceitou um convite não se deve faltar. Convém não esquecer o dia que se marcou para a chegada, e para os donos da casa também se não esquecerem, será bom avisá-los, pelo correio ou pelo telefone, da hora exata da chegada, um ou dois dias antes.

Devemos apresentar-nos com expressão alegre, mostrar-nos encantados por poder passar alguns dias em casa de tão amáveis pessoas; mesmo que a viagem nos tenha fatigado devemos estar risonhos e não criticar a terra, as pessoas ou o meio de transporte.

• A discretez, virtude tão importante para um convidado, manifesta-se desde os preparativos da viagem. Reduzamos o mais possível as nossas bagagens, experimentando escolher um enxoval em relação com os hábitos dos nossos hóspedes. Não nos esqueçamos de levar doces ou bombons para os que nos recebem, ou brinquedos para as crianças.

• Se durante o caminho nos mostrarem algum uso ridículo, devemos limitar-nos a achá-lo pitoresco.

Sejamos discretos e façamos uso de tudo com a máxima reserva. Não incomodemos inutilmente os criados nem os estorvemos. Não os enviemos a qualquer recado, sem previamente ter pedido autorização aos donos da casa, que poderiam, nesse intervalo, ter precisão dêles.

Não nos devemos salientar nem pelos nossos hábitos nem pelo nosso regime. Se se sabe que os donos da casa tomam ao primeiro almoço chocolate, façamos como elas e não reclamemos café.

• Não se tiram os objetos do seu lugar. Se se quiser tocar piano, não se toma a iniciativa de remexer as músicas dos donos da casa. Se nos dizem para escolhermos nós mesmos nas coleções da casa, façamo-lo com cuidado sem destruir a ordem em que estiverem e depois de as termos tocado coloquemo-las de novo no seu lugar. Depois de se ter tocado, fecha-se o piano. Só se deve tocar às horas em que se sabe que ninguém trabalha ou repousa.

A mesma discretez se deve usar com tudo que diz respeito aos livros da biblioteca. Devemos sempre pedir aos donos da casa que nos escolham os livros; não os procuremos nós mesmos senão quando nos pedirem que o façamos e tenhamos cuidado em não rasgar nem deteriorar as obras que nos forem confiadas.



— Ninguém se lembra mais de Gerardo — repliquei com amargura. — Meus amigos empenham-se em fazer-me sair e pretendem que não tenho motivo para estar desolada. Por isso, porque não podia tolerar mais a insistência dêles, resolvi vir para aqui, certa de que encontraria o que necessitava... Pensei que a senhora, pelo menos, sofreria tanto como eu perdei Gerardo. Mas creio que me equivoquei. Ainda me sinto só. Sou a única pessoa que não se esqueceu de Gerardo.

Tinha aberto meu coração, mas minhas palavras tinham sido ditadas pelo ressentimento e pela convicção de que ninguém no mundo podia sentir tão profundamente como eu. Ignorava que minha atitude era a consequência de meu egoísmo e de uma excessiva complacência para comigo mesma.

Quando a Sr^a Barton falou, sua voz tinha um tom tão patético que me fêz estremecer.

— Você nunca teve um filho, Helena. Ignora o que é o amor de uma mãe. De tôdas as espécies de amor que existem não há nenhum que doa mais. Gerardo era o nosso único filho, você bem sabe, e nêle tínhamos concentrando tôdas as nossas esperanças. Estábamos muito orgulhosos dêle e era demasiado jovem para morrer... E' terrível perder um filho e continuar vivendo, Helena.

Havia-a escutado, surpresa, sem atrever-me a olhá-la. Quando o fiz, o rosto dela, iluminado pela luar, exprimia todo o sofrimento e dor humanos. Compreendi então o que a perda de Gerardo havia significado e significava para sua mãe e me senti terrivelmente envergonhada.

A Sr^a Barton continuou a falar com voz cada vez mais calma e seu rosto foi-se dulcificando até adquirir uma expressão quase celestial.

— Embora já não tenhamos nosso filho, devemos continuar vivendo, agora e aqui. Eu sei, sinto que a morte de Gerardo não foi em vão. Era um rapaz direito e valente, e essas virtudes, Helena, são o coração mesmo dos povos que têm um belo futuro. Por isso não haveria de querer ser menos corajosa que meu filho. Sei que meu dever para com ele e para com meus semelhantes é continuar vivendo com fé no futuro e que deixar-me abater pela dor é uma covardia imperdoável. Por isso trato de fazer tudo o melhor possível e por isso sorrio quando o dia é bonito, e por isso



O próprio Cavalcanti cortou esta foto, para dar um idéia da cena em "vistavision", sistema pelo qual foi rodado "Les Noces Vénétiennes". No centro, aparece Martita Hunt, excelente atriz inglesa.



Entre objetos de arte e cercado de calor amigo, Cavalcanti vive em paz na sua residência da Rue des Abesses. Calmo e simpático, ele prefere esquecer as coisas ruins do Brasil.

PARIS — (Via Panair) — «Francês de coração e por adição, Cavalcanti representou um papel predominante no movimento expressionista do cinema mudo, entre 1925 e 1929. Experiências de êxito como «Rien que les Heures» ou «La Petite Lily» são hoje conservadas nas cinematotecas do mundo inteiro, para ilustrar, de forma representativa, o que foram as tentativas de vanguarda francesa nessa época. «En Rade», filme no qual alguns historiadores da sétima arte gostam de reconhecer a fonte de inspiração do futuro «Marius», de Marcel Pagnol, continua como uma das obras-primas desse período em que o cinema era privado da palavra».

Assim se inicia uma das muitas biografias de Alberto Cavalcanti, correntes na Europa. Hoje, ele dá os últimos retoques em seu último filme «Les Noces Vénétiennes», e parte para novos planos desapontando, por certo, os «luminosos» do cinema nacional que o preferiram ver longe daí a ceder-lhe o lugar a que realmente tinha direito, no cenário da nossa cinematografia. O cinema nacional naufragou. Cavalcanti navega a velas sôltas.



CAVALCANTI, EM PARIS:

“DO BRASIL SÓ ME LEMBRO DOS AMIGOS”

Terminou novo filme, com Martine Carol e Vittorio de Sica — O cinema nacional naufragou e o cineasta navega a todo pano — Prefere não falar das coisas e lembranças ruins que tem daqui.

Reportagem de Domingos DE LUCCA JUNIOR

Cavalcanti é um homem conhecido na Europa. Um cidadão sem idade que emerge dos clássicos que realizou na Inglaterra, França e outros países, na era do cinema mudo, para se adaptar ao que de mais moderno existe em técnica. Enfrentou e venceu o som, manipulou com sucesso as còpias e agora surge com, um celulóide estrelado por Martine Carol e Vittorio de Sica, em «eastmancolor» e «totalvision».

Em Paris, na calma de seu apartamento da Rue des Abesses, ele recebe sempre que se queira visitá-lo. A conversa roda calma em torno de um aperitivo, deslisa suave pelo mundo das artes e, quando cai no Brasil, ele prefere não falar. Não comenta, não cita nomes, não ataca, não reclama. E, se insistimos, prefere falar nos amigos, nas pessoas das quais guarda grata memória, dando a entender que esqueceu os que o atacaram, alguns dos quais foram cruéis e desumanos. Mas Cavalcanti esqueceu. Talvez não tenha tempo a perder, nem em pensamentos, com essa espécie de gente e prefere lembrar o Brasil juntando as migalhas de bons momentos que lhe foram



Com o meticoloso cuidado que sempre caracterizou o seu modo de trabalhar, o cineasta que o Brasil desprezou prepara uma cena do filme que fêz em Veneza, para ser sucesso, na certa.



CAVALCANTI, EM PARIS...

CONTINUAÇÃO

Detalhe por detalhe, Cavalcanti acompanha a marcha do filme. Na foto, de costas, assiste à preparação de De Sica, para uma cena.

oferecidos pelos autênticos amigos e cineastas que lá existiam quando ele tentou fazer cinema sério.

Na verdade, nenhum outro cineasta teve tantas desilusões em sua própria pátria como Alberto Cavalcanti. Os «luminares» do nosso cinema preferiram entregar o futuro dessa indústria a aventureiros de nomes complicados, a maioria dos quais haviam sido «assistentes de Rossellini» e balbuciavam mal o português. E, numa terra onde tudo o que é importado é melhor, isso pesa, mesmo em matéria de «arte»...

O cinema brasileiro transformou-se nessa coisa que é hoje. Mandamos para Berlim, há pouco,

uma película monstruosa, realização que faria corar mesmo as pessoas mais despidas de senso crítico, e que foi eliminada do festival a pedido do membro do júri que representava nosso país — o jornalista e crítico Novais Teixeira, correspondente de «O Estado de São Paulo» em Paris.

—oOo—

Cavalcanti, num belo dia, arroumou as malas e voltou à Europa. Preferiria ter ficado no Brasil fazendo coisa séria e ensinando os moços que tinham possibilidades de fazê-la. Mas ninguém quis ouvi-lo. Os brasileiros, especialmente os dos «meios artísticos», não trabalham em equipe e todos já «sabem demais».

Alberto Cavalcanti continua sua ascensão. Em fins de 1956, vimo-lo retirar-se emocionado, na Cinemateca de Paris, durante a comemoração dos «25 anos de cinema francês», quando ele foi um dos raros estrangeiros a ter «um dia para sua obra» e receber uma homenagem pública. Todos os seus filmes mais expressivos, da época muda ao advento das cores, foram exibidos, inclusive sua última película de então, «Monsieur Puntilla et Sont Valet Matti» e exceto as que produziu no Brasil, as quais não foram enviadas para Paris, a despeito de solicitação da direção da Cinemateca.

Quando a cortina baixou sobre

(Conclui na pag. 72)



Martine Carol e Phillippe Nicaud são os astros principais do novo filme realizado pelo brasileiro que os franceses adotaram.



Os brasileiros a conhecem como francesa mesmo, mas, no filme de Cavalcanti, Martine Carol faz o papel de uma viúva brasileira.



**MAIS PERFUME...
MAIS ESPUMA...
MAIS BELEZA
PARA VOCÊ !**

Quando você envolve seu corpo na deliciosa e suavizante espuma do SABONETE GESSY, está oferecendo à sua pele o mais delicioso e perfumado tratamento de beleza! GESSY faz mais espuma e deixa em você um perfume delicado e sedutor... buquê raro das mais finas essências! Sua beleza *exige* a carícia do SABONETE GESSY.



A Única Italiana Rainha da Inglaterra

Poucos sabem que uma princesa italiana reinou sobre a Inglaterra. Foi a única, aliás. Trata-se de Maria, duquesa d'Este, cujo casamento, por procuração, foi celebrado a 30 de setembro de 1673, em Módena. Foi num dia esplêndido e centenas de convidados tinham invadido o palácio ducal, todo renovado e repolido para a ocasião. Reunidos príncipes e princesas da Casa d'Este e a nobreza de Módena ao completo, apresentavam os grandes salões um espetáculo jamais visto.

O rito foi celebrado pelo capelão da corte, D. Andrea Roncagli, na ausência do bispo, que havia achado melhor eclipsar-se em vista de não ter chegado a «dispensa» pontifícia. O Papa Clemente X, que, aliás, fôra um dos autores daquele casamento, mostrava-se um tanto esquivo em validá-lo, uma vez que a moça, nascida dum a família muito observante e praticante, teria de partitir para a Inglaterra, país que rompera com a igreja de Roma.

E' verdade que o legado de Carlos II, rei da Inglaterra e irmão mais velho do noivo, se abstivera prudentemente de incluir no rascunho do contrato nupcial tudo quanto pudesse referir-se à questão religiosa e havia dado amplas garantias de que à futura duquesa de York seria também concedido o livre exercício de todas as práticas do catolicismo (o esposo, aliás, era também católico), mas havia ainda alguma coisa que não andava. A duquesa-mãe, Laura Martinozzi, não pretendia entrar em atrito com o Pontífice e mostrava-se fria e incerta. Por outra parte, Lorde Peterborough, vindo expressamente de Londres na qualidade de procurador do futuro marido, Jaime Stuart, duque de York, mostrava-se impaciente e desejoso de levar rapidamente a término a missão de confiança de que fôra incumbido e não via chegar a hora de regressar levando a jovem esposa.

Foi uma cerimônia deveras memorável, que absorveu somas fabulosas. No dedo da esposa, Maria Beatriz d'Este, enfiou o Conde de Peterborough um anel de brilhante de imenso valor, enquanto a mãe lhe concedia, de repente, em dote, cerca de 400 mil escudos de ouro e vários outros bens e coisas de uso pessoal. A pompa dos trajes e a beleza dos enfeites suscitou a mais viva admiração dos dignatários ingleses, evidentemente não habituados a cerimônias tão luxuosas.

No dia seguinte, houve uma cavalcada de honra, na qual tomaram parte os próprios convidados. No outro dia, um pantagruélico banquete, servido com a magnificência e a liberalidade próprias da Casa d'Este. Sobre as mesas tronejavam fantasiosas tortas de pasta doce, de confeitos e de frutas e várias alegorias referentes ao matrimônio: Atlantes gigantescos, Dianas e Netunos, leopardos puxando carruagens nas quais se viam, em lugar dos aurigas, graciosas jovens, e assim por diante. O banquete durou um dia inteiro e os restos foram distribuídos aos pobres e à população. Houve sucessivamente uma corrida de carros e cavalos e, por último, um grande baile de gala.

A 5 de outubro Maria Beatriz d'Este partiu para seu novo lar, acompanhada pela duquesa-mãe e por várias damas do palácio. O lorde inglês precedeu-a para poder recebê-la à sua chegada à França e organizar o séquito da viagem. A esposa-adolescente, que completara, no dia mesmo da partida, quinze anos, foi saudada durante todo o percurso por toda a aristocracia e transpôs o Monte Cenis em liteira, seguida por um bando de cavalheiros. Bastante melancólica e preocupada a mãe, ao pensar em ter de separar-se da filha. Triunfal, todavia, a entrada em Paris e devidamente real a recepção em Versalhes, onde Luís XIV acolheu calorosamente a gentil princesa. Tornara-se a nova duquesa

de York prima daquele rei, por via dum parentesco referente ao marido.

Neste ponto surge como um raio em céu sereno a notícia do voto contrário proferido pelo Parlamento inglês: as costumeiras questões de religiões e de política estrangeira daquele orgulhoso País; e pareceu que tudo se desfaria em fumaça. Mas depois as dificuldades foram felizmente aplacadas. As fadigas da viagem fizeram a princesa adoecer e houve necessidade de alguns dias de estada na França, até poder o marido encontrá-la pela primeira vez em Dover. Organizou-se naquele porto uma grande revista naval, sendo como era o esposo almirante de Sua Majestade Britânica, e couberam altíssimas honras à duquesa. Ótimas, naturalmente, as impressões do marido.

—oo—

Maria Beatriz de Módena era filha de Afonso IV d'Este e de Laura Martinozzi, sobrinha do célebre Cardeal Mazzarino, «construtor da França». Nasceu na capital do ducado a 5 de outubro de 1658, enquanto a mãe ainda chorava a perda dum jovem filho. Foi severamente educada desde os primeiros anos por um jesuíta e descrita como gentil, piedosa e intelligentíssima. De cabelos castanhos e grandes olhos pensativos, representava bem a clássica beleza italiana e tinha um porte real. Não fôra em vão que o antigo sangue dos Estes se misturara ao do Cardeal Mazzarino.

Arraigara-se o costume de destinarem-se as jovens das casas mais nobres a casamentos «políticos», na base de considerações ligadas à «razão de Estado». Muitas vêzes, como acontecera a Maria Beatriz, era o casamento celebrado sem que a nubente jamais tivesse visto o futuro companheiro de vida. Para a princesinha d'Este pensara-se, a princípio, no irmão de Luís XIV, Filipe, duque de Orléans, mas o projeto —

Maria Beatriz de Módena
Rainha da Inglaterra, na idade
de 34 anos, num retrato do
francês Rigaud.

idéia do poderoso Cardeal Rinaldo d'Este, tio-avô da esposa — foi abandonado por causa da extrema juventude da menina. Analogamente, não tiveram prosseguimento tentativas iniciadas com o Hannover e o reino da Espanha, de modo que foi o maduro Jaime Stuart, já quarentão e viúvo, com duas filhas legítimas e vários filhos naturais, que acabou por ser escolhido. Não se pode dizer com exatidão que se tratasse de um casal modelo.

A jovem esposa mostrava uma estranha semelhança com a tia, Maria Mancini, outra sobrinha de Mazzarino, que foi uma das mulheres mais em vista no seu tempo (passou de fato à história com o apelido de *Beleza Romana*) e, por este motivo, fazia ressaltar a má figura do marido, mais baixo do que ela, encorpado e de nariz chato. Mas Jaime era «cavalheiro de maneiras gentilíssimas» e a mulher sempre se lhe conservou sinceramente fiel e devotada. A personalidade do futuro soberano era também um tanto estranha: se, por um lado, era religioso até o escrúpulo, por outro se mostrava incapaz de dominar os instintos menos nobres e pôr freio às freqüentes escapadas extra-conjugais. A duquesa compreendeu logo estar diante de tristes alternativas, mas continuou a amá-lo e a perdoá-lo, com heróica resignação, até mesmo a suportar a vergonha de ver a seu lado muito freqüentemente as outras mulheres morganáticas.

Todavia, estabeleceu-se o casal em Londres, no palácio de São Jaime, e Maria Beatriz conquistou imediatamente o coração de todos os cortesãos, inclusive os protestantes. O rei Carlos, que não tinha filhos, era um entusiasta da bela cunhada e lhe designou numeroso pessoal de serviço; além da dama superintendente geral da casa, das de companhia e de quatro donzelas de honra, seis camareiras, uma vestideira, uma costureira, uma lavadeira, um secretário, dois gen-



tis-homens de escolta, quatro de serviço, quatro pagens, um chefe de cozinha, dezoito sub-cozinhais, um grão-mestre da coudearia, dois cavalariços-chefes, quatro cocheiros, oito lacaios, cinco ajudantes e dois carregadores, num total de sessenta pessoas.

Bastou a radiosa beleza da esposa para rejuvenescer todo o palácio; se bem que pouco mais de adolescente, sabia manter roda social com grande mestria, revelando uma cultura e um senso artístico absolutamente excepcionais para sua idade. Ótimas também as relações com as duas filhas do primeiro casamento do marido (Maria e Ana), que serão mais tarde suas perseguidoras e urdirão contra ela infames revoltas. Sómente a rainha Catarina, invejosa de seu ascendente, pôs-se a tratá-la com grande arrogância e frieza. O ambiente criado e vivido pelo marido e o seu teor de vida não eram dos mais recomendáveis; ela, porém, demonstrou logo invejável segurança de si e viva perspicácia, mesmo em política. Se houvesse ficado a seu

lado algum dos conselheiros de sua mãe, ou a própria mãe, mulher de singular agudeza e bom senso, talvez tivesse podido passar à história como uma esclarecida e grande rainha.

Em janeiro de 1675, nasceu-lhe uma menina, que morreu logo. Depois, entre 1675 e 1688, outros seis filhos, cinco dos quais morreram em circunstâncias não bem claras. Houve quem quisesse ver nisso a intervenção de ocultos poderes, em consequência das lutas dinásticas entre protestantes e católicos, e não é arriscado afirmá-lo, levando-se em conta a especial atenção da corte de York, na qual, não obstante a marca oficial católica, eram muitos os protestantes. Mas, no entanto, para a pobre duquesa, isolada e exausta, os dias se sucediam tristes e melancólicos. Ela, porém, que tinha espírito piedoso e era feita para as alegrias do lar e os prazeres da arte, suportava tudo com grande firmeza de ânimo: «Deverei considerar-me honrada porque, enquanto as outras mulheres dão

filhos ao mundo, eu dou os meus a Deus», escrevia ela numa carta. Tal a fé e a resignação da futura rainha da Inglaterra.

Enquanto o duque, já com cinqüenta anos, cometia loucuras pelas numerosas amantes, a esposa se consolava com a arte e as letras. Convidara para a corte o pintor Van Dick, Gennari, sobrinho de Guercino, e numerosos outros artistas e decoradores, entre os quais os franceses Largilliére e Mignard, e cuidava, para afastar o mais possível a tristeza, de restaurar salas e mobílias. Entretanto, ia-se manifestando sempre mais forte o já latente dissídio entre protestantes e católicos, e o duque, católico não obstante tudo, mal aconselhado, havia tacitamente admitido a perseguição dos adversários. Maria compreendia que disso lhe adviria um mal incurável, mas estava privada de conselheiros inteligentes e nada podia fazer para evitar lutas e derramamento de sangue.

—oOo—

Tal era a situação quando, a 12 de fevereiro de 1685, morreu, repentinamente, sem prole, o rei Carlos II, vítima dum ataque apoplético, quando se achava sob os ferros do barbeiro. Maria Beatriz tornava-se rainha. A proclamação foi acolhida com satisfação em Londres, exceto nos círculos protestantes da corte. O rei e a rainha chegaram juntos à catedral de Westminster, acompanhados por um fantasmagórico cortejo de dignatários e percorreram o derradeiro trecho de estrada sobre um longo tapete azul. Barões, condes e condéssas seguiam o casal real ostentando as respectivas coroas. Dezesseis deles seguravam o baldaquino de pano dourado sob o qual caminhavam solenemente os soberanos que iam ser coroados. O manto da rainha era de veludo vermelho purpúreo e tinha um comprimento de sete metros. O vestido estava todo esmaltado de pérolas e diamantes. Notáveis as primeiras disposições da nova soberana de vinte e sete anos, que ordenou fôssem distribuídas grandes esmolas, logo depois da cerimônia, aos pobres, e pagas tôdas as dívidas dos encarcerados até o máximo de cinco esterlinas para obterem sua imediata libertação. Fantásticos os fogos e luminárias artificiais, à maneira dos costumes italianos, e acolhidas com extraordinário maravilhamento as fontes que jorravam vinho.

Logo depois começaram os atos infelizes do soberano, cujos mi-

nistros e secretários se puseram a enganá-lo, já em franca convivência com o príncipe de Orange, marido de sua filha Maria e pretendente ao trono.

Os partidários de Orange transformavam tudo em seu proveito, a ponto de serem divulgados monstruosos boatos sobre o príncipe de Gales, ainda menino. Tentava-se fazer crer — e conseguia-se plenamente — que houvesse nascido morto e, portanto, tivesse sido substituído, para garantir-se a descendência. Era de certo uma calúnia, se se leva em conta que os nascimentos, naqueles tempos, ocorriam na presença de todos os dignatários da corte, embora para grande desgosto das parturientes.

O horizonte, entretanto, se obscurecia. Luís XIV advertia os primos que Guilherme premeditava um desembarque na Inglaterra para destroná-los e já se comportava como se fôsse o rei. Pouco depois, numa primeira proclamação clandestina, o príncipe de Orange saudava diretamente a população, semeando ódio e ran-

◆◆◆
Não há problemas no seio da família cujos filhos esperam que, um dia, venham a ser como seus pais. — William Lyon Phelps.

cor entre os cortesãos do sogro e da rainha. Doravante a roda do destino estava em movimento e estava escrito que a jovem soberana estense, teria de beber até às fezes o amargo cálice. Jaime II Stuart estêve a ponto de pedir a intervenção das forças navais e terrestres francesas para defesa do trono, mas foi depois vencido por escrúpulos vários e desistiu. Em Londres reinava indescritível confusão e as traições se somavam umas às outras. A situação se precipitava e se tornava de dia para dia mais crítica.

Não obstante as defecções dos principais lordes amigos, marchou Jaime contra o genro, cujo ato de força visava ao rapto do herdeiro, mas foi derrotado. Mal aconselhado justamente por dois modenenses fiéis à esposa, temendo provavelmente pela vida dela e pela do filho, mandou a toda a pressa a mulher e o filho para Calais. O rei não tinha ânimo de provocar uma guerra civil, sobretudo porque tinha contra si ambas as filhas, Maria e Ana, e não soube tomar a decisão necessária. Parecia que Luís XIV pudesse dar-lhe mão forte,

mas, feitas as contas, e também pela atitude ambígua do primo, comprehendeu em breve o soberano que as tropas prometidas nem ao menos teriam podido chegar e resignou-se a seu destino.

—oOo—

A rainha havia no entanto embarcado com o herdeiro num navio para isso aprestado e pôde fazer a travessia sem distúrbio. Em Calais foi recebida muito bem pelos soberanos franceses. Jaime, em vez, depois de ter-se defendido corajosamente, com as últimas guarnições fiéis, foi assediado no palácio de São Jaime e ali feito prisioneiro por Lorde Halifax, por ordem de Guilherme de Orange. Bom para ele que tivesse sido salvo *in extremis* por um dos próprios filhos naturais, o duque de Berwick, que lhe preparou e facilitou a fuga. Depois de várias peripécias, pôde o destronado rei da Inglaterra juntar-se à sua família, na França, em St. Germain-en-Laye, onde decidiu fixar-se, à espera dos acontecimentos. Tinha 56 anos, Maria, 30. Logo depois Guilherme e Maria de Orange — o primeiro genro e filha do primeiro matrimônio de Jaime a segunda — fizeram-se coroar soberanos da Inglaterra. Com Jaime Stuart caiu o derradeiro baluarte católico britânico e tôda a possibilidade dinástica da família.

As notícias provenientes de Londres, onde o usurpador mandou trucidar, sem piedade, os partidários «jacobitas», só fizeram encher de maior dor os soberanos destronados. Mas a nova rainha Maria, como se um fado inexorável se houvesse abatido sobre o trono, morreu, quase de repente, de varíola e pareceu que o rei Guilherme se houvesse arrependido e tencionasse reconhecer o príncipe de Gales, filho de Maria Beatriz, mas foram falsos rumores duma suposta conversão. Na realidade, escolheu depois definitivamente como sucessor o duque de Gloucester, filho da segunda filha do primeiro matrimônio de Jaime II. Depois, em 1701, morreu este também, quase de repente e Maria Beatriz ficou só com o príncipezinho e a última filha nascida em 1692. Foram anos extremamente penosos para a infeliz rainha, embora, após repetidos pedidos, tivesse o Rei Sol reconhecido o filho dela como príncipe regente.

O primeiro ato de governo de Maria Beatriz, nas funções de «regente», foi lançar uma proclamação ao povo inglês em nome de Jaime III e reclamar os inconcussos direitos à coroa; mas,

pouco depois, morre repentinamente Guilherme de Orange e sobe ao trono a velha cunhada — a que passou à história como «Queen Anne» (rainha Ana) — que conseguiu, com hábil manobra, fazer ser, de repente, promulgada uma lei que excluía, para sempre, da sucessão ao trono os príncipes católicos, cumprindo-se assim a sorte de Maria Beatriz.

Morreu a 9 de maio de 1718, em Paris, assistida fielmente por uma dama que a acompanhou no exílio — a condessa Eleonora Molza — e enterrou-se vestida com o hábito das monjas da Visitação, em túmulo provisório juntamente com o marido, no mosteiro de Chaillot. Seu coração foi encerrado numa urna de prata

como o do espôso, mas a sepultura foi depois profanada pelos revolucionários de 1793 e seus restos irremediavelmente dispersos. Uma testemunha ocular relatou ter visto ainda intacto, antes da destruição, o corpo da princesa estense e ter sentido grande impressão da beleza das mãos, que pareciam, a tantos lustros de distância, ainda frescas e vivas. Depois o «terror» destruiu tudo e no local só ficaram as ruínas do palácio em que Maria Beatriz passou os últimos anos do calvário no recolhimento e na prece, relembrando as recordações de sua permanência na Inglaterra e a infância feliz no palácio de seus antepassados. — Mário Merlo.

Não Estava Só

Conclusão da pag. 53

rifico que são duas pessoas admiráveis e corajosas como poucas. Jamais os ouvi queixarem-se. E agora, cada vez que penso em Gerardo, digo a mim mesmo que ele deverá sentir-se muito orgulhoso de seus pais. Se eu pudesse encher, por pouco que fôsse, o vazio que ele deixou nos seus corações, sentir-me-ia muito feliz.

Tínhamos chegado à lagoa. Permanecemos quietos, olhando o resplendor da lua sobre a superfície líquida que se perdia na noite.

— Algo semelhante ocorreu comigo — disse, finalmente. — Foi a Sr^a Barton quem me ensinou a ver as coisas com clareza e me fez compreender que Gerardo não haveria desejado que eu passasse a vida lamentando sua morte. Agora sinto que ele está contente porque me curei duma terrível enfermidade.

— Sei, Helena.

Vicente pegou minha mão. Era o seu um gesto de compreensão e de amizade. Ao cabo dum instante, murmurou:

— Tenho a impressão de que a conheço desde muito tempo, Helena, tanto me falou Gerardo de você em suas cartas. Além disso, como lhe disse no primeiro dia que a vi, tenho um retrato seu que ele me enviou, quando vocês ficaram noivos. E devo confessar-lhe que senti por você um sentimento mais profundo do que eu mesmo queria admitir... Não

ignoro, Helena, que ninguém ocupará nunca o lugar de Gerardo em seu coração. Mas... se algum dia chegássemos a compreender-nos, se você pudesse amar-me, considerar-me-ia um homem feliz.

Demorei um instante a responder.

— É possível, Vicente.

Ele apertou minha mão entre as suas e disse, com contida veemência:

— Saberei esperar, Helena, porque eu também tenho fé no futuro.

No dia seguinte escrevi a Isabel:

«Só regressarei no próximo domingo, à noite, à última hora, pois me encontro muito a gosto aqui. Rogo-lhe que não se preocupe mais por minha causa. Estou perfeitamente bem. Agora sei, Isabel, que seus conselhos eram ditados por sua amizade e por seu empenho em ajudar-me, pelo que lhe sou grata de todo o coração.

Receio que no ano próximo tenha de arranjar outra companheira para partilhar do apartamento, porque os Bartons me pediram que fique para morar com eles e é muito provável que lhes satisfaça o pedido. Cariños de

Helena».

Meti a carta no envelope, fechei-o e, sorrindo, olhei pela janela a paisagem iluminada por um sol radiante.

☆ ☆ ☆

Troca de Conhecimentos

EM Atenas, a célebre capital da Grécia, um jornal editado na língua inglesa publicou o seguinte anúncio:

«Senhora grega, distinta, deseja receber lições de conversação em

inglês, ministrada por senhor britânico, e que girem em torno da crise de Chipre. Como pagamento, ela dará ao professor lições de grego, de alemão ou de piano».



Limpa e embeleza a
cútis. Dá maravilhosa
brancura e esplendor de
juventude.



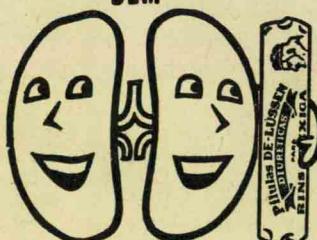
CREME

RUGOL

MANTEM EM SILENCIO SUA IDADE

SEUS RINS VÃO MUITO

BEM



COM AS

PILULAS DE-LUSSEN

A eliminação perfeitamente normal das toxinas ou resíduos venenosos e de todos os impurezas do nosso organismo constitui regra segura para uma vida longa, saudável e feliz.

PILULAS DE-LUSSEN, DIURÉTICAS, desinflamam, lavam e acalman os rins e bexiga. Eliminam o ácido úrico e combatem dores nas cadeiras, reumatismo e irritações dos vios urinários.

PILULAS
DE-LUSSEN



DIURÉTICAS E DESINFLAMANTES



ERIC E O IMPERADOR

CORNEL LUMIÈRE
Ilustração de Jewel

Até que, no dia 14 de agosto
de 1945, o "Sol Nascente" sumiu para
sempre, em seu ocaso sangrento...

11. — Não há arrogantes em Sião.

A primeira pessoa que Eric viu em Bangkok foi o Coronel Anderson. Um e outro estavam satisfeitos por se encontrarem em boas condições físicas e cheios de bom humor. Ambos tinham muita coisa para contar.

Logo que se encontraram, o coronel informou:

— Há correspondência para você, parece-me. Acho bom ir ter com o pessoal dos correios.

Eric estava terrivelmente impaciente. Afinal, iria ter êle notícias de Marina? O funcionário demorou um pouco a procurar a correspondência — a primeira palavra que êle ouviria do mundo exterior, depois de três anos e meio. Havia apenas uma carta. O sôlo levava o carimbo de Bandoeung, com data de cerca de um ano atrás. O endereço estava datilografado e êle já sabia que se tratava de uma tardia resposta à consulta que fizera, havia muito tempo, ao consulado francês, em Java. Eric sentiu-se sem coragem para abrir a carta. Através do envelope, parecia perceber que não lhe levava boas notícias. Então, rasgou o sobreescrito e retirou de dentro um cartão amarelo, com uma linha apenas: «Marina de Latour vive em Bandoeung, com seu segundo marido, M. André Borais, súdito suíço...»

As cidades transformaram-se em cinzas, atingidas por bombas atômicas, erupções vulcânicas ou terremotos, com a perda de milhares de vidas. Alguns sobreviventes atônicos, após a destruição, andam à malta, sem compreender o que houve, sem saber o que haverá. Como êles, Eric não parecia sentir a violência do choque que recebera. Seu coração, paralizado pelo impacto de dificuldades intermináveis, de fome e de humilhação, não pegou logo o sentido da mensagem. Durante três anos e meio, Marina tinha sido a razão e o objetivo de sua luta pela sobrevivência. Agora, por incrível que parecesse, verificava que ambos tinham, aparentemente, sobrevivido à avalanche amarela. Só que ela sobrevivera «com seu segundo marido», conforme a comunicação.

Eric amassou o cartão, rasgou-o em pedacinhos minúsculos. Saiu para a rua e jogou os restos da mensagem ao vento, e com isso, procurou afastar a dor de seu coração. Não havia mais lugar para o sofrimento. Não havia coração humano capaz de suportar aquilo e continuar vivendo. Alguns momentos depois, quando êle voltou ao quartel-general, o coronel Anderson perguntou:

— Boas notícias, meu velho?

— Uma conta velha para ser paga — respondeu Eric, com um sorriso triste.

Na manhã seguinte, bem cedo, um mensageiro foi chamá-lo. Devia ir ao quartel-general de Bangkok. Muitos guardas do Grupo III tinham sido detidos para averiguações e, dentro de uma hora, êle se viu, juntamente com cinqüenta ou sessenta outros ex-prisioneiros, na cadeia de Bangkok, onde estavam trancados numerosos guardas dos campos de concentração japonês. Daí a pouco, dois grupos de oficiais, suboficiais e soldados do Imperador marcharam para o pátio da prisão.

E' difícil descrever com palavras o sentimento que o dominou. Vítima de incontáveis pancadas, chicoteado, chutado, insultado, ferido, quando totalmente indefeso, não é de admirar que êle sentisse uma satisfação positiva, a reconhecer entre as centenas de guardas japonêsos postos em linha, alguns dos piores criminosos do Grupo III.

Tendo estado diversas vezes diante do pesado porrete, com que muitos dos guardas costumavam entrar no campo, para ver nas costas de quem poderiam quebrá-lo, Eric tinha levado consigo, como uma demonstração de vitória, o próprio símbolo da degradação, daqueles dias de cativeiro. Era êle o único ex-prisioneiro que conhecia suficientemente a mentalidade oriental, para compreender que nada poderia convencer

RESUMO DA PARTE JA' PUBLICADA

Submetido aos maus tratos dos japonêsos, seus captores, milhares de holandeses e australianos, nos campos de concentração de Sumatra, da Birmânia e do Sião, iam morrendo à mingoa de tudo o que era essencial para a vida. Além do mês dos japonêsos, tinham mês também das bombas aliadas, lançadas sobre êles, em sucessivos raides aéreos, nos quais, desprovidos de proteção adequada, os prisioneiros morriam como ratos. Entretanto, um ou outro tinha seus momentos de ousadia, chegado a realizar incursões extremamente perigosas, nas despensas dos japonêsos, a fim de encontrar o que servisse para complementar as suas magras rações alimentares. O próprio Eric foi o autor

de uma dessas aventuras, roubando duas cestas de camarões secos, passando com êles debaixo do nariz dos guardas japonêsos e preparando-os para uma refeição mais rica em proteínas, para centenas de doentes.

Quando terminou a guerra, criou-se a situação incrível de os prisioneiros, súditos dos países vitoriosos, terem de ficar ainda nos campos de concentração, submetidos à arrogância dos japonêsos. Ainda assim, não puderam ocultar sua satisfação, e, ao receber a boa nova, aqueles homens, que tinham vivido até ali alimentados quase que apenas pela esperança, choraram, desmaiaram, abraçaram-se e cantaram os hinos nacionais dos seus países.

melhor os guardas derrotados da sua queda do que um porrete, semelhante aos que tinham empregado, quando tratavam os prisioneiros brancos como cães incômodos.

O seu gesto, embora não provasse o desejo cristão de perdoar e de oferecer a outra face, era para ele apenas um dos poucos modos de que dispunha para libertar-se da insuportável tensão que vinha sofrendo. Os japonêsos não deixaram de perceber a sua presença, e, sem dúvida nenhuma, todos eles receberam a mensagem transmitida pelo porrete. O oficial britânico encarregado da revista dos criminosos, possivelmente um homem que tivera a felicidade de fugir ao contato direto com o inimigo, logo que viu Eric, ordenou-lhe que deixasse o porrete imediatamente. Com um brilho de desconfiança a lhe brincar nos olhos, Eric ergueu o bastão, olhou-o por alguns segundos, olhou para os japonêsos, olhou para o coronel e, afinal, jogou-o longe. A essa altura, ele se transformara num indivíduo bem disciplinado.

Pensando no que poderia ter acontecido com alguns dos piores insultadores, entre os guardas, Eric lembrou-se dos muitos homens arrasados, dos esqueletos agonizantes numa parada da morte, dos torturados. Enquanto olhava a passeata de máscaras amarelas — outrora um dos orgulhos do Imperador — agora expostas como uma turba de criminosos infames, os seus pensamentos voltaram-se para milhares de cruzes primitivas, fincadas na selva. Aquelas caras macilentas não mostravam arrogância, na parada em honra do que o Imperador chamara «Esfera de Cós-Prosperidade da Grande Ásia Oriental».

Quando acabou de dar informações sobre certo número de guardas, culpados dos piores crimes, para os dois oficiais aliados que tomavam nota das acusações, ele sentiu que, pelo menos em pequena medida, a justiça seria feita. Os piores criminosos foram conduzidos para o confinamento em celas solitárias, por inúmeros gurkhas barbudos, armados de metralhadoras portáteis. Entre os primeiros guardas da Birmânia e do Sião, Eric descobriu um rosto amigo. Com um pouco da tensão e do drama do momento refletido em muitos rostos, a despeito da sua capacidade de controle, tipicamente oriental, o Sargento Nakamura conservava a sua atitude de sempre. A sua consciência não o atormentava.

Dois guardas receberam «passes brancos». Muitos oficiais aliados

concordaram em afirmar que o seu comportamento, em comparação com o dos outros, tinha sido distinto, e fizeram recomendações no sentido de serem tratados privilegiadamente, antes que punidos. Eric procurou Nakamura e contou-lhe que ele era um dos dois favorecidos. Embora a ocasião não fosse própria para a troca de amenidades, Eric, além de desejar boa sorte ao japonês, esfregou-lhe o rosto e um sorriso ligeiro foi trocado pelos dois. Ambos sabiam o que significava aquele gesto; não fazia muito que Nakamura havia salvo a vida do Tsuyaku.

Afinal, a revista terminou. Antes de sair, Eric olhou mais uma vez para os guardas que tinham sido eximidos de qualquer acusação criminal particular. Por um momento, ele sentiu o desespero deles. O seu céu amarelo, através do qual tinham aberto caminho com espadas brilhantes e botas polidas, jazia destruído aos seus pés. Seu Deus poderoso não era mais um Deus. Depois, Eric

Quem diz que o que é meu é seu e o que é seu é meu, é um santo. Quem diz que o que é seu é meu e o que é meu é meu é um indivíduo iníquo. — Do «Talmud» Babilônico.

deu de ombros. «E' bom que eles sejam incluídos entre os homens esquecidos da vida. Bom que o sol se ponha para sempre, nos sonhos de Dai Nippon. Eles jogaram... e perderam».

—oo—

Um sujo queimador de carvão, a desembarcar sua carga de imigrantes sul-europeus em o novo mundo, na passagem do século, teria revelado um grupo de gente mais confiante, uma individualidade maior, mais vida e mais esperança entre os seus passageiros, do que o desembarque de prisioneiros, no pôrto de Singapura. Lentamente, a longa fila de homens brancos, de aparência doentia e vestindo roupas mal ajustadas desceu ao cais onde, sem nenhuma dúvida, muitos deles, numa ou noutra ocasião, tinham desembarcado em grande estilo.

Eric pouco se importava de saber onde ia ser alojado em Singapura, desde que não tivesse mais, pelo resto de sua vida, de viver dentro dos limites de um campo. Com uma carta para o major australiano encarregado

da repatriação de seus compatriotas, ele não iria ser detido antes de atingir seu objetivo.

Houve uma ligeira comoção, perto do navio. Mendigos chineses estavam a oferecer frutas e apelidos. Aqui e ali viam-se os carros típicos de duas rodas.

Eric entrou na cabine, apanhou a bagagem e saiu para o convés. Em vez de esperar pela interferência de alguém, preferiu ele seguir o seu próprio caminho. Um coolie estava esperando, com seu carro. Eric ergueu a mala por cima da amurada e deixou cair. O coolie correu para pegá-la, salvando-a da destruição, no chão de concreto. A mala menor, jogada em seguida, não teve a mesma sorte. O coolie a perdeu por pouco; provavelmente houvesse ferido a mão, da primeira vez, e estivesse resolvido a agir com mais inteligência. A mala bateu no chão, fez um barulho tremendo. Do que ela continha o que era quebrável estaria feito em pedacinhos. Depois disso, o coolie correu com as duas peças de bagagem para o carrinho. Eric disse-lhe:

— **Pigi Hotel Lee Hong.** (Vá para o Hotel Lee Hong).

Algumas ruas adiante, ele respiro profundamente. Era um homem livre, podia ir onde quisesse, podia fazer o que desejasse — e tinha trinta centavos para gastar. O coolie tinha pedido cinco dólares, ele o fizera deixar por quatro. O seu quarto no hotel custaria pelo menos cinco dólares, mas tudo isso eram coisas triviais, de menor importância.

Logo ao chegar ao pequeno hotel chinês, Eric mandou que o gerente pagasse ao coolie os quatro dólares combinados. Afinal de contas, imaginou ele, o financista de sucesso não depende do dinheiro que possui, mas do crédito que pode obter. Com um gesto largo, deu ele ao coolie uma gorjeta de trinta centavos, a qual o surpreendido chinês recebeu com um:

— **Do cha, Tuan.** (Muito obrigado, senhor).

Antes de mais nada, Eric perguntou ao gerente os nomes dos melhores alfaiates chineses. Recebeu uma lista e saiu imediatamente, à procura do endereço mais próximo. Sem dinheiro para pagar uma refeição, pediu ele um terno de luxo, da melhor qualidade possível, e convenceu o dono da loja a fazer um trabalho de emergência: precisava da roupa dentro de quarenta e oito horas. Depois de muitos protestos do alfaiate, depois de muitos **hum-ing** e **ha-ing**, Eric chegou aonde queria. Tomadas as medidas, es-

colhida a fazenda, ele perguntou pelo preço. O alfaiate explicou que tinha de cobrar um pouco mais, por causa da pressa fora do comum com que teria que trabalhar.

— Não se incomode com o custo — replicou Eric. — Isso é de menor importância.

Conforme o combinado, deveria ele pagar cento e cinqüenta dólares.

Eric perguntou como o alfaiate e sua família tinha vivido, durante a ocupação japonêsa. Seguiu-se uma conversa agradável, durante a qual Eric contou que acabava de sair de um campo de concentração. Explicou também que teria de tomar certas provisões para pagar o terno novo, perguntou se o alfaiate preferia receber logo os cento e cinqüenta dólares ou uma promissória pagável dentro de três meses, no valor de duzentos dólares. Depois de suas experiências em Bangkok, ele sabia muito bem que os chineses estavam muito satisfeitos, porque podiam trabalhar de novo para os seus fregueses ocidentais. Por isso, não ficou muito admirado quando o alfaiate disse

que ficaria muito feliz com o pagamento em promissória. Magnanimamente, Eric, que tomara o cuidado de vestir o único terno novo que possuía, sugeriu a possibilidade de fazer uma promissória de duzentos e cinqüenta dólares, se o alfaiate pudesse dar-lhe os cinqüenta, em dinheiro.

O chinês entregou-lhe cinco notas de dez dólares e o novo freguês, cheio de satisfação, achou que valia a pena servir-se do melhor jantar que Singapura lhe poderia oferecer, naquela noite.

12. — Último Adeus.

Calor radiante a subir do macadame. **Ham hung fah san**, dizia um vendedor de ervilhas, em chinês, convidando a experimentar sua preciosidade; barulho de bastões de pau; tilintar de campanhas de triciclos, o som de uma buzina solitária; um touro brâmane a passar plácidamente — era Singapura, ponto de encontro de vários mundos.

Embora estivesse fechada a maioria das lojas, e as poucas que estavam abertas mostrassem escassa mercadoria à venda, Eric, na véspera de sua partida para

a Austrália, resolveu dar uma volta e fazer compras na cidade. Vagando à-toa, para passar o tempo, ele cruzou o ponto barulhento. Sem o aviso de um primeiro olhar através da rua, sem mesmo uma oportunidade de prender a respiração por alguns segundos, da multicolorida confusão oriental, aquela figura surgiu, indo diretamente ao seu coração, diretamente para os seus braços...

Não disseram sequer uma palavra. Eric não sabia mais chorar, nem de alegria nem de tristeza. Marina, com sua bonita cabeça pousada no ombro dele, soluçava suavemente. Ficaram assim, sem saber por quanto tempo, silenciosos, no meio da confusão, naquele ponto de Singapura. Afinal, ainda sem poder falar, Eric segurou o braço de Marina e conduziu-a para um restaurante chinês, bem perto. Fê-la sentar-se e pediu café. Sentou-se ao lado dela, com o braço envolvendo-lhe os ombros. De forma estranha, embora por um segundo voltasse a abrir-se a ferida mal fechada em seu coração,

(Continua na pag. 80)

Brisa cariciante...
alegria sol tropical...
de viver...
e um maço
de Hollywood!



Uma
tradição
de bom
gosto



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

H-88 412

CASAMENTO "IMPERIAL"



1) Para a Princesa Anita de Lobkowicz (agora condessa de Cosse Brissac) MAGGY ROUFF criou este vestido de noiva em sêda brocada alva, com cintura alta no estilo "Empire".

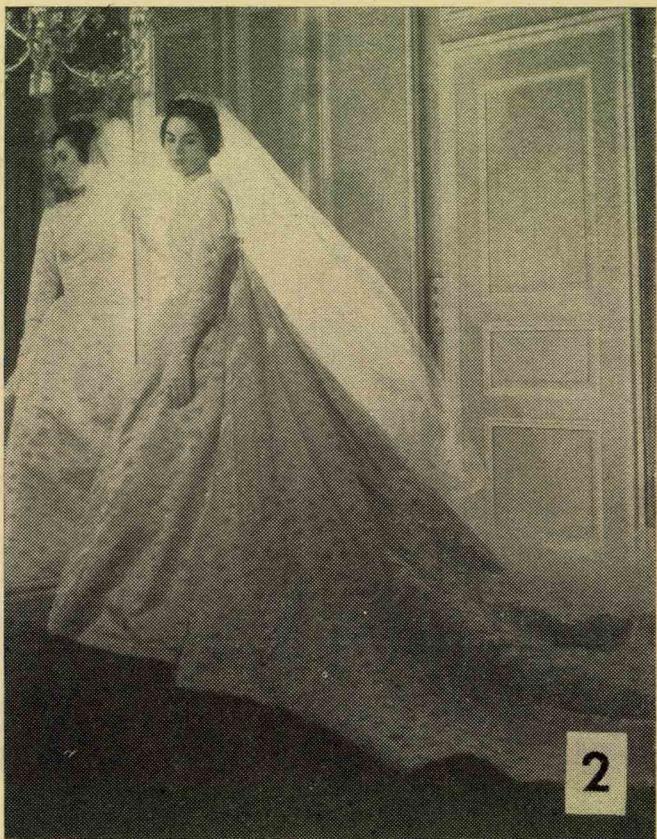
2) Vestido de noiva executado por JACQUES HEIM para a filha do Embaixador da Venezuela em Paris, Dona Mercedes Olavarria (agora Madame Richard de Surmont), em cetim brocado de veludo branco, com pregas sóltas acima da cintura nas costas. Um diadema de pérolas e brilhantes segura o véu.

3) Vestido de noiva de MANGUIN em cetim côn de pérola. Do corpinho, todo trabalhado em pregas, nasce a cauda, ampla e drapejada.

OLGA OBRY

(Especial para ALTEROSA)

PARIS (Via Panair) — O vestido de noiva nem sempre foi branco. Na idade média, por exemplo, as moças fidalgas iam ao altar vestidas de côres vistosas. Suntuosas sêdas encarnadas vestiam as noivas da época do Renascimento. A tradição do vestido de noiva branco data, mais ou menos, daquele tempo que inspira o estilo da moda atual: o «Empire». O vestido da noiva de hoje segue, com sua cintura alta e sua côn alva, a moda das nossas bisavós da época da imperatriz Leopoldina. Predominam os cetins brocados, as matérias luxuosas. O véu de tule ou rendas antigas fica preso por uma touca de cetim, uma grinalda de flores ou um diadema cintilante de pérolas e diamantes. O clássico vestido de noiva fecha rente ao pescoco e tem, às vezes, uma pequena gola em pé. Mas, vemos também vestidos de noiva com decote quadrado ou arredondado, bastante largo. A cintura alta é indicada pelo feitio ou acentuada por um cinto, meio-cinto, laço ou efeito de bolero. A parte das costas é ampla, afastada do corpo, com grande cauda arrastando pelo chão. As mangas são compridas e estreitas, três-quartos ou acabando logo abaixo do cotovelo.



2



3



CASAMENTO "IMPERIAL"

CONCLUSÃO

4) De CARVEN, um vestido de noiva em cetim branco com padrão de lírios de veludo "frappé". Interessante efeito de bolero, de manga curta. Diadema de diamantes em forma de lírio segurando o véu.

5) Vestido de noiva em cetim branco, no estilo "Empire", abotoado na frente, de JACQUES GRIFFE.



5

PARA
seu LAR

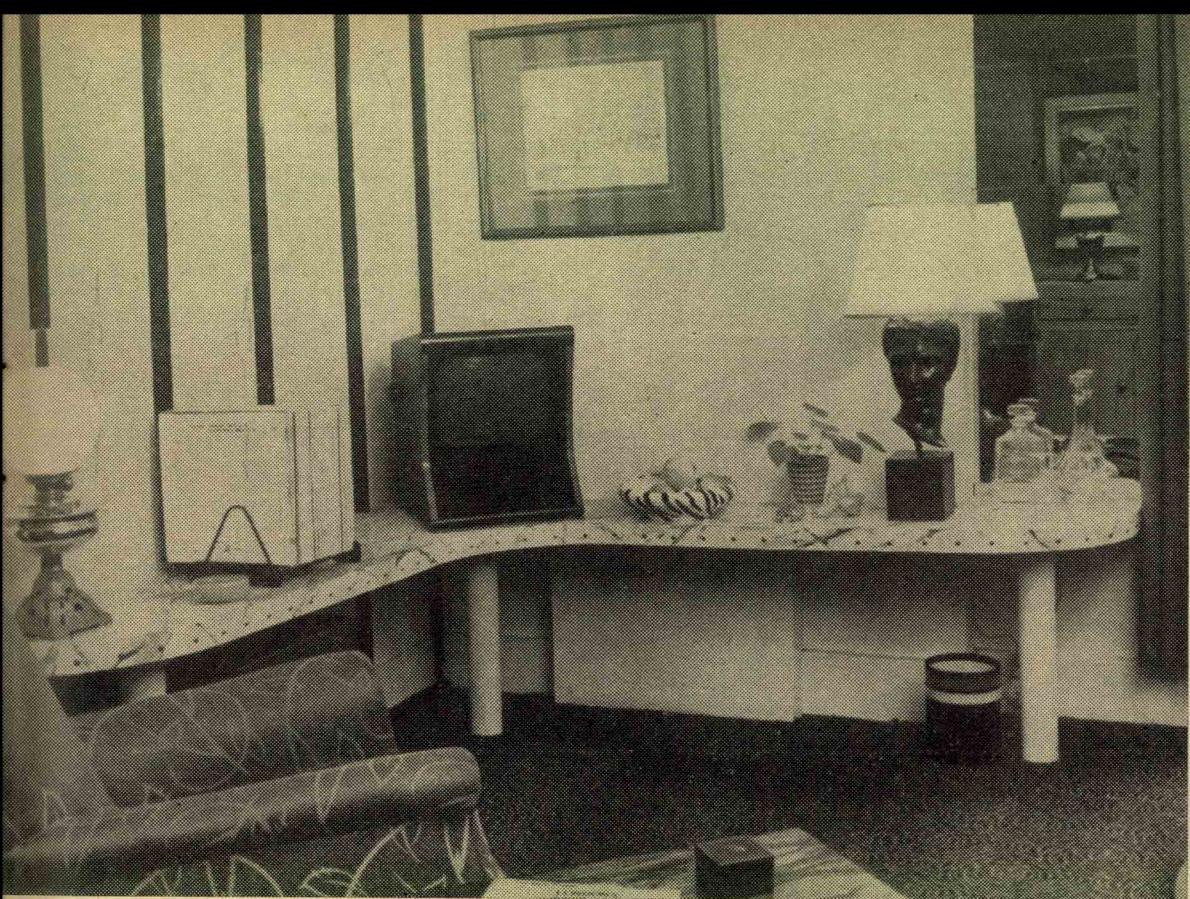
um ambiente como você quer

O ARRANJO dos cômodos de uma casa é que os torna interessantes, pessoais, inconfundíveis. A maneira de se obter essa marca pessoal está muito bem ilustrada nos dois cômodos aqui apresentados. Um é uma sala de estar, fotografada de dois ângulos opostos. Um dos ângulos foi arranjado com uma prateleira de madeira revestida de plástico imitando mármore. O plástico é totalmente colado à madeira e, além disso, pregado com percevejos. Sobre a prateleira ficam lâmpadas para leitura, discos, aparelho de televisão, enfeites e um vaso de flores. No outro canto, onde está a porta de entrada, nota-se a intenção de criar um ambiente de transição entre o exterior e a intimidade da habitação. Assim, a porta foi revestida de papel pintado, do mesmo que aparece nas paredes desse ângulo.

O outro cômodo é uma combinação de copa e cozinha. A separação é feita por um armário de cozinha, sobre o qual há duas prateleiras abertas, onde são guardados frascos artísticos e a louça em geral.

Aí estão as sugestões. Agora, o leitor não tem mais do que tratar de adaptá-las ao seu caso pessoal, mudando as posições dos móveis, retirando algumas peças, acrescentando outras, e criando, assim, um ambiente que seja exatamente o que quer.





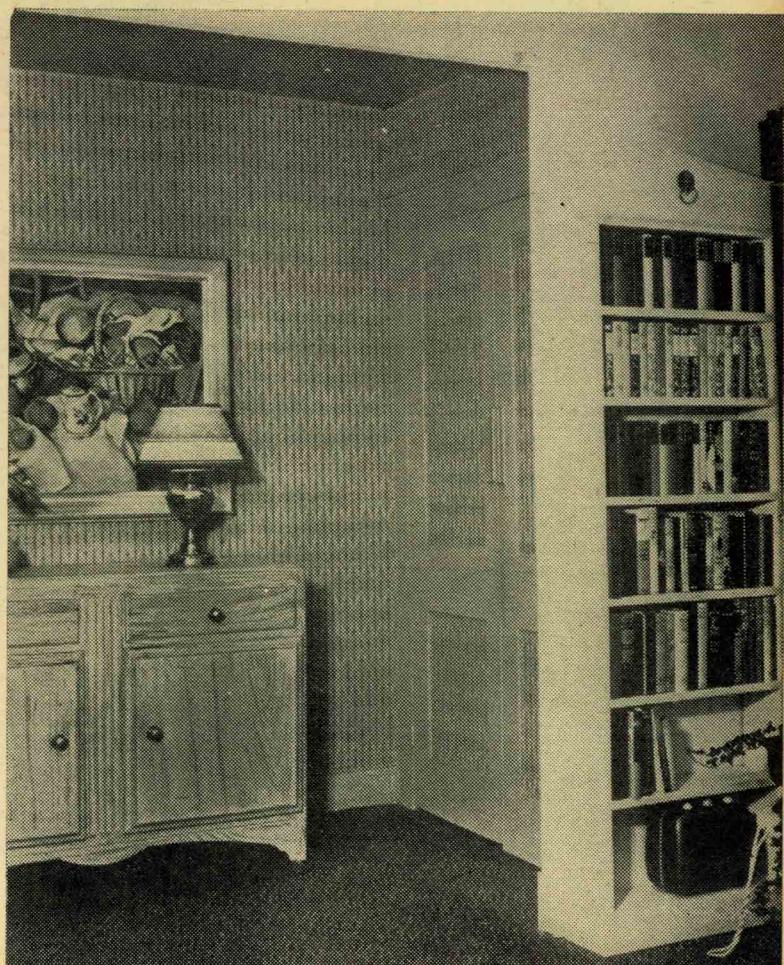
Uma prateleira como esta dispensa outras mesas pelo meio da casa. O peso é sustentado por três tubos de madeira, dêsses que podem ser obtidos em qualquer casa de tecidos (são usados para enrolar fazendas finas). Para maior firmeza, a prateleira é chumbada à parede. O grande espelho, feito com cinco peças menores numa moldura de madeira, serve para dar a impressão de maior amplitude à sala.



Com os painéis revestidos de papel pintado, a porta parece uma continuação da parede. Também o pequeno «étager» pode ser revestido do mesmo papel. Em primeiro plano aparece uma estante para livros que pode ser usada como cristaleira ou guarda-louças.



Um armário comum e uma prateleira compõem um interessante móvel divisor entre a copa e a cozinha. A parte superior pode ser usada para guardar — se fôr o caso — a coleção de frascos artísticos, contendo líquidos e temperos usados na cozinha.



Cavalcanti, em Paris...

Conclusão da pag. 56

«M Puntilla», ainda no escuro, a sala inteira levantou-se e aplaudiu de pé. Só então, compreendemos o que significava Cavalcanti para a Europa. Na assistência, nomes dos mais representativos do cinema e espectadores selecionadíssimos, dentre os melhores vedores e estudiosos de cinema da Europa.

Meses depois, o filme ia para os «Champs Elysées» e a crítica felicitava-se pela volta à França «do mestre Alberto Cavalcanti, um dos maiores realizadores do mundo».

Mas o homem Cavalcanti é simples. Naquela noite de inverno, saiu rapidamente da cinemateca. Fugiu dos abraços e dos comentários. Os olhos um pouco bascos, a voz difícil, o coração palpitando forte. Regressava ao continente europeu como saíra: como um autêntico cineasta de primeira linha.

Calm, de voz pausada, tendo sempre pendurado aos lábios um cigarro forte, Cavalcanti gosta de conversar. Aprecia receber em casa, perde horas inteiras respondendo a perguntas, falando, comentando. Seus olhos, às vezes, buscam ao longe a resposta certa e ela vem fluida, limpa, cristalina, não deixando dúvidas sobre tudo o que pensa, como julga

as coisas, como realizaria uma idéia.

Interpelamo-lo. Ele mostra as fotos da última película. Martine Carol, Vittorio de Sica, Marthe Mercadier, a ótima Martita Hunt, Phillippe Nicaud, André Versini e Jacques Sernas são alguns dos nomes do elenco.

A história de «Les Noces Vénetiennes» e os diálogos são de Claude Puget e Jean Ferry. Narra as aventuras de uma linda viúva brasileira, Martine Carol, que quer fazer-se passar por milionária, em Veneza, a fim de tentar um casamento de futuro.

Contudo, é envolvida nas malhas de uma autêntica «gang», chefiada por Vittorio De Sica, que está com os olhos postos não só no dinheiro da viúva, mas em sua rica coleção de jóias. Ela se casa com um «príncipe». No final, nem a viúva era rica e nem o «príncipe» um nobre, mas a deliciosa comédia termina com a vitória da juventude e do amor, sobre os bens materiais.

Cavalcanti gostou do enredo. Diz que o filme será muito engracado. Agora, dá os últimos retoques de laboratório na película e prepara-se para novas realizações:

— «Tenho três boas histórias em mãos e não sei, ainda, pela qual optar. Você sabe, é preciso fazer uma de cada vez...»

Em 1959, nos primeiros meses, realizará uma das três. Depois, outros filmes, a continuidade de sua carreira brilhante e a manutenção de sua tradição de bom realizador, o que lhe proporciona o conceito que tem na Europa, o respeito e o carinho com o qual é tratado.

Longe do Brasil, Cavalcanti não esquece, contudo, nosso cinema. E acredita que um dia ainda conseguiremos fazer coisa boa. Porém, prefere não apontar fórmulas e nem soluções.

Calmo, remoçado, esportivo, repleto de vida e de idéias novas, Cavalcanti é um homem plenamente realizado e integrado no tempo. Não é saudosista e, quando fala em cinema, divide as coisas: uma era passada, histórica digamos, e uma presente, que tem sempre uma perna no futuro. E' com esta que ele caminha sempre. Os leitores falarão por si mesmos, quando virem seus últimos filmes exibidos aí. Certamente, ninguém duvida disso, haverá uma classe de «crítica» e de «cineastas», prontos para condenar as obras, mesmo sem as ver. Nada disso, porém, importa a Cavalcanti, pois, ao que parece, a crítica européia é de formação um tanto sólida e honesta e é nela que ele buscará recompensa para seus trabalhos.



As Horas Misteriosas Após o Parto

Conclusão da pag. 21

na! E' uma menina!» Tive de fazer grande esforço de memória para me lembrar onde estava, o que se passara antes dessa longa ausência. Sentia-me tão doente que a notícia não me causava verdadeiramente prazer. Certamente não havia sofrido, mas era como se em nada tivesse contribuído para o nascimento de minha própria filha.

☆ ☆ ☆

Mostraram-me o bebê todo enfaixado. Vira recém-nascidos bem vermelhos, berradores, vivíssimos. Minha filha era dum palidez inquietante, parecia amorfia, inerte. Explicaram-me que era normal, porque fôra anestesiada ao mesmo tempo que eu.

Depois, vim a saber que nos Estados Unidos, onde a anestesia se tornara praticamente a regra para todos os partos, a ela vêm renunciando cada vez mais. Os ginecologistas perceberam, com efeito, que eram obrigados a reanimar um bebê dentro de seis: ao nascerem, eram incapazes de respirar. E no entanto, tinham todos recebido oxigênio. Ora, no parto normal os casos de reanimação são extremamente raros. O doutor Niles Newton, da Universidade de Pensilvânia, vai mesmo mais longe. Segundo suas estatísticas, 99% das mulheres que não foram anestesiadas dão à luz sózinhas, sem dificuldade. Ora, esta proporção tomba a 20% entre as mulheres sob anestesia. Para as outras, é preciso empregar o fórceps, com o qual há o risco de fazer a criança sofrer.

Também, na França, a anestesia é atualmente reservada aos partos muito delicados, porque malgrado os progressos incessantes da química, permanece ela sempre como uma pesada responsabilidade. Sempre que o podem os ginecologistas preferem drogas menos poderosas mas menos tóxicas, que atenuam a dor sem suprimir a consciência.

Não sou médica, mas, desde minha experiência infeliz, recebi numerosas confidências para estar certa de que, na qualidade de mulher, não é escamoteando o transe do parto, graças ao sono artificial, que se suprime o medo. Psiquiatras norte-americanos, Henriette Klein, Howard Potter e Ruth Dyk, verificaram, depois de ter acompanhado, desde o começo de sua gravidez, 23 jovens mulheres que esperavam pela primeira vez um bebê, que aquelas que tinham sido anestesiadas, encontravam-se em seguida ainda mais angustiadas, mais inquietas do que antes. Várias afirmavam que, por coisa alguma do mundo, consentiriam em ter outro filho.

Esta reação paradoxal é fácil de compreender. A anestesia partiu nelas o elo essencial que liga a mãe ao filho, essa convicção no parto de que é ele realmente obra sua. «Achei horrível ser adormecida, no momento em que meu filho ia nascer — confessou-me uma amiga. — Tive a impressão de ter sido posta para fora de meu corpo e de morrer».

Como o sentimento duma frustração tão fundamental, não haveria de ensombrar o primeiro encontro delas com a maternidade?

Os partidários do parto sem dor insistem na necessidade de cercar a futura mãe duma atmosfera de calor humano. Pedem que se mobilie a nudez glacial da sala de operação. Em certas clínicas dos Estados Unidos, colocam flores nelas, cortinas, um toca-discos. Recomendam que não se deixe nunca uma mulher sózinha com sua angústia. Seu médico, ou mesmo uma parteira com a qual pôde ela travar antes relações de amizade, devem estar sempre presentes. Alguns preferem mesmo que o marido assista ao parto. Mas sabem bem que o essencial de sua ação é a consciência que se esforçam para que sua paciente assuma, durante a gravidez, do maravilhoso trabalho que ela mesma executará, dando, conscientemente, voluntariamente, seu filho à luz. Porque não há melhor remédio contra o medo do que a confiança em si. E a mulher que experimentou, em todo o seu corpo, que é capaz de dar a vida, deixa de ter medo do futuro. — *Claudine Jardin*

☆ ☆ ☆

Congado, Oração de Prêto

Conclusão da pag. 30

um folclore tão rico como o Congado — cultura popular e tradicional, cultura religiosa com todos os “ff” e “rr” — não se destrói com a simples criação de preconceitos.

E' de ver como cantam, dançam e rodopiam... em honra de Nossa Senhora do Rosário. A fé não morreu, oraças às Congadas que muita gente “civilizada” acha tão ridículas. Todavia, é uma maneira de render homenagens à rainha do Rosário. Os pretos sabem rezar assim. Certo é que são bem vistos por Maria, pois que êles, os pretos, com seus belos Congados, a amam de coração.

ANTÔNIO CAMINHÃO — Continuemos em Ubá. Enquanto observávamos a dança, o ex-prefeito, José da Luz, nos indicava coisas e loisas : — “Aquele é o Adão, de resistência notável : com mais de cem anos de idade, dança horas seguidas. Todos o respeitam senão... o pau canta...”

Mas o repórter já estava distraído : entrara em cena um negrão enorme, de quase dois metros, dobrado e musculoso como nunca se viu. Explicou-se : era Antônio Caminhão, assim chamado porque consegue levantar um desses veículos nada leves. Pois o homem deu um grande salto, em meio da coluna formada pelos dançarinos, e começou a dançar loucamente. No 13 de maio, Antônio Caminhão dança sem parar três dias e noites seguidas!... Impossível? Pois foi o que todos em Ubá nos afirmaram.

OBRIGAÇÃO DE VASSALOS — Os Vassalos têm, também, seus deveres de compromisso. Seu regulamento, a todos imposto, inclusivo aos reis : Comparcer periódicamente às reuniões; não ingerir bebidas alcoólicas; não entrar em farras quaisquer; não jogar. Dizem-se católicos. Os que não respeitam tal regulamento, são logo eliminados do seio dos “Vassalos de Nossa Senhora do Rosário”.

☆ ☆ ☆

Quando as danças pareciam exprimir mais elevação, mais exaltação, um silêncio repentino se fêz sentir : a voz entoada do “Rei Congo” começou a se fazer ouvir — e sentir. Rezas sem fim, frente ao estandarte da Senhora do Rosário, seguidas de um canto monótono e triste que marcou o fim do Congado. Em pouco, fêz-se total silêncio. A praça se esvaziou. Na calada da noite, perdiam-se as últimas batucadas. E Ubá — a Princesa da Zona da Mata — dormiu, para acordar e lutar pela grandeza do Brasil.

*É na cozinha
que se prova o valor do*

**alumínio
Panex**



Panex — o 1º nome em alumínio!

esparcos

Extase

GABRIELA MISTRAL

Trad. de Antônio Dominoni

Olhou-me, nos olhamos em silêncio...
Muito tempo. Cravadas, como na morte, as pupilas.
Todo o estupor que embranquece os rostos,
Na agonia, branqueava nossas faces.
Depois desse instante, nada resta.

Falou-me convulsamente. Falei-lhe
Rôtas, repassadas de plenitude, inquietação e angústia
As confusas palavras. Falei-lhe de seu destino
E meu destino, mistura fatal de sangue e lágrimas.
Depois disso, eu sei, nada mais resta.
Nada. Nenhum perfume que não seja
Dissolvido, a rolar sobre o meu rosto.

Agora, Cristo, cerra-me as pálpebras
E torna fria a minha boca,
Pois são supérfluos todos os momentos
E foram ditas tôdas as palavras.

A Mulher

AMADO NERVO

Trad. de Nidoval Reis

O provérbio persa diz: "Não batas numa mulher nem mesmo com uma pétala de rosa".

Eu te digo: "Não batas nem com o pensamento".

Jovem ou velha, feia ou bela, leviana ou sincera, má ou boa, a mulher sempre sabe o segredo de Deus.

Se o Universo tem um fim claro, evidente, inegável, que está à margem de tôdas as filosofias, esse fim é a Vida; a vida, única doutora que explicará o mistério; e a perpetuação da Vida foi confiada, pelo Senhor dos Mundos, à mulher.

A mulher é a única colaboradora efetiva de Deus.

Sua carne não é como a nossa carne.

Na mais vil de tôdas as mulheres há algo divino.

Deus mesmo colocou o brilho das estrelas em seus olhos irresistíveis.

O destino faz a sua vontade e, se o amor de Deus, se parece com algo neste mundo, sem dúvida alguma essa semelhança está patente no amor de tôdas as mães.



O QUÊ? LAVAR SEM SABÃO?

Sim! A alvura que só OMO dá torna o sabão antiquado!

É miraculosa — a potência
de limpeza de OMO!

SABE POR QUE? É que OMO penetra fundo no tecido, onde o sabão não consegue alcançar.

Trabalhando como um ímã, OMO puxa de cada fio tôdas as partículas de sujidade. Por isso, V. não precisa esfregar tanto. É só enxaguar uma vez; toda a sujidade fica na água do tanque — nada na roupa.

Seus lençóis, fronhas, enfim, toda sua roupa grande terá uma alvura jamais conseguida com sabão... e a roupa durará muito mais.

E tudo isso, sem quarar e usar alvejantes, pois OMO lava, quara, alveja e dá brilho, de uma só vez.

Duvida? Experimente OMO uma vez — V. nunca mais usará sabão!

FAÇA ESTA PROVA!



Lave com OMO sua roupa já lavada com sabão. Veja como fica muito mais alva, muito mais limpa!



Use **OMO** — o "milagre azul"
usado em todo o mundo pelas
dona-s-de-casa modernas!



Sanduiche em Camadas.

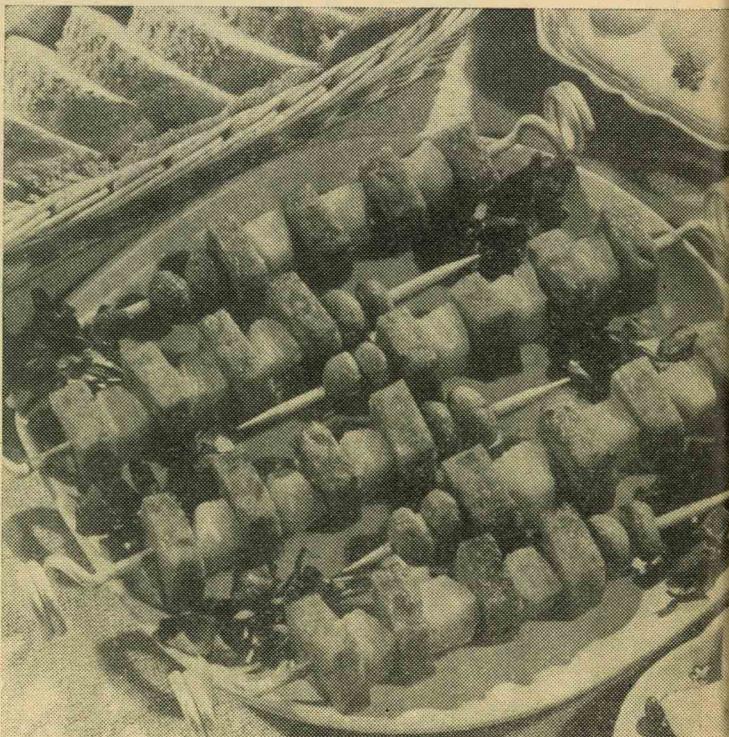
Presunto com Abacaxi

- | | |
|------------------------------|--|
| 1 lata de presuntada | los, palmito ou aspargo |
| 1 lata de abacaxi em pedaços | 3 colheres de sopa de manteiga ou margarina derretida. |
| 1 lata de cogumelo | |

CORTE a presuntada em fatias mais ou menos grossas, e depois divida essas fatias em diversos quadrados. Em cada espôto, que deve ser de tamanho regular, vá enfiando as fatias de presunto e abacaxi alternadamente, até completar 4 pedaços de presunto e 3 de abacaxi. Ponha duas cabecinhas de cogumelo para terminar (em vez do cogumelo podem-se usar também rodelas de palmito ou espargos).

Passe cada um desses espertos na manteiga derretida e ponha numa frigideira bem rasa. Leve ao fogo para tostar, virando depois para o outro lado.

Sirva quente, com creme de cebolas e pedaços de pão com manteiga.



Sanduíches e Salgadinhos

Sanduíche em Camadas

CORTE um pão de sanduíche em quatro fatias, no sentido do seu comprimento.

Passe manteiga na primeira fatia e depois cubra com o recheio de queijo. Na segunda fatia passe manteiga dos dois lados, coloque por cima e cubra com o recheio de presunto. A mesma coisa na terceira fatia, cobrindo dessa vez, com um recheio de galinha. Na quarta fatia passe manteiga de um dos lados, colocando-o voltado para baixo.

Recubra toda a fôrma de sanduíche com uma mistura de queijo cremoso e leite. Ponha na geladeira, até a hora de servir, mas embrulhado em papel encerado.

Recheio de Queijo

1/2 xícara de queijo-creme	rões cozidos e picados em pedaços bem pequenos
1/2 colher de chá de mostarda já preparada	1/2 colher de chá de caldo de limão.
1/3 de xícara de cama-	

Recheio de Presunto

1/2 xícara de presunto bem picadinho	1/2 colher de chá de mostarda já preparada
3 colheres de chá de pickles	2 colheres de sopa de maionese.

Recheio de Galinha

2/3 de xícara de carne de galinha cozida e picada em pedacinhos	sal
1/4 de xícara de aipo também picado	3 colheres de sopa de maionese
1/8 de colher de chá de	2 colheres de sopa de azeitonas verdes picadas.

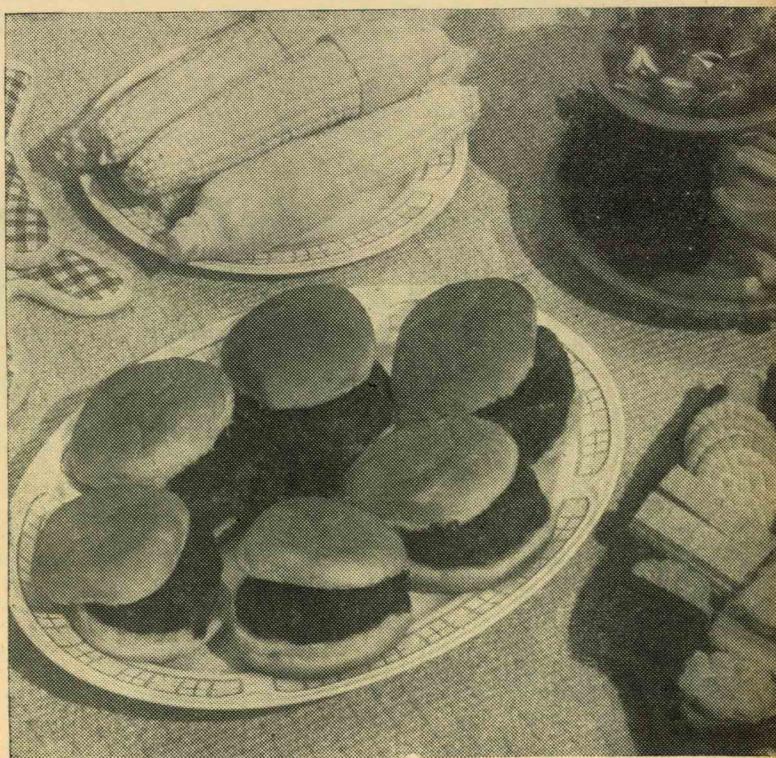
Para qualquer dos três recheios, é só misturar bem os diversos ingredientes e passar no pão que já deve estar com manteiga.

Sanduíches de «Hamburgers»

250 gramas de môrdo de tomate	Algumas gôtulas de mólho de Tabasco
1/2 xícara de catusup	1 pitada de chili
1 colherinha de sal	1/2 cebola, picada
Pimenta	1/2 quilo de carne picadinhada
1 colherinha de mólho inglês	Farinha de rôsca.

Misture o suco de tomates, o catusup, sal, pimenta, mólho inglês, Tabasco, chili e cebola picadinhada. Junte uma xícara de farinha de rôsca, à carne picada. Misture bem. Divida em 8 porções (ou mais, se desejar sanduíches menores). Cozinhe cerca de 8 minutos, ou mais, se desejar. Arrume os «hamburgers» dentro de pãezinhos redondos cortados pelo meio.

Sirva com biscoitos, azeitonas, rabanetes e milho verde para uma refeição completa.



Presunto com abacaxi.

Sanduíches de «Hamburgers».

A Beleza das Mão

DEPOIS de uma partida de canastra em casa de uma amiga, Você nota, ao se despedir, que ela tem as mãos admiravelmente bem tratadas, enquanto que as suas apresentam aspecto deplorável: o esmalte lascado, a exigir reparos, a pele áspera, os dedos gretados. Logo após, um cavalheiro elegante apresenta-lhe gentilmente o isqueiro, procurando acender o seu cigarro, e Você fica ainda mais embaraçada, notando que as suas mãos não estão em condições de serem admiradas.

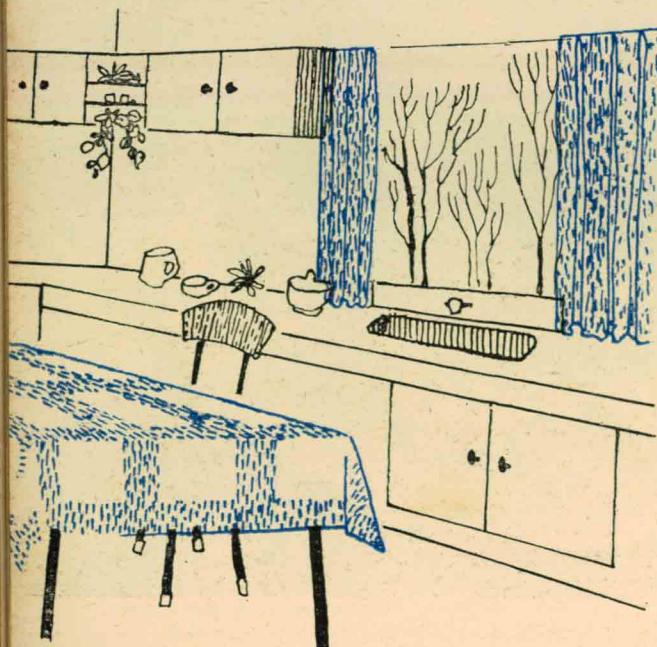
E' verdade que essas coisas acontecem freqüentemente, pois as mãos estão sempre em evidência. Mas também é verdade que podem ser perfeitamente evitadas, desde que sejam tomados alguns cuidados, fáceis e eficientes.

Aqui estão, leitora amiga, alguns conselhos que a ajudarão a manter as suas mãos em pleno viço, com aquele toque mágico que chamaremos de T. A. C. (ternura, amor e carinho). Antes de tudo, é indispensável que elas sejam tratadas diariamente, com um creme ou loção especial, que corrige os defeitos ou que — melhor ainda — ajuda a evitá-los. Para isso, é conveniente que Você tenha a loção sempre ao seu alcance, usando-a com a máxima freqüência. Neste caso, convém



ter um vidro na penteadeira, outro no banheiro, um terceiro no armário da cozinha. Assim, será fácil aplicar a loção ao levantar-se, para começar o dia cuidando das mãos, e na hora de deitar-se, quando elas estão cansadas e exigem mais atenção. Nas atividades domésticas, durante o dia, Você terá várias oportunidades de mexer com água, e não lhe custará aproveitá-las para esse cuidado embelezador, o qual dará às suas mãos uma pele bonita e macia.

Isso, porém, não é suficiente e o T. A. C. não estará completo, se Você não fizer uma visita semanal à manicura, pois as suas unhas também precisam de cuidados. Pelo menos uma vez por semana, é necessário apará-las, dar-lhes novo polimento, pintá-las. E, para conservá-las bonitas durante sete dias, sem que o esmalte se quebre, não se esqueça de aplicar uma camada de base, duas da sua cõr preferida e um toque final de verniz, tudo isso acompanhando a borda da unha. Trata-se de um recurso que, evidentemente, dá um pouco de trabalho; mas um trabalho que compensa, porque evita aquêles desagradáveis momentos de constrangimento. — Jeanne D'Arcy.



As Utilidades

A VARIEDADE de plásticos hoje em dia existe traz à dona de casa grandes possibilidades de melhorar o aspecto de seu lar, principalmente na cozinha e no banheiro. Em certas cozinhas, cujo aspecto assemelha-se, pela sua frieza, ao de um laboratório, os plásticos, com interessantes desenhos e cõres vivas, podem dar uma nota alegre e pessoal, mudando totalmente a sua feição.

Utiliza-se o plástico para forrar prateleiras, pois ele contribui para manter limpos os lugares onde se guardam os comestíveis e o vasilhame. Para esse fim, aconselham-se os plásticos de desenhos pequenos, fantasias ou floreados discretos, havendo uma grande variedade de desenhos para as bordas. São mais indicadas e mais bonitas as cõres verde, vermelha, amarela e azul.

Quando se trata de uma cozinha bem ampla, pode fazer-se uma combinação entre o plástico que cobre as prateleiras e o fôrro da mesa, aconselhando-se, neste caso, o uso de plásticos com o mesmo desenho, mas em tamanhos diferentes. Assim, se as prateleiras são forradas com plástico quadriculado, com 9 cm de lado em cada quadrícula, o fôrro da mesa deve ser igualmente quadriculado, mas

Novo Remédio Contra a Verruga

HA' muitos remédios de ação específica, empregados durante anos e anos, a fio, para combater determinados males, até que, um dia, alguém descobre nêles outros usos e aplicações, às vezes muito superiores, quanto à eficácia e utilidade, aos até então conhecidos. Tal é o caso de um vegetal chamado «podofilo», utilizado durante largo tempo como específico contra a constipação, figurando com destaque nas bulas de vários produtos vendidos para esse fim.

Como recentemente se descobriu, o «podofilo» possui outras propriedades, entre as quais a de destruir as verrugas. Para esse fim, usa-se a raiz — ou, mais propriamente, o rizoma — da qual, se obtém um pó brilhante, de cor parda esverdeada, sabor acre e amargo.

O pó é misturado com vaselina líquida, em proporção de 25%, e a mistura deve ser sempre agitada, antes de usada. Com ela, cobre-se toda a região a ser tratada. É necessário fazer com que o medicamento penetre bem profundamente nas reentrâncias que costumam formar-se nas verrugas, especialmente quando estas sejam salientes e grandes.

E' de aproximadamente oito horas, o prazo necessário para a

aplicação. Por isso, o mais conveniente é que seja feita à noite. Neste caso, porém, é necessário tomar cuidado, para evitar que o remédio, com os movimentos do sono, seja retirado.

Depois das oito horas, basta remover o remédio, com água e sabão, e, depois de enxugar bem o lugar e polvilhar um pouco de talco, para evitar que ocorra uma irritação. Dos métodos correntes para o tratamento das verrugas, esse parece ser o mais eficiente, não apresentando nenhum dos inconvenientes dos outros.

Na terapêutica homeopata, emprega-se muito o medicamento «Thuya», com resultados sempre eficientes para as verrugas, especialmente as de tipo mole, que desaparecem com um ou dois meses de uso do remédio.

As verrugas plantares (das plantas dos pés) constituem um caso muito especial. Com efeito, são muito sensíveis, chegando, não raramente, a dificultar a caminhada. Por outro lado, pela própria natureza do lugar onde se formam, tornam impossível a aplicação de tratamentos muito energéticos. Tanto neste como em quaisquer outros casos, o mais importante é evitar os produtos cáusticos, como o nitrato de prata e outros, cujo uso é muito vulgarizado, e que têm o inconveniente de, freqüentemente, produzirem cicatrizes indeléveis, de aspecto muito pior que o do defeito que se pretende combater.



Além disso, há a possibilidade de as verrugas desaparecerem por si mesmas, às vezes por simples «sugestão», conforme afirmam os entendidos no assunto. De qualquer forma, o importante é tomar cuidado, ao experimentar certos tratamentos caseiros.

dos Plásticos

com quadros de 3 cm de lado. Se, pelo contrário, a cozinha é de dimensões reduzidas, é preferível usar um tom suave e uniforme.

Se existe na cozinha uma dessas pias antiquadas, com os encanamentos e depósitos à mostra, convém fazer também uma cortina ao seu redor, posta num arame e presa com alguns ganchinhos, colocados a intervalos regulares.

Quando as janelas não têm venezianas, convém dotá-las também de cortinas de plástico. No princípio, as pregas da cortina terão uma certa rigidez, mas, depois de algum tempo, tornar-se-ão leves e cairão com uma elegância que poucas fazendas possuem. Para essas cortinas, é mais aconselhável a cor uniforme, ficando muito bonitas as de plástico azul vivo, verde, vermelho, amarelo e até o próprio branco. Forma-se uma combinação muito interessante escolhendo-se para a mesa e as prateleiras um tom cinza, e para as cortinas o azul vivo. Podem usar-se também forros quadriculados, em branco e vermelho, combinando com cortinas do mesmo tom vermelho das quadriculas; ou, ainda, quadros verdes e cortinas de plástico verde liso.

Para fazer as cortinas, devem tomar-se as medidas exatas, deixando-se uma pequena margem excedente. Cortado o plástico, deve ser ele estendido sobre uma mesa, bem esticado. Com auxílio de uma régua, faz-se um traço de lápis ao longo da margem, e em seguida dobra-se o plástico seguindo a linha marcada. Aplica-se então, na dobra, um pouco de cola para plástico, e comprime-se a dobra com firmeza. Na parte superior, onde se colocam as argolas, procede-se da mesma forma, deixando-se porém a bainha mais larga.

A verga por onde corre a cortina deve ser, como as argolas, de aço inoxidável, mas também pode usar-se madeira, que se harmoniza perfeitamente com o conjunto, mas, sendo menos sólida, empena-se facilmente e nem sempre deixa as argolas correrem. São muito adequados, ainda, os modernos trilhos para cortinas, com uns prendedores especiais de aço, que correm pelos trilhos com facilidades.

O plástico é muito durável e fácil de limpar, bastando, para isso, esfregá-lo com um pano molhado em água morna ou com um pouco de vinagre.

Eric e o Imperador

Continuação da pag. 65

Eric quase não sofria. Dezenas de perguntas ficaram guardadas para depois, da parte dele e de Marina.

Que palavras podem descrever o olhar que se trocam dois corações profundamente enamorados, que temeram ter perdido um ao outro — um olhar que denuncia, ao mesmo tempo, o amor, a alegria de um encontro inesperado e um pouco de medo do futuro? Esquecidos de tudo que estava em volta, os dois ficaram ali, sentados, de mãos dadas, e, afinal, as palavras começaram a surgir — a princípio, hesitantes, tentando abarcar, em poucas frases, tudo o que havia ocorrido em três anos e meio. Eric contou que havia recebido, algumas semanas atrás, uma informação do consulado francês, em Java. O anel no dedo de Marina confirmava a mensagem do cônsul.

Marina explicou como tinha feito para escapar aos bombardeios e às chamas de Singapura, num dos últimos navios que de lá saíram, rumo a Java. No mesmo navio, conhecera o suíço pelo qual se apaixonara e com o qual se tinha casado, um ano mais tarde. Aquilo acontecera havia mais de dois anos. Como súditos suíços, tinham vivido em relativa liberdade, no excelente clima de montanha de Bandoeng.

A medida que ela ia contando a sua história, tornava-se evidente que tinha sido feliz, naqueles anos. Seu marido, encarregado dos negócios de uma grande empresa européia no Extremo Oriente, estava em Singapura. Ela havia chegado na véspera, no primeiro avião conduzindo civis de Java. Embora Eric estivesse satisfeita de vê-la bem disposta, embora se sentisse grato por saber que as durezas da guerra quase não a tinham afetado, o seu coração encheu-se de amargura. Por que — depois de todos aqueles anos, depois de lutas quase diárias com a morte, nos terríveis campos de concentração do Imperador, depois de ter estado em Labuan, milhares de quilômetros ao sul — por que tivera ele de voltar a Singapura, apenas para ouvir Marina dizer-lhe que já não era sua? Apesar de todos os imponderáveis, sem que se houvesse planejado um encontro, ali estava ela — a radiante «Belle au Bois Dormant» — e ele, sem dúvida, era um triste «Príncipe Encantado».

Marina estava dividida entre sua afeição por Eric, sua compaixão por ele, e o amor pelo seu

marido e por sua nova vida. Durante duas horas, ficaram a conversar, tentando em vão falar das coisas que não dissessem respeito ao coração. Em vão, tentaram vencer a tensão insuporável, em vão tentaram vencer a distância que os separava, encontrar coisas que pudessem dizer sem magoar um ao outro. Isso porque estavam, ao mesmo tempo, muito próximos e muito distantes.

De uma coisa Eric tinha absoluta certeza: só importava o futuro e a felicidade de Marina; ele não estava mais sujeito ao sofrimento. Aos poucos, a amargura foi desaparecendo... Ela era feliz, estava em boas mãos. De quantos sofrimentos tinha ela fugido e quanta felicidade pudera gozar! Ele, o cíngulo, podia andar por onde quisesse; que importava saber como? Não havia nada de auto-comiseração, nesse pensamento. Marina, obviamente,

Um espírito pobre é mais pobre do que uma bolsa pobre. — Horácio.

estava bem ajustada e satisfeita com sua vida atual. Que poderia ele oferecer-lhe?...

Afinal, Marina disse-lhe:
— Agora, tenho de ir, Eric. Deus o guarde.

Pela última vez, ele segurou as mãos dela e as apertou. Agarrou-as por um momento, assim como alguém que não sabe nadar agarra-se a uma bóia, no meio das águas revoltas. Não encontrou nada melhor para dizer:

— Eu fico aqui. Pode ir.

Marina levantou-se logo e saiu.

Eric ficou sentado, sózinho, à mesa do pequeno restaurante chinês. Muito depois de Marina ter saído de sua vida para sempre, ele se levantou.

Calor radiante a subir do macadame. «Ham hung fah san», dia um vendedor de ervilhas em chinês; barulho de bastões de pau; tilintar de campainhas de triciclos; o som de uma buzina — nada disso podia sufocar o grito do coração daquela figura solitária, melancólica, a atravessar o ponto mais barulhento de Singapura.

Como pedacinhos de papel caindo dos altos edifícios de Nova Iorque, durante um grande desfile, uma multidão de adjetivos australianos desceu da amurada do

vapor que saia do cais de Singapura, com a sua carga de ex-prisioneiros de guerra. Agitando chapéus, num gesto de despedida à cidade «com cheiro de sangue podre», eles encontravam certo alívio, porque davam adeus aos trópicos, à Ásia, a Syonanto, a Tojo, numa linguagem inigualável, pela sua precisão e variedade. Daí a instantes, foram chamados para um passatempo ainda mais agradável: o gongo tocou, anuncianto o jantar. Aos poucos, os passageiros desapareceram nos refeitórios, um para os oficiais, um para os sub-oficiais, um para os soldados.

A alguns minutos depois, havia apenas uma figura solitária, no convés dos oficiais. Eric procurava analisar seus sentimentos, enquanto olhava o cais que se distanciava do navio, numa velocidade cada vez maior. Não tinha ódio do Extremo Oriente, nem de nenhuma das muitas raças lá existentes, nem do calor, nem mesmo dos holandeses que o haviam feito alistar-se em seu exército. Também não odiava o Imperador, por mantê-lo no cativeiro durante três anos e meio. Em vez disso, um pensamento viajava com ele: aí fica a cidade onde está Marina, o único laço com o passado que ainda tem importância.

Ficou ali por muito tempo, esquecido de tudo. Seus pensamentos deixaram o porto e se encaminharam para o passado; saindo de um elegante salão de Baile na Riviera e das vinhas de Pórtofino, subindo pelas encostas das montanhas, em setembro, voltaram-se para o pôr-do-sol vermelho, nas colinas de Kaban Djahe. Uma última vez, ele reviveu o único amor que tinha tido na vida. Como poderia haver amargura em seu coração, se ele escalava as encostas do Vesúvio ou as Montanhas de Brastagi, com as mãos de Marina entre as suas? De novo, ouviu uma encantadora melodia gitana, tocada debaixo de um céu todo estrelado, na gostosa primavera de Cap d'Antibes. Não procurou fugir àquele vôo para o passado, não sentiu tristeza, não sofreu.

Quando, afinal, abriu os olhos, deu um último olhar para a cidade que desaparecia lentamente da sua vida. Então, resolveu dar adeus ao passado também!

Olhou à roda, reconhecendo muitos dos numerosos ex-prisioneiros. Pensou ainda um momento nos que tinham ficado para trás, na Birmânia e no Sião. A ironia de tudo aquilo sacudiu-o como uma martelada. Dezenas de milhares

de mães, espóspas, namoradas, estavam esperando em vão, pelo único homem que, na vida delas, tinha mais importância do que todo o resto do mundo. Ali estava ele, voltando de detrás dos portões do inferno — «repatriado! — para um país que nunca tinha visto, para um lar que jamais conheceria. Ninguém o esperava, ninguém tinha cuidados por ele. Por um momento, sua dor foi profunda. Tinha desesperada necessidade de saber que alguém precisava dele. Parado na amurada a olhar o mar, sentiu que suas lágrimas se misturavam com as gôtulas d'água atiradas pelo vento.

Pela tarde do segundo dia, depois da partida de Singapura, ele ficou muito agradavelmente surpreendido, ao receber um convite do capitão do navio, para um coquetel e jantar. Parecia que o «Velho» tinha descoberto que havia entre os ex-prisioneiros repatriados um que nunca tinha estado na Austrália. Intrigado, ele resolvera conhecer o único estrangeiro a bordo de seu barco.

Eric apareceu com seu elegante terno de sargelin, juntou-se ao grupo de oito ou dez outros oficiais, reunidos na cabina do capitão. Daí a pouco, era apresentado àqueles que não conhecia, e foram muitas as perguntas que teve de responder. Há poucos cérebros inteligentes no mundo que, quando inquiridos acerca de seu assunto favorito, não admitem francamente que a maioria das pessoas prefere falar de si mesma. Eric não era exceção.

Durante um intervalo na conversa, o capitão observou:

— Bem, meus senhores. Todos passaram muitos anos na floresta e não viram nem uma figura de mulher. Agora mesmo, estamos passando por Bali. Algum dos senhores gostaria de ir à terra?

Eric comentou que não valeria a pena parar o navio, visto que nem a mais linda mulher de Bali era capaz de comover um australiano. Um côro de «bus» e outros protestos levantou-se, formado por todos os ex-prisioneiros, bem como o próprio Primeiro Oficial do barco. O orgulho deles, tinha sido ofendido e Eric estava obrigado a explicar-se ou retratar-se. Então, ele propôs apostar algumas garrafas de champanha, se todos os presentes não concordassem que ele tinha toda razão para duvidar do interesse dos australianos pelas moças bonitas. Com um sorriso equívoco, ele voltou-se para o capitão e disse:

— O senhor será o juiz.

O capitão prometeu ouvi-lo com imparcialidade.

— Meus senhores — iniciou Eric — nada pode ilustrar a razão de meu comentário melhor do que a história de um grupo de obstinados e agressivos australianos, outrora orgulho de seu país, e, sem dúvida, o terror de mais de uma mãe de família. Um grupo a marchar lentamente ao longo de um caminho na selva da Birmânia. Dois japonenses, baionetas caladas, escoltavam os cinqüenta e tantos sacos de ossos a caminhar debaixo do sol ardente, para trabalhar na construção de uma estrada. A fome estava estampada em muitas caras, a fome brilhava em muitos olhos. As rações tinham sido curtas, o trabalho seria exaustivo, como em todos os dias.

«Cansados, os prisioneiros iam caminhando, sem ver o brilho de prata do pequeno fio d'água que estavam atravessando, sem perceber, à distância, uma figura nativa, aproximando-se por um caminhãozinho estreito. Era uma jovem birmanesa, vestida com um colorido lungyi — um sarong — que, pela gente mais primitiva daquelas bandas, é usado de forma semelhante à de Bali. Era uma bela mulher. Com passos primaveris, a jovem aproximou-se rapidamente, equilibrando na cabeça um grande cesto de bananas maduras. Os prisioneiros australianos, inteiramente indiferentes ao que os rodeavam, inteiramente perdidos em seus pensamentos e preocupações, não tinham visto ainda aquilo que vinha na direção deles.

«Para ilustrar a atração exercida sobre aqueles homens, valeria a pena ouvir os comentários por eles feitos, quando a moça passava. A jovem chegou mais perto e, aos poucos, foi-se notando uma reação, refletida nos olhos dos homens em marcha. Primeiro alguns, depois todos eles notaram que o caminho da floresta não estava deserto. Quando a jovem estava a poucos passos, o grupo inteiro, como se fosse um só homem, voltou os olhos para aquilo que mais o atraía. E um deles, resumiu os sentimentos de todos os outros, ao exclamar: «Olhem só que bananas bonitas!»

O capitão concordou que Eric havia ganho as garrafas de champanha. E, enquanto a conversa se desenrolava em torno dos méritos das bananas e das beldades de Bali, o navio ia deixando algumas milhas para trás. Surgindo lentamente na linha do horizonte, o Cruzeiro do Sul piscava para os homens a bordo, desejando-lhes as boas-vindas. — FIM



LOTERIA
DO
ESTADO
DE
MINAS
GERAIS

a nossa loteria



Deborah Kerr



Tina Louise



Anthony Franciosa

MARIA MESMO

Maria Schell, a adorável protagonista da grande realização alemã «Tua Para Sempre», está muito em voga atualmente, e é desnecessário dizer que essa voga é significativa e incontestavelmente merecida. Porque, quem já teve a oportunidade de ver a grande estréia, não apenas em «Tua Para Sempre», mas ainda em muitos outros grandes filmes como, por exemplo, «Última Ponte», e na película francesa, «Gervaise», estará por certo torcendo para que a Metro-Gold-

DE HOLLYWOOD

ORLANI CAVALCANTI

• Deborah Kerr é a perfeita lady do cinema. Sua coleção de filmes de categoria forma valioso acervo, e, à medida que passam os anos, mais e mais crescem a sua «classe» e distinção inconfundíveis. Deb esteve adorável em «Chá e Simpatia» e «Bom-Dia, Tristeza», mas é em «Separated Tables» que sua arte dramática salienta-se de maneira soberba. Atuando como uma jovem carregada de neuroses, dá-nos a performance que mostra o toque autêntico de veterana ciente de suas qualidades. Estivemos no set da Metro, onde ela filmava «The Blessing», comédia em cores sob a direção de Jean Negulesco. Tudo correu às mil maravilhas. Deborah obedecia a seu diretor que, com sotaque grego, comandava a torto e a direito. Quando, porém, o relógio deu as cinco da tarde, a estrela britânica abandonou em meio a cena que fazia, deixou embasbacados seu companheiro Rossano Brazzi e o resto do elenco, e foi, com gestos de senhora da sociedade, tomar o seu chá — aos golinhos e compassadamente...

• De vez em quando, surge em Hollywood uma novata de formas avantajadas e lábios sensuais. Tina Louise é a mais recente, desse tipo. Em «God's Little Acre», Tina é apresentada com roupas surrealistas, andar ritmado e completa nulidade, em matéria de talento. Todavia, Aldo Ray, seu par romântico, parece reagir bem às «ondas» que lhe transmite a moça de cabeleira acaju. Tina já começou novo filme, na Paramount, e, enquanto as suas medidas rivalizarem com as de Marilyn Monroe, pode ter certeza de que tudo irá de bom para melhor com sua carreira-relâmpago. Na foto, Tina Louise, com o clássico «glamour à la Hollywood».

• Anthony Franciosa, atualmente na Europa, onde filma «Goya», biografia do grande pintor, teve, antes de partir, suas desavenças com a esposa Shelley Winters, chegando a aparecer com um corte na orelha que provocou manchetes na imprensa local. Tony tentou desculpar o temperamento da esposa, perante os repórteres curiosos, mas, ao que se diz, Shelley tem mesmo um gênio efervescente, que muitas vezes a impede de ser procurada por produtores e diretores. Tony, por sua vez, tem lugar firmado entre os grandes de Hollywood, e, se não dominou ainda a esposa, já conquistou o coração de milhares de fãs. A foto, em que ele aparece ao lado de um figurante, foi extraída do filme «A Hatful of Rain», baseado numa peça da Broadway.

AFRANIO CARDOSO

ARARAQUARA FAZ

A Arabela Films, mais uma realidade dentro do panorama cinematográfico paulista e brasileiro, nasceu de um velho sonho acalentado durante anos por um grupo de jovens idealistas da prospera e bela cidade de Araraquara, liderados por Wallace Leal V. Rodrigues, moço cuja inteligência e trabalho vêm servindo à cultura araraquarense há mais de uma década. Depois de uma bem sucedida tentativa no campo do documentário, o grupo não havia conseguido, apesar disso, oportunidade de financiamento para uma experiência de maior vulto, no terreno da longa metragem. Assim, seus componentes, Mário Barra, Araken Toledo Pires, Edson Lessi e Antônio Reis da Silva, além do já citado Wallace Leal, depois de fundar um clube de cinema, resolveram lançar-se à atividade teatral, já que seu verdadeiro objetivo não poderia ser atingido de imediato.

E' A SCHELL

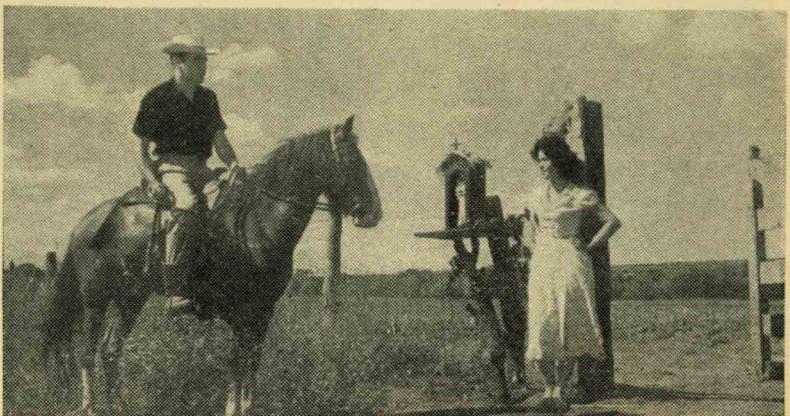
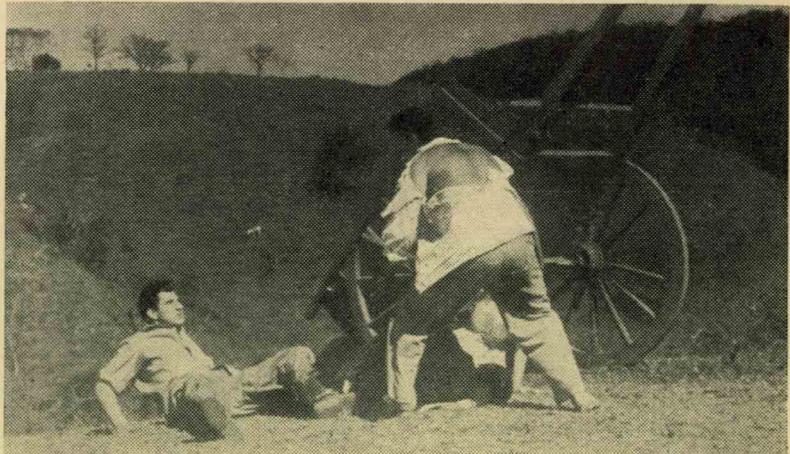
wyn-Mayer, a apresente quanto antes em outro filme. A estréia, que saiu-se muito bem em «Os Irmãos Karamazov», aparecendo ao lado de Yul Brynner, Claire Bloom e Richard Basehart, celebrou, não faz muito tempo, um grande contrato com a Metro. Isso constitui uma grande notícia não só para seus fãs como para todos aquêles que apreciam o bom cinema, porque há muitas Marias na terra, mas não muitas como esta Schell...

cinema



CINEMA NACIONAL

Fazendo teatro de primeiríssima qualidade, com excelente e selecionado repertório, o Teatro Experimental de Comédia de Araçariguara, granjeou fama em todo o Brasil, apresentando-se, inclusive, na Capital da República, onde, após temporada no Teatro de Arena do Hotel Glória, ganhou o prêmio «Apolo», da Sociedade Teatro de Arte, como o melhor conjunto de teatro amador do Brasil, em 1957. Com a temporada no Rio, plenamente bem sucedida, alguém entusiasmado pelo trabalho da equipe araraquarense, perguntou intrigado se aquêles moços nunca haviam pensado em cinema. E, em vista do interesse despertado, capitalistas araraquarense prometeram financiar a desejada experiência cinematográfica. Surgiu assim a ARABELA FILMS. Nas fotos, algumas cenas da película «Santo Antônio e a Vaca», produzida pela ARABELA.



NOVO ASTRO

nos céus de Hollywood

Texto de Orlani Cavalcanti

HOLLYWOOD é um teatro de esperanças e desilusões. Cada vez que nasce o sol, uma lágrima e um sorriso acontecem. Se, no mês passado, o jovem robusto de olhos azuis terminou um filme de segunda categoria, três semanas depois, ninguém ouve falar o seu nome e ninguém quer dar-lhe outra chance de mostrar suas qualidades. E o rapaz volta desconsolado para seu apartamento, alimentando-se de pão e queijo para encher as horas.

E' estranho como essa máquina poderosa que é a indústria do cinema, tritura sem piedade a alma de jovens atores idealistas. Conheço meia dúzia de atores de cintos apertados e olhos ávidos de sucesso, que vivem à espera de que «algo aconteça», e nada acontece NUNCA...

Beleza física não é documento nessa cidade onde os deuses do Olimpo se envergonhariam de seu porte. Homens e mulheres bonitas são como amendoim torradí-

nho na Avenida Atlântica: comuns e freqüentes. Dizem que o que vale mesmo é talento. Neste caso, todos os talentosos seriam astros fulgurantes! Isto também não acontece. De vez em quando, todavia, da multidão aglomerada, do bando onde todos são belos e talentosos, um nome risca os céus do estrelato, engastando-se no espaço da celebridade e do sucesso, de maneira definitiva.

Roger Moore foi escolhido, entre tantos outros, para galã romântico de Carroll (Baby Doll) Baker no filme de caráter religioso, «O Milagre». Antes de tal oportunidade, Roger trabalhava no teatro de Londres, cidade de sua origem, onde conseguira fazer nome. Como Hollywood está sempre atraindo talentos, do mesmo modo que mel atrai crianças gulosas, Roger mudou-se para cá e com a esposa Dorothy Squires, conhecida cantora inglesa. Roger fêz pontas aqui e ali, mas sempre sem esmorecer ou perder a fé no futuro. Tal tenacidade pa-

gou dividendos e, hoje, o simpático ator é apontado como candidato às honras sem par do estrelato. Com ele, aconteceu o inverso do que costuma acontecer com outros.

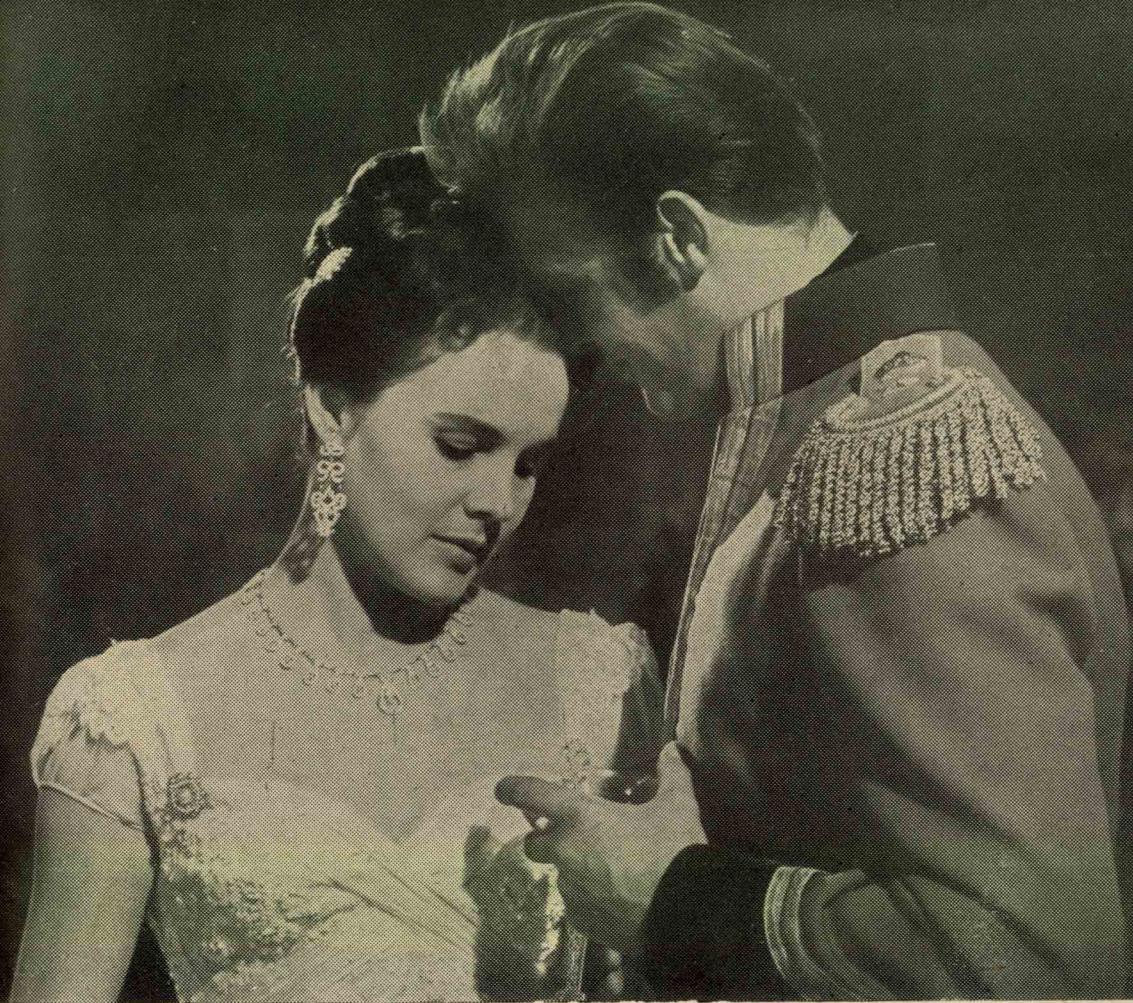
Roger possui o encanto do «gentleman» britânico. Seus olhos faiscam como jóias raras e suas maneiras encantam e desarmam, ao mesmo tempo. Almoçamos no restaurante do estúdio (Warner Brothers), onde tivemos também a companhia de Louis Serrano, ora publicitário daquela organização. Como tantos outros que entrei, Roger quer ir para o Brasil. «E' o país mais lindo do mundo» — digo orgulhosa, ao que Louis Serrano confirma, como bom brasileiro. Roger promete nos visitar na primeira oportunidade.

— Você pretende fixar residência em Hollywood? — pergunto.

— Sim — diz ele sorrindo. — Entretanto, o mar me encanta e

(Conclui na pag. 88)





Carroll Baker e Roger Moore, como aparecem no filme da Warner «O Milagre»...

←

Torin Thatcher, como Duque de Wellington, ao lado de Roger Moore, em «O Milagre». Roger Moore confia no futuro e tem tudo para vencer.

→

Roger Moore e nossa correspondente palestram no camarim, em entrevista exclusiva para os leitores de ALTEROSA.



CONCURSO DE CONTOS

No sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, A Companhia de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o "Concurso Permanente de Contos" desta revista, nas seguintes bases:

1º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º) — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereço completos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7º) — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplados, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8º) — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnam qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados.

Os prêmios deste Concurso são enviados pela Companhia de Seguros "Minas-Brasil", diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. A revista noticiará, quinzenalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

COLABORAÇÃO DE LEITORES

PARA conhecimento de nossos leitores que concordem com trabalhos para o Concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista, mencionamos a seguir a produção recebida na 1ª quinzena de janeiro que mereceu aprovação da Comissão Julgadora: CONTO: "Negrinho", de Mário Pires.

LEITURAS



ESCREVE-ME uma mãe pedindo-me conselho sobre livros a dar a ler à sua filha de 15 anos. Eis um conselho difícil de dar, quando não se conhece a pessoa a quem ele irá servir. Porque, neste caso de leituras, a simples indicação da idade não é de capital importância. Outras informações são necessárias para se poder estabelecer um critério certo. Há tanto requisito a exigir para podermos firmar um programa seguro de leituras...

Em primeiro lugar a formação moral e intelectual da moça, o seu desenvolvimento físico e mental, a sua instrução, a natureza de seu caráter, seus dotes e qualidades, seus defeitos e inclinações. Há moças de 15 anos de idade com mentalidade de meninas de 8 ou 10. Há dias, vi num ônibus certa moça que já anda de namorado para lá e para cá e que deve ter 18 ou 19 anos, lendo atentamente uma revista de quadrinhos, espécie de Gibi ou coisa que o valha. Como iniciar uma criatura dessas em leituras mais sérias e mais proveitosas?

Se a moça já fêz alguns estudos, se tem cursado ginásios ou escolas normais, seu nível intelectual deverá ser sempre maior e sua capacidade de leitura mais séria acima do comum das moças de sua idade.

O conhecimento do gênio, do caráter, das inclinações da leitora é imprescindível para se poder escolher os livros adequados à melhoria e desenvolvimento de suas qualidades, evitando-se as leituras que possam conduzi-la a aumentar cer-

tos defeitos e más tendências.

Se uma moça é muito imaginosa ou muito romântica, deve-se evitar que leia essas revistas que andam por aí, cheias de estórias de amor, de namoricos, de temas novelescos. E principalmente, o excesso de romances amorosos. Sua cabecinha encher-se-á de caraminholas e diante da realidade da vida sofrerá choques tremendos, desilusões amargas e poderá vir a ser muito infeliz.

Os autores sérios, os autores cujos livros sempre ensinam alguma coisa, os romancistas cujos livros são verdadeiros estudos da psicologia humana, constituirão por certo uma leitura capaz de formar bem os caracteres. Devem evitar-se os escritores sem série formação moral, os pessimistas, os incrédulos e, de modo especial, aquêles que não se respeitam a si mesmos nem aos outros, comprazendo-se na descrição de vícios, de imoralidades, dos aspectos mais repelentes e mais vergonhosos da natureza humana. Leituras como tais são verdadeiros venenos e devem ser não só evitadas, mas proibidas.

Procure-se também fornecer à jovem leitora livros de boa leitura, isto é, livros bem escritos, de modo a apurar-lhe o gosto, a afastá-la da literatura barata e da praga das novelas sentimentais. Livros para uma formação religiosa sólida são imprescindíveis. Livros também para iniciação em certos aspectos da vida, como, por exemplo, os livros sobre o casamento, a educação sexual, a higiene íntima. Já existem em português alguns excelentes, de ori-

MARIA DAS DORES GENEROSO CUNHA — Sérro — Minas Gerais — Não posso responder ao seu bilhete de pedido de livro, porque se esqueceu a senhora de mencionar o nome do livro. Quer escrever novamente, explicando-se melhor?

OCLENIILDES SANTANA — Agradeço e retribuo muito cordialmente os vo-

tos de Boas-Festas e de Feliz Ano Novo. Que Deus guarde à sua família neste novo ano que começa.

GAÚCHO ZANGADO — Pôrto Alegre — Se o senhor não concorda com minhas idéias aqui expostas a respeito do divórcio não justifica isso que me escreva malcriadamente. A boa educação manda que sejamos corteses até

CAIXA DE
SEGREDOS

Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Maria Madalena — «Caixa de Segredos», Redação de ALTEROSA, Caixa Postal 279, Belo Horizonte.

tação católica, que tratam êsses assuntos com elevação, seriedade e espírito religioso elevado, sem descurar dos aspectos científicos do assunto. Agora mesmo, surgiu um bem escrito e agradável de ler-se, uma espécie de palestras de uma mãe com sua filha de 14 anos. Chama-se «Para minha filha Raquel» e tem como autora a senhora Eneida Assunção Menezes.

Deve-se graduar também a leitura, à medida que o desenvolvimento intelectual e o bom gosto se forem apurando. A própria leitora saberá depois fazer a escolha dos livros que quiser ler, orientando-se pela crítica literária, pelo conselho de mestres e confessores. Se uma mãe não tem capacidade para saber escolher os livros para suas filhas deve procurar seu diretor espiritual ou pessoa idônea e habituada aos livros para orientá-la. Há uma revista católica no Rio, «Autores e Livros», que orienta bem neste particular, analisando os livros que se publicam no Brasil, nacionais e estrangeiros. A editória «Vozes» de Petrópolis tem também um serviço de fichas orientadoras. Mas não tratam essas publicações apenas de livros religiosos. Analisam-se em suas páginas livros de toda qualidade.

Como se vê, o problema é complexo e deve ser encarado com alto critério, pois se o livro pode fazer muito bem e a ele se devem frutos admiráveis, é também um dos meios mais eficientes de corrupção e de vícios. — Maria Madalena.

mesmo com as pessoas de quem discordamos. Acresce que as idéias que expus não são minhas: são as do ensinamento milenar da Igreja, são as palavras do próprio Deus, são opiniões de homens de inteligência e de cultura, como Leonel França, Tristão de Ataíde e outros luminares das letras e do pensamento.



Escovar os dentes logo após as refeições com
CREME DENTAL COLGATE
COMBATE O MAU HÁLITO E AJUDA A EVITAR A CÁRIE!

COLGATE é o Creme Dental da mais pura qualidade que existe. Sua espuma ativa e penetrante destrói as bactérias e ácidos causadores da cárie e do mau hálito. Pelos resultados positivos que oferece para a saúde dos dentes e a higiene da boca, COLGATE é o Creme Dental preferido por milhões de pessoas em todo o mundo!



COLGATE É O CRIADOR DOS MAIS BELOS SORRISOS!

Novo Astro Nos Céus de Hollywood

Conclusão da pag. 84

seduz. Procurarei casa possivelmente na praia.

— Que tipo de papel você prefere, Roger?

Ele responde serem histórias românticas, extraídas de novelas inglesas.

— Espero que não permita que Hollywood faça de você um «cow-boy», como tem feito até mesmo com o grande James Mason!

Ele silencia. Mudamos de assunto.

— Você sente que continua a viver seu papel, após um dia de trabalho?

Ele sorve o chá, aos golinhos,

olha-me de maneira inteligente:

— Só o ator que não atingiu maturidade emocional permite que o personagem que representa invada seu íntimo de maneira perigosa. Quando as luzes das câmaras se apagam, sou Roger Moore, de maneira absoluta.

Depois cita o caso do ator que representava Otelo, e que de tal forma ficou impregnado do seu personagem que assassinou a esposa! O rapaz parece entender da natureza humana e das teorias do Dr. Freud.

A garçonete traz seu almôço: um prato de ovos mexidos, torradas, mais chá.

Desejamos-lhe boa sorte e prosperidade. Sorri encantadoramente:

— Diga ao pessoal do Brasil que lhes desejo um milhão de coisas boas...

Apertamos-lhe a mão. De pé, envergando o uniforme dos «British Dragoons», que usa em «O Milagre», Roger faz-nos uma forte impressão. Há um murmúrio no restaurante, enquanto cabeças viram-se em nossa direção. Digo adeus a Roger Moore, com a certeza de que, após o lançamento de seu filme, um novo astro brilhará, de maneira definitiva, nos céus de Hollywood. Tenho dito!

O Crime Não Compensa

Conclusão da pag. 47

Sua confissão deve ter supreendido a quantos tiveram oportunidade de conhecer Corinne como uma jovem circumspecta e ajuizada, mas não aos psiquiatras que examinaram o acusado.

Lee marcará encontro com a moça para depois que ela terminasse o trabalho na loja. Feito isso, mais tarde, os dois saíram de carro e estacionaram à entrada da alamêda, onde o alfaiate os viu. Lee, que até então havia "respeitado" Corinne, considerava-a uma "boa moça". Agora, porém, ela insistia que ele a beijasse, que "fôsse mais adiante".

Em seguida, ele conduziu o carro para um sítio desértico, nas proximidades de Lake Calumet, onde ficaram à vontade. A essa altura dos acontecimentos ele "começou a pensar". Então ocorreu-lhe: "Se ela faz isso comigo ela faria o mesmo com outros". Isto fez-o enlouquecer. Chamou-a de leviana e outras coisas.

Ela unhou-o; ele bateu nela. Ela gritou; ele apertou-lhe a garganta. Havia uma gravata... e a moça foi estrangulada. Daí a pouco ele voltava à alamêda, onde descarregou o corpo e espalhou os pertences de Corinne. Lee esperava que o verdadeiro assassino fosse confundido, e o crime imputado a um transeunte qualquer que havia atraído a moça à alamêda, matando-a, depois de tentar contra ela. Realmente, durante algum tempo, o acontecimento ficou envoltó em dúvidas.

Considerado sô, depois de exames feitos por psiquiatras, Parker foi pronunciado como assassino. Levado a julgamento, em novembro de 1954, confessou-se culpado e foi condenado a 75 anos de prisão. Sua confissão veio esclarecer o mistério das meias que foram encontradas cuidadosamente dobradas nos sapatos de bailarina. Corinne tirara-as, colocando-as corretamente dispostas dentro dos sapatos, antes de começar suas aventuras com Lee Parker.

TESTE

Respostas da pag. 50

- 1 — Se você o (a) ama realmente, nada mais importa senão que estejam juntos; conte 5 pontos para um sim.
- 2 — E' lógico! A resposta afirmativa vale 2 pontos.
- 3 — A resposta a essa pergunta é muito importante. O não significa que você não está amando, e viverem juntos como marido e mulher será por demais custoso. Conte 5 pontos para o sim.
- 4 — Não se alarme se a resposta fôr afirmativa, pois isto significa que você preocupa-se em esclarecer pontos duvidosos. Para o sim, conte 3 pontos.
- 5 — E' lógico que sim! Quando se ama, é muito grande o prazer de ver o ente querido admirado. Para o sim, 5 pontos.
- 6 — Quando se ama, procura-se agradar o ente querido nas menores coisas, logo... o sim vale 2 pontos.
- 7 — Sem dúvida! Uma explosão delicada não é nenhum motivo de vergonha ou de constrangimento, principalmente quando parte de um coração que ama. Conte 10 pontos para o sim.
- 8 — 2 pontos para o sim: se você ama, deve esforçar-se nesse sentido.
- 9 — Sim? Então está tudo bem! Conte 10 pontos
- 10 — E' uma grande alegria tornar o ente amado conhecido pelos quatro cantos do mundo. Se a sua resposta fôr afirmativa, conte 3 pontos.
- 11 — Ótimo sinal, pois é bem difícil perder a pessoa amada de vista. 5 pontos.
- 12 — A resposta a esta pergunta depende muito das circunstâncias e é determinada pelo seu senso de responsabilidade e pela fôrça do argumento apresentado pelo ente querido. Contudo, conte 2 pontos, se ela fôr afirmativa.
- 13 — Isto é o máximo! Conte logo 12 pontos, se a resposta fôr um sim!

Some agora os pontos e tenha certeza de que está amando de verdade se o total fôr 64. De 50 pontos para mais, você está amando, mas ainda existe alguma coisa que está impedindo a atuação de um amor maior. Se, entretanto, o seu total fôr inferior a 50 pontos, você pode achar que está amando, mas a verdade é que ainda não é este o companheiro que o seu coração deseja.



Fonte Viva:

GLORIFIQUEMOS

"Ora, a nosso Deus e Pai seja dada glória para todo o sempre". — Paulo (FILIPENSES, 4:20)

QUANDO o vaso se retirou da cerâmica, dizia sem palavras: — Bendito seja o fogo que me proporcionou a solidez.

Quando o arado se ausentou da forja, afirmava em silêncio: — Bendito seja o malho que me deu forma.

Quando a madeira aprimorada passou a brilhar no palácio, exclamava sem voz: — Bendita seja a lâmina que me cortou cruelmente, preparando-me a beleza.

Quando a seda luziu, formosa, no templo, asseverava no íntimo: — Bendita seja a feia lagarta que me deu vida.

Quando a flor se entreabriu, veludosa e sublime, agradeceu, apressada: — Bendita a terra escura que me encheu de perfume.

Quando o enfermo recuperou a saúde, gritou, feliz: — Bendita seja a dor que me trouxe a lição do equilíbrio.

Tudo é belo, tudo é grande, tudo é santo na casa de Deus. Agradeçamos a tempestade que renova, a luta que aperfeiçoa, o sofrimento que ilumina. A alvorada é maravilha do céu que vem após a noite na Terra.

Que em tôdas as nossas dificuldades e sombras seja nosso Pai glorificado para sempre. — (Do livro "Fonte Viva")

CORAÇÃO

- Lança o teu coração sobre a barra, que o teu corpo o acompanhará. — N. V. Peale.
- As mulheres são fracas porque só se sustentam pelo coração. — Pitágoras.
- Um espírito leviano esquece; um coração generoso perdoa. — Valtour.
- Foi no coração que Deus colocou o talento inventivo das mulheres, porque as obras desse talento são obras de amor. — Lamartine.

CANTIGAS

Senhor, já que a dor é nossa, e a fraqueza que ela tem, dá-nos ao menos a força de a não mostrar a ninguém.

Fernando Pessoa

Viver é lutar sem tréguas
Contra os azares da sorte,
Viver é andar correndo,
Sempre, sempre atrás da morte.

Paulo Japayassú

Eis meu único tesouro:
A cama, a lua, as estrelas
e uma centena de sonhos
que, à noite, brincam com elas...

Antônio Pereira da Silva

Ah! se a saudade matasse
Como a modinha prevê,
Já estaria sepultado
Com saudade de você...

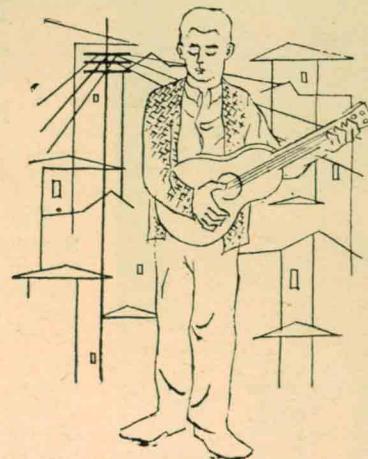
Alberto Isaias Ramires

Saudade — sombra da ausente
que vive sempre ao meu lado,
revivendo, no presente,
alegrias do passado.

Paulo Freitas

O coração da mulher
é como bonde lotado:
— há lugar p'rá quem quiser,
no estribo ou mesmo sentado.

Geraldo Pimenta de Moraes



DANIEL DE CARVALHO REMEMORA O PASSADO

LIVROS
e LETRAS

EUCLIDES
MARQUES ANDRADE

A PRIMEIRA coisa que nos impressiona em «Capítulos de Memórias», do Sr. Daniel de Carvalho, é o tom de humana compreensão com que o autor colore suas antigas lembranças. Ele não é rancoroso, não aponta os erros com mão impassível, porque, conhecendo o frágil coração do homem, sabe, com Cícero, que, muitas vezes, «summum jus, summa injuria». Tem, no entanto, suficiente energia para fustigar os desacertos. Apenas comprehende — o que é raro — que há sempre um coração humano batendo mesmo no peito de um parasita, de um vaidoso, de um ladrão, de um covarde. Mas não é só esse tom «lhano, delicado e sutil», já acentuado por Otávio Tarquínio de Souza em seu magnífico prefácio, o que caracteriza o livro do Sr. Daniel de Carvalho. Desde as primeiras páginas, sente-se que o autor não é um simples contador de episódios do pas-

NOVO LIVRO DE ANTÔNIO OLINTO

ANTÔNIO Olinto, inegávelmente o columista literário de maior penetração, tanto entre os intelectuais, como entre os leitores comuns, com a sua «Porta de Livraria», em «O Globo», deverá publicar, no correr dêste

ano, três livros. Dois de ensaios literários e um de poesia. Poeta que sabe dominar o arranco indôcil das palavras — como já tem demonstrado em seus poemas — Antônio Olinto pensava dar ao seu novo livro o título de «O En-

térro do Souza». Como sua senhora não gosta da palavra «entérro», o poeta resolveu mudar a denominação. Razão pela qual o trabalho ainda continua sem nome.



NOSSO
HOMEM
EM HAVANA

RECEBEMOS da Civilização Brasileira este novo trabalho de Graham Greene, (gravura) «Nosso Homem em Havana». O livro vem sendo procurado com interesse nas livrarias de Belo Horizonte. Noticiando seu aparecimento, pretendemos voltar a ele com mais vagar em uma próxima edição. A mesma editora nos enviou «Estados Unidos — Prós e Contras» e «Panoramas da América Latina», ambos do Prof. A. da Silva Mello.

QUAL O MELHOR
CRONISTA
BRASILEIRO DA
ATUALIDADE?

O NOSSO inquérito, com a indagação acima, vem despertando o mais vivo interesse entre os leitores. Temos recebido cartas de diversas localidades de Minas e de outros Estados. Futuramente, colheremos opiniões de alguns escritores. Por ora, estamos auscultando os leitores, podendo qualquer um mandar sua resposta, expondo as razões da preferência. No fim do ano, selecionaremos as três melhores cartas e seus remetentes receberão prêmios em livros.

sado. Animando suas palavras, dando vibratilidade e energia ao seu verbo encontra-se um verdadeiro temperamento de escritor. E aqui o comentarista lamenta que a política não tenha deixado o Sr. Daniel de Carvalho percorrer sólamente os caminhos da Literatura, embora, por outro lado, o cidadão seja recompensado com sua benéfica atividade naquele setor.

Em «Capítulos de Memórias» encontramos de novo página que já havíamos lido, com emoção, nas colunas de «O Diário». Trata-se daquele passo onde descreve sua primeira viagem por mar, naquele tempo em que havia «um mundo melhor, mais humano, alegre e sem cuidados, o de antes da primeira guerra mundial de 1914 a 1918. Nêle a gente era menos brutal, menos materializada». Depois de assim qualificar aquela época, o autor pergunta: «Estarei agora incorrendo no vício inveterado dos velhos, incorrigí-

veis «laudatores temporis acti?». E ele mesmo responde, com sutileza e ironia: «Creio que a alternativa do conhecido soneto de Machado de Assis se converte em conjuntiva. Mudei eu, bem sei — mas o Natal também mudou...»

Pinheiro Machado, Afonso Pena, muitos outros vultos, desfilam em seu livro. Episódios de interesse em nossa vida política e administrativa são mostrados, ou esclarecidos.

O famoso caso da «Itabira Iron», sua atuação na Alfândega de Pôrto Alegre, entre outros, bem como a recusa, por várias vezes, de Francisco Sales em aceitar a indicação de seu nome para a Presidência da República.

E há por assim dizer uma personagem extremamente viva no trabalho do Sr. Daniel de Carvalho. E' a Belo Horizonte de 1906. Ele a retratou com perícia. Ruas quietas, hábitos provincianos, 16.000 habitantes, recebendo

do Rio e da Europa os reflexos tranqüilos da «belle époque» — a nova Capital de Minas era um mundo de quietude e de paz. Os estudantes, alegres e cordiais, escolhiam para paraninfo «um Lauro Sodré preso, um Rui destruído, um Silvio Romero pobre». A juventude «jamais pensaria em quem lhe custasse as despesas de formatura».

Interessante estudo sobre o coronelismo em Minas é apresentado em «Capítulos de Memórias». Discordamos de várias conclusões a que chega o autor nesse terreno. Devemos, no entanto, reconhecer que o assunto é complexo e não pode ser esgotado em poucas páginas. Louve-se, ainda, a isenção de ânimo do Sr. Daniel de Carvalho. E só nos resta esperar a continuação dessas memórias, porque o autor sabe muito bem levantar de novo os tempos que já se foram. (Edição José Olympio).

EUCLIDES DA CUNHA ESCOLHE GILBERTO DE ALENCAR

Euclides da Cunha



HOJE, publicaremos trechos da carta de um leitor. Assim se manifesta o Sr. Euclides da Cunha, da rua Tiradentes s/n., Inhaúma, MG: «Aproveitando o ensejo que se me oferece, científico-o de que sou grande admirador do festejado cronista Gilberto de Alencar, um dos lídimos expoentes da intelectualidade juiz-forense. Seu estilo primoroso, acessível às massas, reflete com fidelidade a cultura de que é detentor. Sem o menor

vislumbre de injustiça, asseguro que só as crônicas do Sr. Gilberto de Alencar valem a importância que se paga pela aquisição desta consagrada revista da família brasileira».

Em seguida, o Sr. Euclides da Cunha cita mais os seguintes cronistas: Rubem Braga, Raquel de Queirós, Felix Fernandes Filho, Moacir Andrade e Franklin de Sales.

OS LIVROS (E OS ESCRITORES) SÃO NOTÍCIAS

• A Editôra Vecchi acaba de publicar "Idolos da Tela", de Adolfo Cruz, fartamente ilustrado com fotos de atores e artistas do cinema mundial.

• A mesma Editôra Vecchi nos remete "Perfil de Cauby Peixoto", de Flor da Noite.

• "Binômio", da Capital, publicou uma reportagem sobre o fazendeiro Edgard Drummond de Alvarenga, de Ferros, MG que, tendo apenas o curso primário, tem

escrito uma série de romances da capa e espada. Como os menestréis da Idade Média, o fazendeiro vai de fazenda a fazenda, a ler suas produções.

• "As Moças do Corpo Cheiroso" e "A Donzela Teodora", duas peças teatrais de Zora Seljan, serão publicadas este ano pelo S. N. T.

• De Konrad Guenter, antigo professor em Friburgo, lança a "Melhoramentos" o interessante trabalho "A Natureza, Milagre de Deus". A frase inicial do livro é:

"Se há uma terra, onde a bondade e o poder do Criador realizaram uma obra maravilhosa, essa terra é o Brasil".

• Outro bom lançamento das "Edições Melhoramentos" é "O Mundo dos Animais", de Mary Stephenson.

• Em edição do Departamento Estadual de Estatística, acaba de ser lançado "O Ouro em Minas Gerais", monografia de Arlindo Chaves.



EURO LUIZ ARANTES
Quer sentar no banco dos réus.

JULGAMENTO DE JORNALISTA

No dia 31 de janeiro de 1958, o governador Bias Fortes, sentindo-se caluniado pelo jornalista Euro Luiz Arantes, diretor do semanário «Bíbônio», que o acusara da prática de atos atentatórios à honestidade administrativa e à dignidade pessoal, ingressou em Juízo, por intermédio da Procuradoria do Estado, para processar criminalmente o seu acusador.

O processo, que vinha despertando grande interesse na opinião mineira, andou com acentuada velocidade em suas primeiras fases, pela

ação do promotor José Diogo de Magalhães, caindo, em seguida, no esquecimento depois das audiências iniciais. Em meados de janeiro último, entretanto, quando o réu, já eleito e diplomado deputado estadual (o mais votado da UDN), poderia, se quisesse, escapar pela porta das imunidades parlamentares, o processo voltou a ter andamento rápido, sendo marcada logo a data do julgamento (30 de janeiro) e convocados os jurados que deveriam compor o Tribunal de Imprensa. Voltou a agitar-se, deste modo, a curiosidade pública, surgindo, então, pronunciamentos de solidariedade ao jornalista, por parte da diretoria do Sindicato de Jornalistas e da Associação Mineira de Imprensa.

Reafirmando todas as acusações formuladas no seu jornal contra o Sr. Bias Fortes, o jornalista Euro Luiz Arantes manifestou publicamente o seu desejo de comparecer a julgamento, sentando-se no banco dos réus para produzir a sua defesa com «provas documentadas» dos fatos considerados injuriosos e caluniosos. E as coisas estavam neste pé, esperando-se o júri do dia 30, quando, na ante-véspera dessa data, o prof. Pedro Aleixo, defensor do jornalista-deputado, entra com um recurso solicitando o adiamento do Tribunal de Imprensa, o que foi concedido pelo juiz do feito, Sr. Agenor de Sena.

Frustrou-se, assim, a oportunidade para solução do mais discutido processo de imprensa que já teve lugar em Belo Horizonte, ficando seu desfecho adiado.

«SEU» AGRIPINO, DISTRIBUIDOR DO TEMPO

UMA velha «Marinoni» adquirida por 900 mil réis há 63 anos é a má-

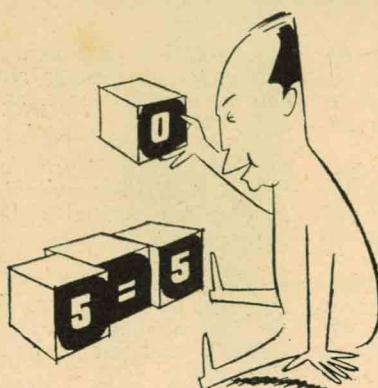


O TIPÓGRAFO AGRIPINO
Dor de cabeça por causa do Governo.

quina onde, desde aquela época, o Sr. Agripino dos Santos, hoje com 82 anos, vem imprimindo a «Folhinha Mariana» — como é conhecida a Folhinha Eclesiástica da Arquidiocese de Mariana — hoje transformada em instrumento indispensável a muito homem do campo, no que diz respeito a plantar e colher. Com efeito, além de indicar em que data do ano devem ser abertas as covas para o milho, a folhinha diz se em tal e tal dia, em tal e tal hora, vai ou não vai chover. E, por incrível que pareça, acaba mesmo chovendo mais ou menos na hora certa. A folhinha é distribuída e disputada — em dezenas de cidades mineiras e até fora do Estado, porque, além do já referido Regulamento do Tempo, sempre traz informações sobre a Lei do Selo, Tarifas Postais, Eclipses, Comêço das Estações, Cômputo Eclesiástico, e tôda uma série de coisas que é bom saber.

Com 82 anos e sete bisnetos, o velho tipógrafo Agripino utiliza, na

O MATEMÁTICO



Charge de DE PAULA

UBERLÂNDIA: DESPERO, SANGUE E MORTES

No dia 18 de janeiro, o jornal «O Triângulo», de Uberlândia, publicava, entre outras coisas, um aviso de uma das empresas locais de cinema, dando conta da elevação dos preços dos ingressos do Cine Uberlândia e do Éden-Cinema, para 30 e 20 cruzeiros, respectivamente. No mesmo dia, no mesmo jornal, um redator, comentando a situação de intranquilidade social reinante no País, concluía: «O povo acossado pela fome e pelo desemprego pode irromper e praticar um novo 14 de julho...». E, efetivamente, Uberlândia, naquele mesmo domingo, foi palco de acontecimentos muito semelhantes aos que, em 1789, deram início à Revolução Francesa.

confecção do calendário, o «Lunário Português», de Jerônimo Cortez Valenciano, editado em Lisboa, contendo previsões do tempo para cem anos, e «destinado a todos os reinos e províncias».

Hoje, embora cansado, com o cérebro cheio de feriados e fases da Lua, o responsável pela «Folhinha Mariana», continua gastando meio ano na sua confecção. E, ultimamente, teve um dissabor, quando, pela primeira vez, sua folhinha apareceu com um êrro: entre a confecção de 1959 e o início do ano, o Governo achou de mudar a Lei do Selo. Quando soube da coisa, não havia mais tempo para corrigir as folhinhas, já impressas e distribuídas. Agora, muita gente vai selar erradamente seus documentos, porque a selagem está assim na «Folhinha Mariana», e a «Folhinha Mariana» não falha nunca.

J. K., OU O OTIMISMO

TRANSPIRANDO otimismo, atormentado pela massa de números, revelando a sua constante mas nem sempre bem sucedida preocupação com as datas certas, o Sr. Juscelino Kubitschek estêve em Belo Horizonte, «prestando contas ao povo brasileiro da sua atuação». Marcou para 15 de fevereiro o início da batalha de recuperação do nordeste; garantiu a realização integral da ação em 1962, na indústria de estradas de rodagem; fixou a inauguração da estrada Belém-Pôrto Alegre para o dia 31 de janeiro; afirmou que Brasília é uma trincheira deslocada «1.100 quilômetros para dentro do Brasil»; prometeu a imediata extinção de mais de 20 mil cargos públicos; falou na indus-

tria naval (2 navios já em 1960), na siderurgia (3,5 milhões de toneladas de aço em 1962), na indústria de cimento (5 milhões de toneladas no fim do seu governo) e não se esqueceu de informar que, em 1960 estaremos com uma produção de 170 mil motores por ano, e que, com isso, teremos 160 bilhões de cruzeiros em divisas economizadas apenas pela indústria automobilística.

Falou tudo isso em conferência pronunciada na Associação Comercial de Minas, diante das câmaras da televisão e de microfones de uma cadeia de emissoras. Falou 2 horas e o Brasil ouviu cheio de espanto, chegando afinal à conclusão de que, realmente, todos nós andamos enganados, pois a ser verdade o que disse, o Brasil vai bem, obrigado.



FILA NO I. E.
Ensino depende da sorte.

PANORAMA DA EDUCAÇÃO

QUATROCENTOS milhões de cruzeiros deverão ser empregados, de acordo com a lei nº 1.903, recentemente sancionada pelo Governador do Estado, na conservação e melhoramentos de prédios escolares em Minas, no decorrer deste ano. Trata-se de medida que já tardava de muitos anos, pois ninguém ignora que, entre outras deficiências, vinha o ensino em nosso Estado lutando com essa deficiência capital.

Por outro lado, a mesma lei cancelou o auxílio anual de 350 mil cruzeiros à Universidade de Minas Gerais (Federal), além de reduzir à metade a dotação correspondente a 1/28 da taxa de Recuperação Econômica, destinada ao Instituto de Pesquisas Radioativas da U. M. G., numa demonstração de que o Governo também está ciente de que pouco adianta proteger o ensino de cúpula, sem previamente dar-lhe uma base sólida.

Ao problema do deterioramento dos prédios escolares junta-se o da insuficiência numérica de estabelecimentos de ensino. Neste passo, a situação mostra-se mais clara por meio de um exemplo típico: por ocasião da abertura das matrículas do Instituto de Educação de Belo Horizonte, os pais, interessados em matricular seus filhos, foram surpreendidos, depois de passar a noite nos corredores do prédio, para não perderem a vez, com a decisão de se sortearem as vagas (poucas) existentes. Nos grupos escolares outras tantas filas se formaram pelo mesmo motivo.

Agora que uma lei vem, em boa hora, destinar recursos à solução de um dos problemas do ensino, não vemos por que negar ao governador Bias Fortes o nosso aplauso. Gostaríamos também de poder aplaudir o Sr. Secretário da Educação pelas providências que viessem a tomar no sentido de resolver os outros.

Inicialmente, a fúria popular voltou-se contra os cinemas cujos preços haviam sido majorados. E' que, além de tornar insuportavelmente caro o pão, as autoridades, liberando os preços dos ingressos, também negavam o circo ao povo...

Houve intervenção da Polícia Militar e da Polícia Civil, houve perda de vidas e derramamento de sangue, houve depreciação e saque de estabelecimentos comerciais, contra os quais se voltaram os revoltados, depois de depredarem os cinemas, houve detenção de centenas de pessoas. Dos detidos, dezenas foram interrogados, no inquérito que se instaurou para apurar as causas do movimento. Inquérito inútil ou, pelo menos, desnecessário, uma vez que tudo poderia ser resumido numa única pergunta, para a qual só poderia haver uma resposta: a situação vai cada vez pior, por causa dos constantes e cada vez maiores sacrifícios impostos à parcela maior dos nossos compatriotas.

A prova de que tudo isso é verdade está na quase repetição dos acontecimentos de Uberlândia em várias outras cidades do Brasil. E o pior é que, não obstante essa indiscutível certeza, as autoridades teimam em permitir que as coisas continuem pelo mesmo caminho.

APARATO POLICIAL

Metralhadoras não matam fome.





LIMPO DE ABREU E SENHORA
No princípio, sorrisos.



O PSIQUIATRA ABELARDO
No final, sangue e lágrimas.

RIO-SÃO PAULO: TRAGÉDIAS

PICADEIRO

UM menino de 4 anos, hoje órfão de pai e mãe, e uma jovem agora viúva, de 28 anos, viram-se transformados em personagens de tragédias.

Antônio Paulino Limpio de Abreu Filho perdeu pai e mãe quando o industrial Antônio Paulino Limpio de Abreu, de 50 anos, descarregou seu revólver «32», contra D. Leila Dourado Lopes, com que se casara em 1952, em cerimônia que canalizou as atenções do «society» do Rio e São Paulo. Depois de desfachar os tiros fatais, o acusado tomou de um outro revólver e disparou duas vezes contra o próprio peito. Morreu. Em seu poder foi encontrado um terceiro revólver carregado. A quem se destinariam mais estas balas? Até hoje não se encontrou a resposta, nem é provável que venha a ser encontrada.

Sílvia Rosalina, Pinto Sampaio de nascimento e Marchione pelo seu casamento com o industrial Sílvio Marchione, ficou viúva poucos minutos após a celebração da cerimônia religiosa, na Igreja de Santa Teresinha, em São Paulo, quan-

do o médico Abelardo Ribeiro de Paiva, psiquiatra de 28 anos, penetrou no recinto onde ela recebia com o noivo os cumprimentos, e alvejou o rapaz com quatro tiros e a moça com dois. Sílvia morreu no local, Sílvia ficou gravemente ferida e Abelardo quase morreu também nas mãos dos convidados que chegaram a iniciar um linchamento.

No primeiro caso, havia um processo de desquite em andamento, movido por Leila contra seu marido, o qual, no mesmo ano do casamento, já dera uma demonstração do seu ciúme doentio, ao tentar assassinar o noivo daquela que viria a ser sua vítima.

Quanto a Abelardo, era de longa data apaixonado por Sílvia, embora nem ela nem seus familiares soubessem dêsse seu sentimento. Agora psiquiatra da penitenciária onde se encontra recolhido, ele confessa por escrito, e em tom patético: «Agi de maneira tresloucada, por ciúme». Detalhe: Antes de cometer o crime, ele havia bebido um litro de uísque.

TÓPICO

FEIJÃO, MILHO E PROTECIONISMO

OS economistas adeptos do protecionismo cambial e alfandegário são unâmes em reconhecer no seu colega alemão Frederico List o legítimo «apóstolo do protecionismo». Com efeito, tendo-se dedicado por inteiro ao estudo dos problemas econômicos, List fez verdadeiro apostolado, na teoria e na prática, tendo

sido um dos maiores responsáveis no campo da Economia, pela unificação da Alemanha no século passado.

Pregava List um protecionismo a ser aplicado exclusivamente à Indústria. A Agricultura não deveria ser protegida dessa maneira, uma vez que, caso o fosse, faria elevar-se de muito o custo dos gêneros alimentícios, que, entendia ele, deveriam ser obrigatoriamente baratos para facilitar a implantação de uma Indústria. Assim, antes de tentar-se a industrialização, seria de todo indispensável, na opinião do «apóstolo», que tal país fizesse tudo para desenvolver ao máximo sua agricultura.

*

Noticiaram há pouco os jornais da Terra o propósito do Coronel

BIAS EXORTA

OSR. Bias Fortes sempre gosta de veicular seus pontos de vista através da imprensa carioca, mesmo quando os problemas em foco interessam mais de perto à opinião da coletividade mineira. O fato se explica, talvez, pela notória preocupação do ilustre chefe do Governo Mineiro com a repercussão de suas palavras no centro de gravitação da alta política nacional, em redor do Palácio do Catete (ou da Alvorada), como candidato em potencial à sucessão do Sr. Kubitschek.

Ainda agora, podemos ler num semanário carioca que foi ouvi-lo em sua fazenda de Barbacena, as últimas declarações do Sr. Bias Fortes, envolvendo, entre outros, o problema da sua própria sucessão em Minas. Dada a importância desse pronunciamento, justifica-se o interesse com que o destacamos aqui, para conhecimento dos nossos leitores.

Interrogado sobre os candidatos à sua sucessão (eleição do próximo ano), o Sr. Bias Fortes declarou que considera dignos do cargo de Governador qualquer dos candidatos pessedistas já conhecidos: Valadares, Alkmín, Israel, Pinheiro Chagas, Ribeiro Pena, Capanema, etc. Revelando, porém, os seus receios de uma possível cisão nas hostes pessedistas, assim concluiu o seu pensamento:

— «A única observação que me cabe fazer consiste numa exortação (o grifo é nosso) para que se mantenha a unidade partidária, porque, do fortalecimento dos partidos depende, por muito, a estabilidade do regime».

Como se pode perceber, o acirramento dos ânimos pessedistas, com vistas ao domínio do Palácio da Liberdade no próximo quinquênio, é um fato que não corre sólamente por conta dos mexericos da crônica política. Para um bom entendedor, meia palavra basta. Ou, como diria o prestigioso deputado Ovídio de Abreu: — onde há fumaça, tem fogo. Ou pelo menos brasas...

presidente da COFAP de importar dos Estados Unidos grandes partidas de milho e de feijão. Por outro lado, noticiou-se também que milho e feijão, em quantidades assombrosas, encontravam-se nas fontes de produção, aguardando transporte para os centros de consumo. Verdade ou não, a contradição traz à baila um problema brasileiro quase tão velho quanto o Brasil. País tido e havido por «essencialmente agrícola», vê-se, de repente, transformado, ou quase, em «grande potência industrial». A custa de numerosas medidas, nem sempre bem fundamentadas, inclusive um protecionismo que sai demais caro para os bolsos da população em geral, caminha o Brasil para o seu

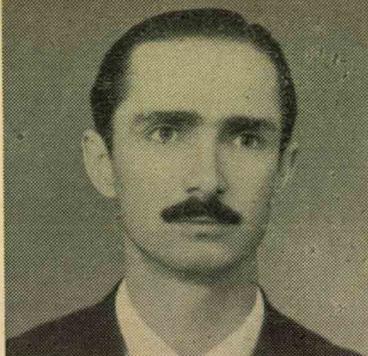
AUTOFINANCIAMENTO

(Segundo Capítulo)

QUEM solicita «financiamento» ao amigo, isto é, quem pede «algum» e emprestado, não passa de «morde-dor». E' o que diz o lúcido advogado, professor, político e cronista, Alberto Deodato, ao tratar do problema do autofinanciamento pretendido pela Companhia Telefônica de Minas Gerais (Light). Mas esclarece: «A Companhia Telefônica não quer morder. Quer um financiamento. E para não empregar a palavra, inventou outra antes. Autofinanciamento. Auto é «a si mesmo». No caso, acrescenta, «o assinante compra o aparelho, mas não fica dono do que comprou. E ainda paga para usar o que comprou. E mais: se o telefone que comprou, com o tempo, ficar mais caro, o assinante que entra no reajustamento do preço».

Trata-se de uma análise e de uma opinião, e opinião que parece ser de todos os que combatem o mal-sinado projeto nº 118, concedendo o autofinanciamento, que a Câmara Municipal aprovou em primeira discussão. E foi «no peito» que aprovou em segunda e terceira, porque o dentista e vereador Leopoldo Garcia Brandão havia requerido e obtido mandado de segurança liminar, suspendendo o andamento do projeto, com o que não se conformou a chamada «bancada telefônica» (de onze vereadores), que se reuniu já de madrugada para a votação final, concluída às quatro e cinco do dia 30 de janeiro, ausentes os vereadores contrários à proposição.

A atitude do vereador é, aliás, bem característica. Foi ele um dos poucos edis que deram cobertura, na Câmara, ao ex-prefeito na luta contra o autofinanciamento, nos moldes pretendidos. Há tempos, quando foi votado o aumento dos subsídios dos parlamentares, ele, depois de combater veementemente também este projeto, recusou receber a parcela correspondente à majoração. E, tão logo foi confirmado o desacato dos seus pares à decisão judicial, o mesmo Sr. Leopoldo Garcia Brandão



VEREADOR LEOPOLDO BRANDÃO
Encontrou o remédio heróico.

ingressou na justiça, procurando processar criminalmente os onze.

Nessa história tóda, entretanto, não se destacou apenas o vereador Leopoldo Brandão. A história chegou ao Congresso Nacional, na palavra do Deputado Octacílio Negrão de Lima, que analisou detidamente o problema e concluiu pela iniquidade do projeto: «O processo de transformar os assinantes em acionistas traz, de início, uma iniquidade: é que fica havendo assinantes acionistas e assinantes não acionistas».

A esta altura, descansando de 4 anos de administração cheia de impactos de tóda sorte, o Sr. Celso Azevedo — «Meu ponto de vista é contra» — que foi a maior personagem na luta contra a Telefônica (Light), tendo vetado integralmente o projeto, como derradeiro ato da sua administração, tem a consciência tranquila. Menos tranquilo, todavia, mas não de consciência, talvez esteja o juiz Edésio Fernandes, que acolheu o pedido de mandado de segurança. Há pouco mais de 3 anos, num dos primeiros capítulos da luta, fôr removido o promotor que tivera a coragem de apresentar denúncia num processo movido pela Municipalidade contra a Companhia. Quem dirá que não acontecerá o mesmo com o juiz? Se acontecer, porém, haverá de sobrar alguma coisa para o Tribunal de Justiça do Estado que, pelo voto do desembargador João Martins, confirmou a decisão da primeira instância, que concedeu a liminar no mandado de segurança contra a Câmara Municipal de Belo Horizonte.

destino de «líder» latino-americano. Não há negar que a política de industrialização merece realmente ser incentivada; mas não há negar também que, se não têm razão outros pontos, têm-na tóda os protecionistas quando dizem que, sem agricultura desenvolvida, não é possível nenhum outro progresso. Em nosso caso, o problema é mais de desenvolver que de proteger.

Recentemente, em discurso no Senado, o Sr. Benedito Valadares, lembrando-se talvez de tudo isto, afirmou: «Em matéria de agricultura ficamos ao limpo. A agricultura absorve os operários do campo. A indústria brota, como deveria ocorrer também com as florestas. Mas ainda não é irremediavelmente tarde; vamos todos, governo, fazendeiros,

técnicos, militares, padres, jornalistas, professores rurais, empenhar-nos numa grande campanha agrícola».

«Mutatis Mutandis», foi mais ou menos o mesmo que afirmara o Sr. Nikita Khrushchev, ao anunciar o plano setenatal em andamento na União Soviética, cujo ponto capital está na preocupação de dobrar a produção agrícola «per capita». E o Sr. Kubitschek, na sua recente «prestação de contas» feita em Belo Horizonte, revelou não desconhecer como andam as coisas, no que se refere ao progresso material, na URSS e na China Comunista, freqüentemente citadas. Só não as mencionou quanto à produção agrícola. Aliás, de agricultura ele não disse uma vírgula.

REGISTRO

★ Mais um grande banco mineiro ultrapassa a casa dos dez bilhões de depósitos: Banco Nacional de Minas Gerais. Com apenas 15 anos de vida, o poderoso estabelecimento, fundado e presidido pelo deputado Magalhães Pinto, coloca-se como o segundo banco particular do Brasil e um dos maiores da América Latina.

★ A propósito de bancos, o «Mercantil de Minas Gerais» está brilhando com mais intensidade entre os seus congêneres mineiros. Seus diretores integraram por muitos anos a alta administração do Banco da Lavra, formando sua técnica e o seu conceito à sombra da experiência de José de Magalhães Pinto. Vai abrir agora seis agências em Belo Horizonte, duas no Rio e duas no interior de Minas. E seus depósitos já se aproximam dos 2 bilhões.

★ Paralelamente aos estudos para a criação da Siderúrgica do Vale do Paraopeba (45 e depois 90 mil toneladas de aço inoxidável por ano), a Companhia Vale do Rio Doce está, por sua vez, dando andamento ao projeto, de autoria do engenheiro José Lima Barcellos, (também autor dos estudos iniciais da SIVALPA), de construção de uma usina para aproveitamento, sob a forma de ferro-esponja, do «fino» (até agora desperdiçado) do minério de ferro do Caué, em Itabira.

★ A publicidade oficial está sempre caindo no ridículo perante a opinião esclarecida. Ainda agora, uma nova empresa de economia mista (CAMIG) vem a público, ocupando grandes espaços (bem pagos) nos jornais, procurando demonstrar a «aceitação» que suas ações teriam encontrado na economia popular mineira. E anuncia que conquistou 804 acionistas, os quais teriam subscrito a soma de vinte milhões, em números redondos. Mas todos sabem que o capital dessa empresa é de 600 milhões, o que reduz a «aceitação» a apenas 3,3% do seu capital social... Enquanto isto, atendendo ao apelo de um grupo particular, para um prado de corridas de cavalo, os mineiros subscrivem, rapidamente, 50 milhões! Como se vê, os títulos públicos continuam mal cotados, lamentavelmente mal cotados.

★ O mundo quase veio abaixo, quando se soube que a Esso-Standard do Brasil aplicava cerca de 31 milhões de cruzeiros por ano, em sua propaganda no País. A coisa cheirava a suborno da imprensa, do rádio e da televisão, aos narizes de todos os nacionalistas do «petróleo é nosso». E vem agora o outro lado do problema, quando se apura, na Comissão Parlamentar de Inquérito, que a nossa cabocla «Petrobrás» investiu, sómente no ano passado, 56 milhões com a mesma finalidade. Que dirão agora os mesmos nacionalistas, já que a Petrobrás não tem necessidade de subornar a opinião da imprensa, que lhe é totalmente e graciosamente favorável? E o pior é que ninguém viu tanta propaganda...

★ Procurando obter as boas graças da nova Câmara Municipal, para um novo «round» na batalha do autofinanciamento, a Cia. Telefônica Mineira (Light), mandou instalar telefones nas residências dos novos vereadores que ainda não os possuíam e estavam na fila há vários anos.

AMOR

MARIA LYSIA
CORRÉA DE ARAÚJO

QUANDO se pensa que já se está livre e longe de tudo, que já o coração é rocha pura, que uma lua nada significa, eis que um bolero cantando despedidas e nuvens correndo fazem a gente ficar com a alma doendo, vem uma vontade de andar de mãos dadas, desejo de pureza no passeio. Andar de lá para cá, conversar bobagens, não querer que chegue o momento de ir embora. Emoções baratas? Talvez. O bolero amanhã, com o sol quente, talvez vá tornar-me envergonhada de todo este sentimentalismo adolescente. Mas que está bom, está. Não sei por que, nunca vi nuvens correrem tanto sobre uma lua tão linda. "Dispido de ti", choroso, canta não sei quem. Vem um frio da janela e as lembranças chegam. Os dezesseis anos pedindo a Deus que não chova ou que chova depois das nove, quando ele fôr embora. "Não, não pode chover. Nós vamos passear. Prometo mil ave-marias se o tempo continuar bom, meu Deus!" Que beleza de oração!... E me lembro ainda da empregada que ensinava fazer uma cruz de sal para tudo dar certo. Do portão, observando a esquina que custava a trazer o amado. "Agora é. Não, não é".

Espera angustiosa. De repente lá surgiu o maravilhoso, a alegria, o tudo. Sim, porque era o tudo. Nos cadernos, só aquêle nome, suas iniciais em todos os desenhos e coloridos. No livro de reza uma pétala de rosa já parecendo papel de tão guardada e amassada e beijada. Beijos? Não. Só nas pétalas. Eram mãos dadas, felicidade de estar junto, mais nada.

Chego à janela. A lua continua belíssima, agora já não é mais um bolero, mas um samba-canção falando tristezas de amor. O coração vai ficando cada vez mais mole. Se tocar mais um bolero ele se derreterá completamente.

Pois é, quando se pensa que o coração já está mais que empedernido (até parece palavra de melodrama...), quando se pensa que não existem mais lágrimas, tudo seco, seco, eis que uma lua e um bolero facilmente derrubam a muralha. Que se há-de fazer? Emoções baratas... que seja isto. Mas é bom, a gente volta, de tranças, está-se de mãos dadas num passeio, de lá para cá. Pureza, amor.

EXPEDIENTE

ADMINISTRAÇÃO :

Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar
— Fones: Gerência 2-4251; Redação: 2-0652 — Caixa Postal 279 —
End. Teleg. "ALTEROSA" — Belo Horizonte — Minas Gerais —
Brasil.

Espanha. Para os demais países
vigoram os seguintes preços: US\$ 5,00 para 2 anos, US\$ 3,00 para 1
ano e US\$ 2,00 para seis meses.
As assinaturas começam sempre
com a primeira edição de qualquer
mês.

SUCURSAL NO RIO :

Diretor: Ulisses de Castro Filho
Rua da Matriz, 108 — conj. 503
Fone: 26-1881.

VENDA AVULSA :

Em todo o Brasil Cr\$ 15,00
Portugal e Colônias ... Esc. 5,00
Número atrasado Cr\$ 20,00

REP. EM SÃO PAULO :

Newton Feitoza — Rua Boa Vista,
245 — 3º andar — Fone: 33-1432.

REDAÇÃO: Miranda e Castro,
diretor; Neil R. da Silva, se-
cretário.

ASSINATURAS :

2 anos (48 números) ... Cr\$ 600,00
1 ano (24 números) ... Cr\$ 320,00
1 semestre (12 números) Cr\$ 170,00
Preços para todos os países do
continente americano, Portugal e

ARTES: Álvaro Apocalypse,
Eduardo de Paula, Euclides L.
Santos, J. C. Moura, Jeronymo
Ribeiro, Pinho e Wilma Martins.

SEÇÕES: André F. de Carvalho,
Cristiano Linhares, Delauro Baum-

gratz, Garry C. Myers, Gibson
Lessa, Gilberto de Alencar, Leonor
Telles, Maria Madalena, Oscar
Mendes, Pessôa Esteves, Stella
Marina e Temple Manning.

FOTOGRAFIAS: Augusto Cardoso,
Dario Carrera Justo, Hiroshi
Watanabe, José Nicolau, Nivaldo
Corrêa, Câmera Press, INP, Keys-
tone, Reuter e Transworld.

CORRESPONDENTES: Olga Obry,
e Domingos de Lucca Junior, em
Paris; Orlan Cavalcanti, em Hol-
lywood; Gastão Fernandes dos
Santos, em Roma.

A redação não devolve originais
de colaborações ou fotográficos
não solicitados.

Os conceitos emitidos em artigos
assinados não são de responsa-
bilidade da direção da revista.

Isto é que é
PREÇO
 do tempo
 do onça...



138 MIL CRUZEIROS de economia em cada inserção de uma página!

ESTA é uma mensagem preparada especialmente para o anunciante que usa a propaganda direta, distribuída pelo Correio. Mas interessa, também, a todos os demais anunciantes pelo que encerra de expressivo e documentário da única coisa que tem podido resistir, no Brasil, aos efeitos arrasadores da inflação: o anúncio em revistas.

Contra fatos não há argumentos e assim apresentamos os resultados de um confronto entre o custo de uma página em ALTEROSA e o preço que o anunciente brasileiro deve pagar para remeter a sua mensagem, pelo Correio, considerando-se a hipótese de que já tenha reunido um fichário com 80.000 endereços selecionados.

Além da substancial economia acima demonstrada, terá ainda o anunciante outras vantagens apreciáveis: economia de tempo, de trabalho, maior duração da mensagem e a certeza de que esta atingirá, em sua totalidade, leitores selecionados.

Anuncie por muito menos e com mais eficiência, utilizando

Custo de 80.000 volantes do tamanho de uma página de ALTEROSA, impressos de um só lado, em papel acetinado nacional de segunda (inferior ao da revista) de acordo com a tabela do Sindicato das Indústrias Gráficas de Belo Horizonte ..

Custo de 80.000 envelopes tipo "Comercial" branco

Taxa postal para remessa

Despesa com salário mínimo, para endereçar e expedir

Cr\$ 34.000,00

26.000,00

72.000,00

26.000,00

CUSTO DA PROPAGANDA DIRETA

Cr\$ 158.000,00

PROPAGANDA EM REVISTA —

Custo de uma página contendo a mesma mensagem, com idêntica tiragem, aos leitores de ALTEROSA

Cr\$ 20.000,00

LUCRO DO ANUNCIANTE EM CADA INSERÇÃO

Cr\$ 138.000,00

Alterosa

A revista da família brasileira

80.000



EXEMPLARES

CONTINUA
EM FRANCA
ASCENÇÃO
A TIRAGEM DE
ALTEROSA

E FÁCIL COMPROVAR

A tiragem de ALTEROSA pode ser comprovada pelos seus anunciantes em qualquer oportunidade e sem aviso prévio. Para isso, facilitam-se, com prazer, todos os meios de verificação, inclusive o exame da contabilidade e a própria assistência da tiragem nas oficinas da revista.

Nos algarismos representativos de sua tiragem, reside a expressão da preferência pública por uma revista. Alcançando, desde a sua edição da primeira quinzena de dezembro, a expressiva tiragem de 80.000 exemplares, ALTEROSA tem a satisfação de constatar a desvanecedora preferência com que vem sendo distinguida pela sociedade brasileira, especialmente em Minas Gerais, em cujo território são distribuídos atualmente mais de 30.000 exemplares, ou seja cerca de 40% de sua tiragem total. Registrando o auspicioso acontecimento, ALTEROSA apresenta ao público a expressão de seu reconhecimento, pela simpatia que lhe tem sido dispensada, e reafirma os seus propósitos de continuar a servi-lo cada vez melhor.

EM TÔDA PARTE AUMENTA SEM CESSAR O PÚBLICO DE

ALTEROSA

A REVISTA DA FAMÍLIA BRASILEIRA